



COLEÇÃO UMA JORNADA PELA ÉTICA ANIMAL

DO BÁSICO AO AVANÇADO

VOLUME IX

A ÉTICA E O FUTURO

O QUE SÃO RISCOS DE SOFRIMENTO
FUTURO E COMO PREVENI-LOS

Luciano Carlos Cunha



COLEÇÃO UMA JORNADA PELA ÉTICA ANIMAL

DO BÁSICO AO AVANÇADO

VOLUME IX

A ÉTICA E O FUTURO

O QUE SÃO RISCOS DE SOFRIMENTO
FUTURO E COMO PREVENI-LOS

Luciano Carlos Cunha

COLEÇÃO UMA JORNADA PELA ÉTICA ANIMAL
DO BÁSICO AO AVANÇADO

VOLUME IX

A ÉTICA E O FUTURO

O QUE SÃO RISCOS DE SOFRIMENTO
FUTURO E COMO PREVENÍ-LOS

Luciano Carlos Cunha

SOBRE O AUTOR

Doutor em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina, coordenador geral no Brasil das atividades da organização [Ética Animal](#) e criador do site [Senciência e Ética](#). É também autor dos livros [Uma breve introdução à ética animal: desde as questões clássicas até o que vem sendo discutido atualmente](#) e [Razões para ajudar: o sofrimento dos animais selvagens e suas implicações éticas](#). Publicou também capítulos em outras obras e artigos em periódicos especializados, que [podem ser lidos aqui](#).

Orcid: 0000-0003-3022-8121



SOBRE A OBRA

Este livro apresenta o debate sobre questões éticas referentes ao futuro em longo prazo, em especial os riscos de sofrimento futuro: o que são, como identificá-los e como preveni-los.

ISBN nº 978-65-01-55743-4

1ª edição

Julho de 2025.

Esta obra faz parte da coleção *Uma Jornada pela Ética Animal: Do Básico ao Avançado*, coleção que tem como objetivo oferecer, com textos didáticos porém aprofundados, uma análise das muitas questões discutidas na área de ética animal desde o seu surgimento até os dias atuais.

A produção deste trabalho foi financiada pela organização [Ética Animal](#).



Ética Animal

SUMÁRIO

1. Riscos futuros para os seres sencientes: uma introdução	10
1.1. O passado, o presente e o futuro	10
1.2. O que são riscos-s?	11
1.3. Diferenças entre riscos-s e riscos-x	12
1.4. Medindo a seriedade de um risco-s	12
1.5. Riscos-s e novas tecnologias	13
1.6. Classificação dos riscos-s de acordo com a maneira como surgem	13
1.6.1. Riscos-s incidentais	14
1.6.2. Riscos-s agenciais	14
1.6.3. Riscos-s naturais	15
1.7. Outras classificações	16
1.8. Alguns exemplos de riscos-s	17
1.8.1. Aumento da exploração animal	17
1.8.2. Expansão do sofrimento dos animais selvagens	18
1.8.3. Criação de novas formas de senciência	19
1.9. Conclusão	20
2. Imparcialidade temporal: o que é, e por que é importante	21
2.1. Introdução	21
2.2. O viés temporal	21
2.3. Imparcialidade	22
2.4. Imparcialidade temporal	22
2.5. A objeção de que seres futuros são apenas seres em potencial	23
2.6. Rejeitar a imparcialidade temporal justifica desconsiderar os seres futuros?	25
2.7. Conclusão	25
3. A objeção de que seres futuros são apenas seres em potencial.....	27
3.1. A objeção de que devemos nos preocupar apenas com os seres que já existem	27
3.2. Devemos nos preocupar somente com os seres sencientes já existentes?	27
3.3. Normalmente a luta pelos animais já é a luta por possíveis seres futuros.....	29
4. Que razões existem para focarmos no longo prazo?	32
4.1. O que é longoprazismo?	32
4.2. O que veremos neste capítulo?	33
4.3. Por que adotar uma meta longoprazista?	33

4.4. Razões a favor de um foco prático longoprazista.....	33
4.5. O debate sobre o foco no longo prazo	35
4.5.1. É melhor deixar os problemas futuros para as gerações futuras?	35
4.5.2. Focar no presente tem mais influência?	36
4.5.3. A objeção de que o grau de certeza quanto ao presente é maior	37
4.5.4. A objeção de que o futuro é tão incerto que não temos como decidir.....	38
4.5.5. A objeção de que o foco no longo prazo implicaria negligenciar o presente	39
4.6. Conclusão	40
5. Devemos focar em prevenir riscos-s ou riscos-x?	41
5.1. Riscos-s e riscos-x	41
5.2. Discutindo uma tentativa especista de defender o foco nos riscos-x	41
5.3. A alegação de que a humanidade é essencial para prevenir sofrimento.....	42
5.4. A alegação de que conseguiremos mais recursos se priorizarmos humanos.....	42
5.5. Razões para focarmos mais nos riscos-s.....	43
6. Quais metas priorizar em longo prazo?	45
6.1. Diferentes metas que alguém poderia querer alcançar em longo prazo	45
6.2. Do que depende o foco em evitar sofrimento?	46
6.2.1. Calculando o quanto focar em evitar sofrimento.....	46
6.2.2. Aplicando o mesmo raciocínio a outras metas	47
6.3. Quem poderia aceitar o foco em prevenir sofrimento?	47
6.4. Alguns argumentos para dar um peso maior à meta de evitar sofrimento	48
6.4.1. O exemplo da garantia (primeira versão)	48
6.4.2. O exemplo da garantia (segunda versão).....	49
6.4.3. O exemplo da tortura	49
6.4.4. O argumento de que evitar sofrimento melhor maximiza o saldo positivo.....	49
6.5. O quão pessimistas precisamos ser sobre o futuro para focarmos no sofrimento? ...	50
6.5.1. O argumento de que a tecnologia tornará desnecessário causar sofrimento	50
6.5.2. O argumento de que as coisas tendem a melhorar.....	51
6.5.3. A probabilidade dos riscos-s não é insignificante, e isso é suficiente.....	52
6.6. A meta de evitar mortes prematuras	52
6.6.1. O quão afortunado ou desafortunado alguém foi com a vida que teve?.....	53
6.6.2. Pesando a meta de evitar sofrimento e a meta de evitar a morte.....	54
6.7. Conclusão	55
7. De que consiste o foco nos riscos-s?	56

7.1. Introdução	56
7.2. Como será provavelmente a distribuição do sofrimento ao longo do futuro?	56
7.3. O foco nos riscos-s não implica um foco estreito	57
8. Identificando fatores de risco para os riscos-s	58
8.1. O que são fatores de risco e qual a importância de identificá-los	58
8.2. Tecnologia avançada	58
8.3. Aversão à tecnologia	59
8.4. Falta de consideração por seres sencientes não humanos	60
8.5. Falta de esforços para reduzir riscos-s	60
8.6. Esforços equivocados ou ineficazes para reduzir riscos-s	61
8.7. Polarização, conflito e hostilidade	61
8.8. Falta de segurança contra agentes que almejam causar sofrimento	62
8.9. Interação entre vários fatores de risco e entre várias formas de preveni-los	62
8.10. Conclusão	63
9. Estratégias longoprazistas: amplas e direcionadas	64
9.1. O que são estratégias amplas e estratégias direcionadas	64
9.2. Vantagens e desvantagens de cada tipo de estratégia	64
9.3. Exemplos de estratégias amplas	64
9.3.1. Aumentar a consideração pelos seres sencientes	64
9.3.2. Aumentar nossa capacidade de ação no futuro	65
9.4. Exemplos de estratégias direcionadas	66
9.4.1 Algumas estratégias focadas em evitar a exploração animal	66
9.4.2. Algumas estratégias focadas em evitar o sofrimento dos animais selvagens	66
9.4.3. Algumas estratégias focadas na consideração por novas formas de senciência	67
9.5. Precauções ao se escolher estratégias longoprazistas	67
10. Por que focar na consideração pelos seres sencientes e no futuro?	68
10.1. Por que a maneira como afetaremos os seres futuros é pouco discutida?	68
10.2. Por que é importante promover a consideração por todos os seres sencientes	69
10.3. Riscos ao se defender a consideração pelos seres sencientes	69
10.3.1. Risco de rejeição e antagonismo	69
10.3.2. Risco de promover os valores opostos sem querer	69
10.4. Promovendo a preocupação com os riscos-s e com o futuro	70
10.5. Conclusão	71
11. Mudando o debate público, as formas de ativismo e as instituições políticas	72

11.1. Política e riscos-s	72
11.2. O ideal de dois passos.....	72
11.3. Natureza tribal e polarização	74
11.4. Aumentando o padrão do debate público	75
11.5. A estratégia da abordagem de leque amplo	76
11.6. Melhorando as instituições	78
11.7. Por que uma pequena melhora já faria uma grande diferença.....	80
12. Moldando as tecnologias emergentes para prevenir sofrimento futuro.....	81
12.1. Introdução	81
12.2. Argumentos prós e contra focar em moldar a inteligência artificial (IA)	82
12.2.1. Por que tentar moldar a IA	82
12.2.2. Riscos do foco em moldar a IA	82
12.2.3. Qual o tamanho da influência das tecnologias?.....	83
12.3. Um exemplo de alinhamento de IA focada nos riscos-s	83
12.4. Evitando riscos indiretos relacionados à IA	84
12.5. Administração do espaço	84
12.6. Possibilidade da criação de outras formas de senciência	86
13. A tríade de influência e o sofrimento futuro	88
13.1. Introdução	88
13.2. A tríade de influência	88
13.3. Relacionando os fatores da tríade de influência	90
13.4. Quando a intenção é prejudicar	91
13.5. O agente indiferente.....	93
13.6. Quando o objetivo é beneficiar.....	97
13.7. Comparando com situações onde não há um agente decisor	99
13.8. O que podemos tentar fazer?	99
13.8.1. Em relação a quem já visa beneficiar	99
13.8.2. Em relação a agentes indiferentes	101
13.8.3. Em relação a agentes que visam prejudicar.....	102
13.8.4. Em relação a acontecimentos sem agentes	103
13.9. Limites da análise feita aqui e como corrigi-los em análises posteriores.....	104
13.10. Conclusões.....	105
REFERÊNCIAS	107

1. Riscos futuros para os seres sencientes: uma introdução

1.1. O passado, o presente e o futuro

O [surgimento da pecuária industrial na década de 1930](#) e sua posterior aplicação em larga escala tiveram como resultado multiplicar enormemente duas coisas: (1) a quantidade de animais mortos e sujeitados a viver uma vida de sofrimento; (2) os níveis de sofrimento para cada animal. Em resumo, a pecuária industrial multiplicou os danos que os humanos causam aos outros animais em uma escala nunca antes vista.

No início do século XX os defensores dos animais provavelmente não imaginariam que dali a algumas poucas décadas surgiria a pecuária industrial. Entretanto, naquela época já havia pistas de que a tecnologia que estava surgindo resultaria na pecuária industrial.

Agora considere dois experimentos de pensamento¹.

(1) Você, indo do presente ao passado

Imagine que você pudesse voltar no tempo, e avisar àquelas pessoas de que algo terrível estava para surgir. Talvez desse tempo de impedir o surgimento da pecuária industrial (ou de, pelo menos, diminuir o seu impacto negativo). É claro, poderia ser tarde demais para tentar alguma coisa. Mas, imagine que a sua máquina do tempo lhe permitisse voltar para bem antes do início do século XX. Ao que parece, o quanto antes você conseguisse voltar, maiores as suas chances de conseguir impedir a catástrofe (ou de, pelo menos, minimizar o seu impacto negativo), pois as pessoas que você influenciaria teriam mais tempo para tentar.

(2) Você, vindo do futuro ao presente

Imagine agora que você é novamente um viajante do tempo, mas desta vez do futuro. Imagine que você veio do ano 4025 para avisar às pessoas do presente de que estaria para surgir coisas

¹ Esses experimentos de pensamento envolvem viagens para o passado. Existe um debate sobre se a ideia de viagem ao passado faz sentido, uma vez que ela [gera vários paradoxos](#). Para um resumo desses paradoxos, ver Law (2023, cap. 4). Mas, lembre-se: esse debate não é relevante agora, pois o que esses experimentos de pensamento visam mostrar não tem a ver com viagem no tempo, e sim, com a importância de se considerar o futuro em nossas decisões.

tão terríveis no futuro que tornariam até mesmo a pecuária industrial "um grãozinho de areia" em comparação. Assim como no exemplo anterior, há uma razão para você voltar para o momento atual. Inicialmente você tentou voltar para épocas mais próximas de 4025, mas viu que seus esforços seriam inúteis: era necessário voltar para épocas anteriores para dar tempo de prevenir as catástrofes. Por essa razão, você veio parar na época atual.

O que esses experimentos de pensamento visam perguntar é: em relação ao que poderia surgir de negativo para os seres sencientes² no futuro, será que estamos nós agora na mesma condição na qual estavam os defensores dos animais antes do surgimento da pecuária industrial? Como veremos a seguir, é sobre isso que trata o conceito de *riscos-s*: sofrimentos em escala gigantesca que poderiam surgir no futuro, e o que fazer para preveni-los.

1.2. O que são riscos-s?

Na atualidade, um número muito grande de animais não humanos sofre intensamente, e em muitos casos, de formas que não existiam no passado. Da mesma maneira, no futuro é possível que surjam novas formas de prejudicar os seres sencientes de forma massiva, em uma escala muitíssimo maior do que a existente até o momento.

Um conceito empregue para tratar desse problema é o de *riscos de sofrimento futuro* (normalmente abreviado como *riscos-s*). Esse conceito diz respeito à possibilidade de no futuro o sofrimento ser aumentado de forma massiva³, e pode ser definido assim:

- *Riscos-s*: riscos de que no futuro ocorram eventos que resultem em sofrimento de magnitude gigantesca⁴, que excede o sofrimento existente na Terra até agora.

O conceito de riscos-s é centrado no sofrimento, mas poderia haver um conceito análogo para tratar de todas as formas de dano que os animais poderiam padecer, e não apenas o sofrimento

² O termo *seres sencientes* será usado aqui como sinônimo de ser alguém, ter uma perspectiva de primeira pessoa, ser capaz de ter experiências, ser um indivíduo, possuir consciência etc.

³ Sobre riscos-s, ver Baumann (2017, 2022); Daniel (2017) e Tomasik (2019b).

⁴ O conceito de riscos-s é baseado na quantidade total de sofrimento, e não na média (isto é, não é baseado no total dividido pela quantidade de indivíduos). Um cenário com uma população enorme pode ser um risco-s mesmo se apenas uma pequena porcentagem dos indivíduos estiver sofrendo (desde que o sofrimento total seja suficientemente grande). Por exemplo, um cenário hipotético onde o sofrimento de todos os indivíduos fosse transferido para um único indivíduo seria um risco-s, pois a quantidade de sofrimento total seria gigantesca. Sobre isso, ver Baumann (2022, p. 8-9)

(como, por exemplo, o [dano da morte](#)). No caso, poderia haver um conceito como *riscos-d* (riscos de danos futuros). Entretanto, neste livro falaremos dos riscos-s por se tratar do conceito que vem sendo amplamente utilizado no debate sobre essas questões apesar de, tecnicamente falando, *riscos-d* ser um termo mais adequado, por ser mais completo.

1.3. Diferenças entre riscos-s e riscos-x

Riscos-s são um conceito diferente de *riscos-x* (*riscos existenciais*). Tanto os riscos-s quanto os riscos-x são sobre [longo prazo](#) e impactos astronômicos. Mas, enquanto riscos-x são sobre riscos de aniquilação da humanidade (ou, pelo menos, de diminuição drástica do seu potencial), riscos-s são sobre cenários com sofrimento astronômico (e, portanto, é um conceito que necessariamente leva em conta todos os seres sencientes).

Certos riscos-s também podem ser riscos-x, mas há riscos-s que não são riscos-x. Por exemplo, há formas de sofrimento sobre seres sencientes não humanos que não prejudicam os humanos, e que podem até mesmo fomentar certos interesses humanos (o consumo de animais é um exemplo).

1.4. Medindo a seriedade de um risco-s

Todo risco-s diz respeito à riscos de sofrimento de magnitude astronômica, mas cada risco-s possui graus diferentes de *seriedade*. Isso é assim porque varia não apenas a *severidade* de cada risco-s (por exemplo, [a quantidade de vítimas que potencialmente seria afetada e o quanto sofreria cada uma](#)), mas também varia a *probabilidade* de cada risco-s se concretizar.

Assim, uma maneira de medir a *seriedade* de um risco-s é multiplicar: *o quão ruim seria o resultado* pela sua *probabilidade de ocorrer* (isso revelaria o seu *desvalor esperado*, ou DE)⁵.

Esse cálculo revela algo importante sobre os riscos-s. Como riscos-s, por definição, são muitas ordens de magnitude superiores ao sofrimento atual (mesmo comparando-os com a [exploração animal](#) somada ao [sofrimento dos animais natureza](#)), o DE de cada risco-s é enorme, mesmo quando a probabilidade de ocorrer for pequena.

⁵ Sobre essa forma de medir, ver Baumann (2022, p. 20-1).

1.5. Riscos-s e novas tecnologias

Um fator que pode dar origem a riscos-s é o surgimento de novas tecnologias. Esse risco é grande especialmente se a tecnologia beneficiaria seus detentores e estes não possuírem consideração moral pelos seres afetados negativamente por ela. Se a humanidade tiver tecnologia avançada, mas não ocorrer progresso moral paralelamente, é grande o risco de isso resultar em sofrimento de magnitude sem precedentes.

Como vimos, no passado um exemplo de como o surgimento de uma tecnologia multiplicou massivamente o sofrimento e as mortes dos seres sencientes foi o advento da pecuária industrial (que, por sua vez, foi resultado da industrialização). Outro exemplo foi o [desenvolvimento de novas tecnologias de armamento](#).

Se não ocorrer a extinção humana ou um colapso da civilização, é provável que a tecnologia continue avançando, talvez permitindo colonizar planetas e até mesmo bilhões de galáxias. Assim, é possível que no futuro surjam tecnologias que tenham um impacto muitíssimo maior, o que aumenta também as chances de seu impacto negativo ser vastamente maior.

Para que cenários de sofrimento astronômico ocorram, não é necessário que os agentes tenham a intenção de prejudicar as vítimas: basta que não se importem (ou se importem muito pouco) com elas — assim como acontece com o ato de consumir produtos de origem animal, por exemplo. As novas tecnologias, junto com a indiferença, já são suficientes para aumentar bastante a probabilidade de ser causado sofrimento de tamanho colossal.

Além disso, pode também acontecer de os agentes a terem intenção de utilizar a tecnologia para prejudicar as vítimas. Ou ainda, o sofrimento em escala massiva pode surgir acidentalmente. Também é possível que os agentes permitam ou promovam que as vítimas sofram [danos naturais](#), quando poderiam ter evitado. Enfim, há muitas maneiras pelas quais um risco-s poderia surgir. Veremos mais sobre isso a seguir.

1.6. Classificação dos riscos-s de acordo com a maneira como surgem

Os riscos-s podem ser classificados de acordo com vários parâmetros. Neste item, veremos como eles podem ser classificados de acordo com a maneira como surgem seguindo a classificação feita por Baumann (2022, p.13-9). No item seguinte, veremos outros parâmetros.

1.6.1. Riscos-s incidentais

Ocorrem quando formas de alcançar certa meta geram bastante sofrimento, mas sem o sofrimento ser almejado por si. Os agentes podem ser simplesmente indiferentes, ou até preferirem uma alternativa sem sofrimento, mas não estarem dispostos a pagar os custos.

Alguns exemplos:

- *Sufrimento como efeito da alta produtividade.* Um exemplo atual é a pecuária industrial. No futuro podem ocorrer cenários similares, mas em escala muito maior.
- *Sufrimento para ganho de informações.* Um exemplo atual é a experimentação animal. Um exemplo no futuro seria a criação de simulações virtuais com seres sencientes digitais para obter conhecimento sobre como os seres sencientes agem.
- *Sufrimento para entretenimento.* Assim como há touradas hoje, pode ser que no futuro sejam criados novos tipos de seres sencientes para formas de entretenimento similares.

1.6.2. Riscos-s agenciais

Ocorrem quando o agente almeja causar o dano. Vejamos alguns exemplos:

- *Sádicos.* As tecnologias futuras podem multiplicar o potencial que eles têm de causar danos.
- *Sentimentos de ódio.* Uma mentalidade tribal do tipo "nós x eles" pode resultar em ódio contra quem pertence a certa etnia, religião, ideologia política etc.
- *Punições extremas.* Exemplos no passado são as formas de punição que eram

aplicadas exatamente porque causavam sofrimento extremo.

Um fator chave em relação ao aumento de riscos-s agenciais é presença de traços malevolentes (*narcisismo*, *psicopatia*, *maquiavelismo* e *sadismo*) em indivíduos poderosos⁶.

1.6.3. Riscos-s naturais

Surgem sem ação de agentes. Por exemplo, independentemente de ação humana, os processos naturais já prejudicam os animais em altíssimo grau, tendendo para maximizar a quantidade de seres sencientes que nascem para ter vidas repletas de sofrimento⁷. Para cada animal que consegue sobreviver, literalmente [milhares ou mesmo milhões nascem apenas para experimentar sofrimento e morrer prematuramente](#). A norma na natureza é serem vítimas de [desnutrição, fome e sede](#), [doenças](#), [lesões físicas](#), [estresse psicológico](#), [eventos meteorológicos hostis](#), [desastres naturais](#), e [conflitos interespecíficos](#), [intraespecíficos](#) e [sexuais](#).

Esses animais são a vasta maioria dos seres sencientes na Terra. Por exemplo, se compararmos as populações de animais explorados pelos humanos e de animais na natureza e fizermos uma analogia com o período de um ano, os primeiros representariam apenas 14 segundos do ano⁸. Todo o restante (364 dias, 23 horas, 59 minutos e 46 segundos) seriam os animais na natureza. *Riscos-s naturais* são os riscos de que o sofrimento decorrente de causas naturais se expanda em uma escala astronômica.

[Esse sofrimento é resultado da maneira como ocorre a seleção natural](#). Por exemplo, o traço de maximizar a quantidade de filhotes oferece uma grande vantagem na transmissão da informação genética: com ninhadas tão gigantescas (com milhares ou mesmo milhões de filhotes, dependendo da espécie) é altamente provável que pelo menos um ou outro sobreviva e se reproduza, passando adiante esse traço. Entretanto, em populações estáveis, sobrevive em média apenas um filhote por adulto⁹ (isto é, dois por ninhada). Todo o restante nasce quase que apenas para experimentar o sofrimento associado à morte.

Se essa maximização do sofrimento é resultado da seleção natural, então, se há outros

⁶ Sobre isso, ver Baumann (2022, p. 54-6).

⁷ Este foi o tema do [Volume VII desta coleção](#).

⁸ Para estatísticas comparativas, ver Tomasik (2019a).

⁹ Para mais detalhes sobre a forma como a dinâmica populacional afeta o sofrimento, ver Horta (2010).

planetas onde a vida senciente chegou a se desenvolver, é provável que isso também tenha ocorrido e continue a ocorrer.

Também há risco de os humanos no futuro virem a expandir esse sofrimento (por exemplo, por meio da propagação da vida para fora da Terra). Embora esse seria já um risco-s incidental, seria também, indiretamente, um risco-s natural.

1.7. Outras classificações

Os riscos-s podem ser classificados quanto a vários outros parâmetros, e não somente em relação ao modo como surgem. Abaixo estão algumas outras possíveis classificações¹⁰:

- *Riscos-s conhecidos e desconhecidos.* Dependem de se conseguimos ou não imaginá-los atualmente (por exemplo, na idade média não se imaginava que surgiria a bomba atômica).

Os riscos-s desconhecidos também podem ser subclassificados de acordo com a maneira como surgem:

- *Incidentais:* quando mecanismos não conhecidos conduzirão a riscos-s incidentais.
- *Agenciais:* pode ser que os agentes venham a ter no futuro razões para causar dano, que ainda não conhecemos.
- *Naturais:* pode ser que o universo já tenha muito mais sofrimento do que pensamos.

Outros parâmetros a partir dos quais é possível classificar os riscos-s são:

- *De acordo com o tipo de ser senciente afetado.* Por exemplo, se é ou não humano, se é ou não orgânico etc.
- *Se são ou não influenciáveis.* Isto é, se é ou não possível fazer algo para preveni-los ou minimizá-los. Entretanto, aqui é importante separar: (1) cenários que, dadas as leis da física, é impossível influenciá-los e (2) cenários que atualmente não é possível influenciar, mas que podem vir a ser influenciáveis no futuro.

¹⁰ Essas outras classificações são exploradas por Baumann (2022, p. 18-19).

Podem existir vários outros parâmetros a partir dos quais classificar riscos-s. A lista acima não deve ser vista como completa.

A seguir veremos alguns exemplos concretos de riscos-s.

1.8. Alguns exemplos de riscos-s

No debate sobre o futuro há uma preocupação em se tentar estimar quais os principais riscos-s e como preveni-los (ou, pelo menos, como fazer para que ocorram em menor medida). Vejamos a seguir três possíveis cenários de sofrimento massivo no futuro e os fatores de risco que poderiam fazer surgir-los. Os fatores de risco serão discutidos em mais detalhes no [Capítulo 8](#). No [Capítulo 9](#) veremos algumas estratégias para preveni-los.

Importante: já que é difícil estimar a probabilidade de o futuro ser dessa ou daquela maneira, os exemplos a seguir são palpites bem informados, mas não necessariamente são os riscos-s com maior probabilidade de ocorrer. Além disso, todos esses exemplos podem ser ainda uma pequena fração dos riscos-s, se comparados aos riscos-s ainda desconhecidos.

Riscos-s podem surgir a partir de um amplo leque de cenários. Portanto, é preciso tomar cuidado com a [heurística de disponibilidade](#), que é o viés que faz com que pensemos que os casos de que lembramos com mais facilidade são necessariamente os mais representativos. Esse viés pode fazer-nos pensar equivocadamente que os riscos-s de que lembramos mais facilmente serão necessariamente os mais prováveis.

Tendo isso em vista, a seguir estão alguns exemplos.

1.8.1. Aumento da exploração animal

Há pelo menos três formas pelas quais é possível que o sofrimento causado pela exploração animal venha a ser aumentado de forma massiva:

- Expandi-lo em escala (isto é, afetar um maior número de seres sencientes).
- Torná-lo qualitativamente pior (isto é, aumentar os danos sofridos por cada animal).

- Criar novas formas pelas quais ele possa acontecer.

Um exemplo de risco-s desse tipo que se concretizou é o [uso de insetos para consumo](#), surgido no final do século XX, e que vem se expandindo em vários países¹¹. Como esses animais são muito pequenos, para se produzir uma quantidade equivalente de carne é necessário que uma quantidade gigantesca maior de indivíduos [sofra](#) e morra¹². Além disso, os invertebrados são tipicamente ainda mais desconsiderados do que os outros animais não humanos. Esse grau de desconsideração potencializa o efeito negativo sobre cada invertebrado. Por exemplo, O espaço destinado aos insetos nas fazendas é extremamente pequeno, ainda menor do que aquele dado aos outros animais em proporção ao seu tamanho¹³.

1.8.2. Expansão do sofrimento dos animais selvagens

Um aumento do sofrimento dos animais selvagens pode ocorrer devido a um aumento do número de animais na Terra (como as práticas de *rewilding*¹⁴, que almejam que os ecossistemas retornem ao seu estado anterior à presença humana) ou devido à propagação intencional ou acidental da vida para fora dela (como na panspermia¹⁵ e na terraformação¹⁶).

Essas práticas podem ser boas de um [ponto de vista ambientalista](#) ou antropocêntrico, mas são muito negativas para os animais afetados. Como vimos, [os processos naturais tendem a maximizar a quantidade de animais que vivem vidas repletas de sofrimento e que morrem prematuramente](#). Isso acontece em uma escala gigantesca, muito maior até do que aquela que ocorre na exploração animal¹⁷, e ocorre em maior medida quanto maior for a quantidade de biomassa vegetal disponível, pois isso implica em um aumento na quantidade de reproduções, o que, por sua vez, está diretamente ligado à maximização do sofrimento¹⁸. Dada a prevalência da visão ambientalista e a desconsideração pelo bem dos animais, a expansão do território natural e da vida são coisas normalmente vistas como totalmente positivas. Contudo, para os animais afetados por tais práticas, seus efeitos são predominantemente negativos¹⁹.

¹¹ Para uma argumentação contra o uso de insetos, ver Cunha.(2023).

¹² Sobre como os insetos são prejudicados na exploração, ver Ética Animal (2021).

¹³ Sobre isso, ver. Ética Animal (2021).

¹⁴ Ver, por exemplo, a organização Rewilding Europe: <https://rewildingeurope.com/> (acesso em 06 jan. 2022).

¹⁵ Ver Meot-Ner e Matloff (1979). Para uma crítica à panspermia enquanto risco-s, ver O'brien (2022).

¹⁶ Ver Burton (2004).

¹⁷ Para uma comparação, ver Tomasik (2019a).

¹⁸ Para uma análise detalhada sobre essa questão, ver o capítulo 36 do [Volume VII desta coleção](#).

¹⁹ Sobre isso, ver Cunha (2021, p. 183-6; 2022, seção 8.2) e Tomasik (2022).

1.8.3. Criação de novas formas de senciência

A criação de novas formas de senciência pode também dar origem a vastas quantias de sofrimento, especialmente se há uma alta probabilidade de esses seres não receberem consideração moral. Exemplos de riscos desse tipo são a criação de animais geneticamente modificados e, especialmente, a criação de formas de senciência não biológicas²⁰.

A possibilidade de senciência não biológica existe porque talvez a senciência apareça toda vez que qualquer estrutura física estiver organizada de modo a fornecer as condições para o seu aparecimento, independentemente de a estrutura ser ou não orgânica. Uma maneira de entender essa possibilidade é por meio do experimento mental a seguir.

Imaginemos que nossos neurônios fossem gradualmente substituídos por neurônios não orgânicos. Se nossa senciência não fosse desaparecendo à medida que os neurônios fossem substituídos, e se continuássemos sencientes após a substituição de todos os neurônios, isso sugeriria que é possível que seres não orgânicos, no futuro, sejam sencientes, caso venham a ter uma estrutura organizada de modo a desempenhar as mesmas funções de um cérebro.

Essa possibilidade é um risco-s porque é alta a probabilidade de, se esses seres virem a existir, não receberem consideração moral por não serem orgânicos, e serem então prejudicados das mais diversas formas, assim como são hoje os animais não humanos. A própria ideia equivocada que muitos ativistas da causa animal possuem, de que os animais devem ser respeitados porque são animais ou porque são seres vivos (e não porque são sencientes) é um fator que tem potencial para resultar na desconsideração por seres sencientes não orgânicos.

No futuro a senciência não orgânica poderia ocorrer não apenas por modificações digitais nos corpos biológicos, mas também, por exemplo, em simulações sencientes em um programa de computador. Tais seres, apesar de sencientes, poderão não ter rostos, e nem se movimentar ou gritar. Então, poderá ser difícil sentir empatia por eles²¹. Se tais seres chegarem a existir, é provável que os humanos não se importarão com eles, assim como acontece em relação aos animais (ou talvez seja até pior, pois os animais já são muito similares aos humanos e, ainda

²⁰ Sobre essa questão, ver Mannino et. al. (2015) e Tomasik (2015).

²¹ Sobre isso, ver Baumann (2022, p. 12).

assim, a maioria dos humanos não se importa muito com eles). Também pode acontecer de uma entidade digital já ser senciente em certo momento e não percebermos (e então, causarmos sofrimento a ela sem perceber).

Se a senciência não orgânica for possível, quantidades enormes de seres sencientes digitais poderão vir a existir no futuro, pois criá-los poderá envolver muito menos custos do que criar seres sencientes biológicos. Assim como qualquer um pode copiar programas de computador à vontade hoje, é possível que no futuro qualquer um possa criar seres sencientes digitais.

Assim, o potencial para haver números vastíssimos de seres sencientes digitais junto com a falta de consideração coloca um sério risco-s (exatamente como ocorre na pecuária, ainda mais por serem ambos combinados com incentivos econômicos).

Por essa razão, é importante combater não apenas o [especismo](#), mas também o *substratismo*. Assim como o *especismo* é a discriminação baseada na espécie a qual alguém pertence, o *substratismo* é a discriminação baseada no tipo de substrato que compõe o corpo do ser (por exemplo, se é orgânico ou não orgânico). Assim como o *antropocentrismo* é uma forma de *especismo* (que discrimina contra quem não pertence à espécie humana), o *carbonismo* é uma forma de *substratismo* (que discrimina contra quem não é orgânico).

O substratismo, tanto quanto o especismo, pode produzir sofrimento em quantidades astronômicas no futuro. Por isso é importante enfatizar que [os animais devem ser considerados porque são sencientes](#) (e não, porque são animais ou porque são seres vivos), e que isso implica em considerar seres sencientes não orgânicos, caso vierem a existir.

1.9. Conclusão

Os riscos de que os cenários mencionados acima se concretizem não são triviais. Na verdade, são muito grandes, pois é fácil ignorar tais problemas e, além disso, não estão sendo discutidos. Por essa razão, é extremamente necessário que se inicie um amplo debate sobre os riscos-s.

2. Imparcialidade temporal: o que é, e por que é importante

2.1. Introdução

A maneira como nossas decisões podem afetar os seres sencientes que viverão no futuro distante ainda é uma questão muito negligenciada, mas que tem começado a receber atenção²².

A seguir, veremos uma das razões centrais pelas quais essa questão tem sido negligenciada (a presença do *viés temporal*) e as razões para adotarmos uma abordagem centrada na *imparcialidade temporal*²³. Veremos também que, mesmo que alguém rejeite a imparcialidade temporal, isso não é suficiente para justificar descartar uma preocupação forte com o modo como nossas decisões afetarão os seres sencientes futuros.

2.2. O viés temporal

Vieses cognitivos são padrões sistemáticos de raciocínio falho, ou atalhos mentais que confundem nosso julgamento. Um dos fatores que contribui para que as pessoas negligenciem o impacto de suas decisões sobre os seres futuros é o *viés temporal*, que consiste na tendência de dar menor importância a um evento dependendo do quão longe do presente ele estiver.

Para entender por que essa tendência é um viés, basta lembrar que o momento que agora é presente já foi futuro e que os próximos momentos futuros também chegarão a acontecer, assim como esse momento aconteceu. Um exemplo de viés temporal seria pensar que 10 anos atrás não deveríamos nos preocupar com garantir que o momento que estamos vivendo agora não fosse negativo para nós, apenas porque naquela época ele estava longe no tempo.

O quanto devemos nos empenhar em buscar ou evitar certo acontecimento deveria depender do quão positivo ou negativo ele é, e não do quão próximo ou distante está do presente. Assim, rejeitar o viés temporal implica aceitar que cada momento no tempo, por si só, não tem um status superior ou inferior (o que importa é o quão bom ou ruim seria o evento). Isso pode ser melhor entendido a partir da ideia de *imparcialidade temporal*, que é uma implicação

²² Para uma introdução ao tema da importância do futuro, ver *Ética Animal* (2018).

²³ Para uma discussão detalhada sobre esses temas, ver Parfit (1984, p. 351-443);

da ideia mais geral de imparcialidade. Veremos algo sobre esses conceitos a seguir.

2.3. Imparcialidade

- *Imparcialidade*: é a consideração não tendenciosa dos afetados por nossas decisões.

A imparcialidade²⁴ implica que prejuízos e benefícios de igual magnitude devem receber o mesmo peso, independentemente de fatores arbitrários como raça, gênero, espécie dos afetados pela decisão ou de qualquer outro fator que seja resultado da loteria natural.

Isso implica também que alguém é desfavorecido tendenciosamente não apenas quando é totalmente desconsiderado, mas também quando, com base em fatores arbitrários, o seu bem recebe um peso menor.

Como veremos a seguir, a imparcialidade temporal é um caso específico de aplicação dessa ideia geral de imparcialidade.

2.4. Imparcialidade temporal

Para entendermos a ideia de imparcialidade *temporal*²⁵, é útil compará-la com a ideia de imparcialidade *espacial*.

Vimos acima que a imparcialidade implica rejeitar distinções arbitrárias, como, por exemplo, dar graus diferenciados de consideração moral com base na espécie, raça ou gênero dos afetados pela decisão. Outro exemplo de distinção arbitrária seria dar graus diferenciados de consideração moral dependendo do local onde alguém se encontra. Assim, a imparcialidade implica a imparcialidade espacial:

- *Imparcialidade espacial*: é a consideração não tendenciosa dos afetados por nossas decisões, independentemente do local em que se encontram.

²⁴ Para uma introdução às implicações da imparcialidade para decisões que afetam seres sencientes não humanos, ver Ética Animal (2015, 2016). Para uma análise mais detalhada, ver Rowlands (2009 [1998], p. 118-175).

²⁵ A imparcialidade temporal é defendida em Cowen; Parfit (1992). As implicações da mesma em relação aos riscos-s são abordadas em Baumann (2022, p. 22-3).

Uma implicação da imparcialidade espacial é que não há justificativa para se dar um peso menor ao bem de um ser senciente só porque ele se encontra longe de nós.

Perceba que a imparcialidade espacial não é uma ideia diferente da imparcialidade geral: é apenas uma *implicação* da mesma. Entretanto, a imparcialidade também implica o mesmo em relação ao tempo:

- *Imparcialidade temporal*: é a consideração não tendenciosa dos afetados por nossas decisões, independentemente da época em que eles existem.

Assim, uma implicação da imparcialidade temporal é que não há justificativa para se dar um peso menor ao bem de um ser senciente só porque ele existirá no futuro (seja próximo ou distante). A conclusão prática importante é essa: de acordo com a imparcialidade temporal, o fato de um dano ocorrer no futuro distante não enfraquece as razões para preveni-lo.

A maioria das pessoas que almeja reduzir o sofrimento no mundo pensa nos indivíduos vivos atualmente (uma das razões para isso, além do viés temporal, é que é difícil ter empatia com indivíduos que existirão em um futuro distante). Entretanto, se o que vimos faz sentido, dar uma consideração menor a alguém dependendo da época em que existirá é análogo a discriminá-lo com base no lugar em que vive, sua espécie, cor da pele, gênero etc.

Esta é, em resumo, a ideia central da imparcialidade temporal.

2.5. A objeção de que seres futuros são apenas seres em potencial

Uma objeção à imparcialidade temporal defende que os indivíduos futuros são agora meras possibilidades que podem não chegar a existir, diferentemente dos indivíduos que já existem. Segundo essa objeção, por essa razão os indivíduos futuros, ou não deveriam contar moralmente, ou deveriam receber um peso menor.

Uma resposta a essa objeção é apontar que nossas decisões podem fazer com que tais possibilidades cheguem a se tornar indivíduos reais no futuro, e também podem fazer com que suas vidas sejam mais positivas ou mais negativas. Por exemplo, mesmo quem defende que não há dever de produzir novos seres sencientes para terem vidas positivas pode reconhecer

que há um dever de não produzir novos seres sencientes para terem vidas negativas. E também pode reconhecer que, se um ser necessariamente existirá no futuro independentemente do que decidirmos, devemos decidir agora de modo a evitar prejudicá-lo e a buscar beneficiá-lo. Esses pontos serão discutidos em mais detalhes no [próximo capítulo](#).

Assim, há pelo menos duas maneiras pelas quais nossas decisões podem afetar os seres futuros:

- É possível que nossa decisão determine se um ser senciente futuro chegará a existir ou não, e se nascerá em um contexto onde provavelmente terá uma vida predominantemente negativa ou positiva.
- É possível que nossa decisão não determine se um ser senciente futuro chegará a existir ou não, mas determine a quantidade de eventos negativos ou positivos que terá na vida.

Boa parte do ativismo da causa animal já é sobre seres futuros. Por exemplo, o veganismo é majoritariamente sobre tentar evitar que mais animais cheguem a nascer para ter uma vida repleta de sofrimento, e não sobre animais que já existem. Esta também é a meta dos programas de esterilização, seja de animais selvagens ou domesticados. Por sua vez, as regulamentações que tentam fazer com que os animais explorados sofram menos são sobre fazer com que os seres que necessariamente chegarão a existir tenham menos sofrimento em vida. Por fim, a difusão de uma visão de consideração por todos os seres sencientes almeja principalmente que, dali para frente, aumente a probabilidade de que os seres sencientes futuros tenham vidas com mais eventos positivos e menos eventos negativos. É claro, uma parte do ativismo da causa animal é sobre ajudar animais que já existem. Exemplos são os programas de [vacinação e tratamento de doenças](#), a [ajuda a animais em incêndios e em outros desastres naturais](#), a [assistência a animais órfãos](#), o [resgate de animais presos](#) e programas para [atender às necessidades básicas dos animais](#). Entretanto, como vimos, boa parte do ativismo da causa animal já advém do reconhecimento da consideração por seres futuros.

Uma maneira de entender que é arbitrário dar um peso menor ao bem de alguém dependendo do quão longe no futuro existirá é imaginar o que pensaríamos se gerações anteriores à nossa pensassem que não haveria problema algum com atitudes que nos prejudicassem enormemente, devido ao fato de, na época, nós não existirmos ainda.

O [experimento de pensamento do véu da ignorância](#) pode também ajudar a fundamentar a ideia de imparcialidade temporal²⁶. Imaginemos que tivéssemos que decidir quais princípios de justiça as pessoas deveriam seguir, mas sem saber em que época nasceríamos (apenas sabendo que teríamos que nascer em alguma época). Sob tais condições, parece que defenderíamos dar igual consideração a todos os indivíduos que pudessem ser afetados pelas decisões dos agentes, não importando em que época existiriam.

2.6. Rejeitar a imparcialidade temporal justifica desconsiderar os seres futuros?

O que vimos acima sugere que há fortes razões para aceitarmos a imparcialidade temporal e darmos [igual consideração](#) aos seres que existirão no futuro.

Contudo, imaginemos que houvesse justificativa para darmos um peso maior ao bem dos seres sencientes que existem agora. Ora, isso não mostraria que há justificativa para desconsiderar os seres futuros: haveria apenas justificativa para dar-lhes um peso menor.

E mesmo se fosse esse o caso, ainda deveríamos dar uma importância enorme ao futuro em longo prazo, a ponto de priorizá-lo sobre o presente e o futuro em curto prazo. Isso pode soar estranho à primeira vista. A seguir está uma explicação de por que há essa implicação.

O futuro poderá durar muitas eras e, portanto, a quantidade de seres sencientes que poderão existir ao longo do futuro seria também vastíssima. O ponto é: essa quantidade seria tão vasta que, mesmo que déssemos um peso cada vez menor a cada ser senciente dependendo do quão longe existirá no futuro, ainda teríamos que concluir por priorizar a preocupação com o futuro em longo prazo, dada a quantidade total de indivíduos afetados. Esse é um dos argumentos centrais a favor de um foco no longo prazo, que veremos no [Capítulo 4](#).

2.7. Conclusão

Se o que vimos acima faz sentido, então devemos tirar duas conclusões importantes, se nosso objetivo é fazer com que o mundo contenha menos sofrimento:

²⁶ Sobre o véu da ignorância, ver o capítulo 10 do [Volume II desta coleção](#). Ver também Ética Animal (2016).

- (1) Precisamos considerar todos os seres sencientes (incluindo aqueles do futuro distante).
- (2) Precisamos dar um grande peso ao futuro em longo prazo.

Dois fatores têm contribuído bastante para a negligência dessa importante questão. Um deles, como vimos, é o viés temporal. O outro é o especismo. A combinação desses dois fatores contribui para o seguinte resultado, que é uma negligência dupla:

- (1) Devido ao especismo, quando a preocupação com o futuro em longo prazo aparece, geralmente são levados em conta apenas os humanos futuros.
- (2) Devido ao viés temporal, aquelas pessoas que já aceitam considerar todos os seres sencientes (por exemplo, ativistas da causa animal) têm normalmente desconsiderado os seres sencientes futuros.

Se nosso objetivo é fazer com que haja menos sofrimento no mundo, precisamos rejeitar essa negligência dupla. A preocupação com o longo prazo precisa rejeitar o especismo e considerar todos os seres sencientes, e a preocupação com os seres sencientes precisa rejeitar o viés temporal e levar em conta o futuro em longo prazo²⁷.

²⁷ Para uma argumentação defendendo em detalhes essas duas teses, ver O'Brien (2023).

3. A objeção de que seres futuros são apenas seres em potencial

3.1. A objeção de que devemos nos preocupar apenas com os seres que já existem

Vimos no [capítulo anterior](#) que uma das objeções mais comuns à preocupação com o futuro em longo prazo é baseada na ideia de que os seres sencientes futuros são apenas *seres em potencial*, isto é, seres que ainda não existem e que, talvez, nem cheguem a existir. Segundo essa objeção, por essa razão devemos nos preocupar apenas com os seres que já existem.

Considere agora as seguintes causas:

- Difundir o veganismo.
- Tentar regulamentações para fazer com que os animais explorados sofram menos.
- Proteger animais abandonados.
- Lutar para diminuir o sofrimento dos animais selvagens.

Segundo a objeção, lutar por essas causas faz sentido porque "são sobre ajudar quem já existe". Por outro lado, mantém a objeção, a preocupação com o futuro em longo prazo não faz sentido, pois diz respeito a seres que talvez nem cheguem a existir.

Essa objeção é por vezes levantada especialmente em relação à preocupação com a [possibilidade do surgimento de seres sencientes não orgânicos no futuro](#). Segundo a objeção, não devemos nos preocupar com isso porque é algo que talvez nem chegue a ocorrer. Por outro lado, conclui a objeção, seres sencientes orgânicos já existem e, por isso, devemos nos preocupar com eles.

Será essa uma objeção plausível? É o que discutiremos neste capítulo.

3.2. Devemos nos preocupar somente com os seres sencientes já existentes?

Uma primeira maneira de questionar essa objeção é desafiar a pressuposição de que devemos nos preocupar somente com os seres sencientes já existentes até o momento. Por exemplo, poderia ser apontado que, se a razão para nos preocuparmos com os seres sencientes já

existentes é a possibilidade de nossas decisões os afetarem de forma positiva ou negativa, isso implica que temos a mesma razão para nos preocuparmos com os seres sencientes que ainda não existem, mas que podem vir a existir (pois nossas decisões também podem afetá-los positiva ou negativamente).

Poderia ser objetado que, se ninguém tem o dever de produzir novos seres sencientes, mas temos o dever de não matar os que já existem, é porque só temos deveres em relação a indivíduos (e não, à *possibilidades* futuras de indivíduos). Assim, conclui a objeção, por isso não temos obrigações em relação ao modo como nossas decisões afetam seres futuros.

Entretanto, alguém poderia concordar que não temos obrigações em relação à possibilidades futuras de indivíduos e, ainda assim, discordar de que não temos obrigações em relação ao modo como nossas decisões afetam seres futuros.

Em primeiro lugar, alguém poderia defender que temos um dever de fazer com que a história de mundo daqui para frente contenha o máximo possível de seres sencientes com vidas positivas. Esse dever não seria um dever para com essa ou aquela possibilidade futura de ser senciente, e sim, um dever *impessoal* de trazer à tona as melhores consequências²⁸.

Em segundo lugar, mais importante, mesmo que alguém negue o dever de produzir novos seres sencientes, ainda poderíamos ter pelo menos dois tipos de deveres para com seres futuros:

- Não fazer existir novos seres sencientes para viverem vidas repletas de sofrimento.
- Se um ser senciente futuro existirá necessariamente, tentar fazer com que sua vida contenha menos sofrimento do que outra maneira teria.

Ambos os deveres poderiam ser reconhecidos mesmo por quem rejeita um dever de fazer com que possibilidades futuras de seres sencientes cheguem a se realizar²⁹. E, ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, como será explicado no próximo item, esses dois deveres são

²⁸ Essa posição é conhecida como *ponto de vista total*. Sobre isso, ver Singer (2002[1993], p. 111-115) e Višak (2013, p. 71-8).

²⁹ Essa posição é conhecida como *ponto de vista da existência prévia*. Sobre isso, ver Singer (2002[1993], p. 111-115) e Višak (2013, p. 71-8).

os focos centrais do veganismo, das tentativas de fazer com que os animais explorados sofram menos, da proteção a animais abandonados e também da causa que visa diminuir o sofrimento dos animais selvagens.

3.3. Normalmente a luta pelos animais já é a luta por possíveis seres futuros

Vimos que a objeção que estamos a discutir assume que causas como o veganismo, as tentativas de fazer com que os animais explorados sofram menos, a proteção a animais abandonados e a causa que visa diminuir o sofrimento dos animais selvagens fazem sentido porque "são sobre seres sencientes que já existem". Enquanto isso, mantém a objeção, a preocupação com o futuro em longo prazo não faz sentido porque "é sobre seres que ainda não existem (e que talvez não cheguem a existir)".

Entretanto, isso é equivocado. Cada uma daquelas causas também diz respeito majoritariamente à consideração por seres futuros. Veremos esse ponto a seguir em cada uma delas:

O objetivo central do [veganismo](#) não é ajudar animais que já existem, e sim, diminuir a quantidade de animais que nasceria para ter uma vida repleta de sofrimento e para ser assassinado. Portanto, o veganismo é um reconhecimento do dever de não fazer existir novos seres sencientes para viverem vidas repletas de sofrimento.

Considere agora as tentativas de regulamentar a exploração animal para que os animais sofram menos. Para efeito de argumentação, deixemos de lado [a discussão sobre se essas regulamentações realmente diminuem o sofrimento de tais animais](#). Suponhamos que diminuam. Mesmo se esse for o caso, quando uma regulamentação chega a vigorar, geralmente os animais que serão beneficiados pela mesma não são aqueles que já haviam nascido quando a proposta de regulamentação foi feita. É claro, pode haver algumas exceções, como no caso de [vacas e porcas que são exploradas por vários anos](#). Entretanto, a vasta maioria dos animais são mortos em questão de dias ou meses no máximo. Assim, os ativistas que tentam tais regulamentações estão reconhecendo um dever de, se um ser senciente irá existir no futuro, tentar fazer com que sua vida contenha menos sofrimento do que outra maneira teria.

Passemos agora a considerar o caso da proteção a animais abandonados, como cães e gatos. Novamente, é possível que algumas ações sejam direcionadas a beneficiar animais que já existem, como no caso de oferecer comida, abrigo, tratamento médico, vacinação ou adoção responsável. Entretanto, um dos principais focos do ativismo nessa área é justamente a esterilização, visando evitar que nasçam mais animais em tais situações. Esse foco é, novamente, o reconhecimento do dever de evitar o nascimento de novos seres sencientes que teriam vidas repletas de sofrimento.

O mesmo ocorre em relação à [causa que visa diminuir o sofrimento dos animais selvagens](#)³⁰. Novamente, nesse caso também várias ações visam ajudar animais que já existem, como a [vacinação e o tratamento de doenças](#), a [ajuda a animais em incêndios e em outros desastres naturais](#), a [assistência a animais órfãos](#), o [resgate de animais presos](#) e programas para [atender as necessidades básicas dos animais](#). Entretanto, a vasta maioria do sofrimento dos animais selvagens e de suas mortes prematuras [ocorre por conta das enormes taxas de reprodução](#)³¹. A maioria das espécies de animais na natureza se reproduz em ninhadas que contém desde milhares até muitos milhões de filhotes. Por exemplo, uma única ninhada de uma rã comum possui em torno de 25 mil filhotes³²; a de polvos, centenas de milhares³³; as de salmão, bacalhau e atum, milhões³⁴, e a do peixe-lua chega a 300 milhões³⁵. Invertebrados terrestres também podem colocar centenas, milhares ou mesmo milhões de ovos de uma única vez³⁶. Em períodos de aproximada constância populacional, a média de sobreviventes de cada ninhada é de apenas dois filhotes (isto é, um descendente por progenitor). Todo o restante normalmente nasce para experimentar o sofrimento de morrer, sem nenhuma experiência positiva. Por essa razão, o foco principal da proposta de diminuir o sofrimento e as mortes prematuras de animais selvagens é também fazer com que menos indivíduos cheguem a nascer em tais condições. É, também, portanto, o reconhecimento do dever de prevenir que novos seres sencientes cheguem a existir para terem vidas repletas de sofrimento.

Assim, em todas essas lutas, o foco principal é, ou tentar fazer com que seres que existirão no futuro tenham menos sofrimento, ou tentar impedir que novos seres sencientes cheguem a

³⁰ Para os fundamentos filosóficos dessa causa, ver Cunha (2022).

³¹ Para uma explicação detalhada sobre isso, ver Horta (2010).

³² Rastogi *et al.* (1983).

³³ Boyle e Rodhouse (2005).

³⁴ Baum e Meister (1971); Hinckley (1987).

³⁵ Froese; Luna (2004).

³⁶ Brueland (1995).

existir para terem vidas repletas de sofrimento. Em resumo, a causa animal já é normalmente sobre seres futuros. Se é assim, então não faz sentido alegar que não devemos nos preocupar com o futuro em longo prazo, só porque tal preocupação diria respeito a seres que ainda não existem e que podem não chegar a existir. Na preocupação com o futuro em longo prazo, a meta também é tentar fazer com que seres que existirão no futuro tenham menos sofrimento e tentar evitar que novos seres cheguem a existir para ter vidas repletas de sofrimento (e, adicionalmente, dependendo da vertente, fazer com que novos seres cheguem a existir para ter vidas positivas). Isso será assim seja lá se estivermos a falar de possíveis seres sencientes futuros orgânicos ou não orgânicos.

4. Que razões existem para focarmos no longo prazo?

4.1. O que é longoprazismo?

A palavra *longoprazismo*³⁷ é utilizada para expressar diferentes ideias, dependendo do autor. Por vezes, ela é utilizada em referência a uma *meta*. Em outras, é utilizada em referência a um *foco prático* para tentar alcançar essa meta³⁸. A seguir, estão comparados dois tipos de metas (uma longoprazista e outra curtoprazista) e dois focos práticos (um longoprazista e outro curtoprazista).

- *Meta longoprazista*: almeja ter o melhor impacto possível na história daqui até o final dos tempos. Essa meta implica necessariamente dar igual peso a cada momento no tempo (isto é, implica a [imparcialidade temporal](#)).

Entretanto, duas pessoas que concordam com a meta longoprazista podem discordar quanto ao que deveríamos focar na prática para melhor alcançá-la. Assim, há pelo menos dois tipos de focos práticos para alcançar a meta longoprazista:

- *Foco prático longoprazista*: para termos o melhor impacto possível na história daqui até o final dos tempos, devemos focar no impacto que nossas decisões terão no futuro em longo prazo.
- *Foco prático curtoprazista*: para termos o melhor impacto possível na história daqui até o final dos tempos, devemos focar no impacto que nossas decisões terão no momento atual ou em um futuro próximo.

Considere agora a meta curtoprazista:

- *Meta curtoprazista*: almeja ter o melhor impacto possível no presente ou no futuro próximo. Essa meta dará um peso menor (ou mesmo negligenciará totalmente) o futuro distante (isto é, rejeita a imparcialidade temporal).

³⁷ Para uma introdução ao longoprazismo, ver *Ética Animal* (2018). Para mais informações sobre longoprazismo, ver Parfit (1984, p. 351-443); Beckstead (2013) e Greaves; Macaskill (2019).

³⁸ A distinção entre meta e foco prático é feita por Baumann (2022, p. 22-6).

Como a meta curtoprazista não busca ter impacto no futuro em longo prazo, para alcançá-la existe apenas um tipo de foco prático:

- *Foco prático curtoprazista*: para termos o melhor impacto possível no presente ou no futuro próximo, devemos focar no impacto que nossas decisões terão no momento atual ou em um futuro próximo.

Assim, temos as seguintes possibilidades:

- Meta longoprazista com foco prático longoprazista
- Meta longoprazista com foco prático curtoprazista
- Meta curtoprazista com foco prático curtoprazista

4.2. O que veremos neste capítulo?

No [item 4.3](#) veremos a razão central para se adotar uma meta longoprazista. No [item 4.4](#) veremos argumentos para se adotar um foco prático longoprazista. No [item 4.5](#) veremos as principais objeções ao foco prático longoprazista e como essas objeções podem ser respondidas.

4.3. Por que adotar uma meta longoprazista?

A razão central para se adotar uma meta longoprazista é a seguinte: se o que nos importa é o bem de todos os seres que poderemos afetar, a pergunta que faremos não será "como podemos ter o melhor impacto no mundo atual ou do futuro próximo?", e sim "como podemos ter o melhor impacto na história daqui para frente?". Uma defesa mais detalhada dessa ideia pode ser encontrada no [Capítulo 2](#).

4.4. Razões a favor de um foco prático longoprazista

Como vimos, o foco prático no longo prazo defende que, para termos o melhor impacto na história daqui para frente, devemos focar nas consequências de longo prazo de nossas decisões.

A principal razão a favor do foco prático no longo prazo é que, a menos que haja uma extinção em massa da vida senciente, é muito provável que haverá muito mais seres sencientes no futuro distante do que no presente ou no futuro próximo, tanto *diacronicamente* quanto *sincronicamente*:

- *Diacronicamente* porque o futuro pode ter uma extensão vastíssima. Os indivíduos vivos agora ou no futuro próximo são pouquíssimos em comparação aos que viverão nos próximos séculos, milênios, eras etc.
- *Sincronicamente* porque poderá haver um aumento da população de seres sencientes em cada momento. Por exemplo, a colonização espacial poderia multiplicá-los em muitas ordens de magnitude³⁹.

Em resumo, dependendo de como decidimos agora, afetaremos positiva ou negativamente uma quantidade gigantesca de seres que existirão ao longo do futuro.

Vejamos uma analogia para entendermos melhor o foco prático no longo prazo. Imaginemos que alguém precise escolher, ou evitar ter certo sofrimento agora, ou evitar ter certo sofrimento daqui a vinte anos. Entretanto, imagine que o sofrimento que ocorreria daqui a vinte anos seria muito mais intenso e prolongado. Se a pessoa escolhe evitar o sofrimento do momento atual, fará com que sua vida contenha mais sofrimento do que se tivesse escolhido a outra opção.

Analogamente, se o que almejamos é a melhor história do mundo daqui para frente para todos os seres sencientes, precisamos dar igual peso a cada momento. Porém, como o futuro em longo prazo conterà muito mais seres sencientes do que o momento presente ou do que o futuro em curto prazo, temos fortes razões para priorizar como nossas decisões afetam o futuro em longo prazo — essa é a ideia básica do foco prático no longo prazo.

³⁹ Para uma explicação do porquê a colonização espacial representa um grande risco de maximizar o sofrimento, ver O'Brien (2022).

Curiosamente, mesmo se fosse dado um peso cada vez menor ao bem de cada ser senciente dependendo do quão longe no futuro viverá, a quantidade de seres sencientes que poderão existir no futuro em longo prazo é tão vasta que ainda teríamos que concluir por priorizá-los, se nosso objetivo é a melhor história completa do mundo. Assim, mesmo quem rejeita a imparcialidade temporal, mas ainda dá alguma consideração aos seres futuros, teria que priorizá-los.

É claro, por quanto tempo o futuro conterà seres sencientes e qual será a população de seres sencientes em cada momento é algo altamente incerto. Mas, os seres futuros sobrepõem vastamente os atuais *em expectativa* (isto é, multiplicando-se sua quantidade pela sua probabilidade de virem a existir), e isso é suficiente para termos fortes razões para nos preocuparmos com eles. Esse problema da incerteza será discutido a seguir no [item 4.5.3](#).

4.5. O debate sobre o foco no longo prazo

A seguir serão discutidas algumas das objeções mais comuns ao foco prático no longo prazo⁴⁰:

4.5.1. É melhor deixar os problemas futuros para as gerações futuras?

Uma objeção ao foco prático no longo prazo defende que as gerações futuras estarão em melhor posição para resolver os problemas futuros: saberão quais [riscos-s](#)⁴¹ (isto é, riscos de sofrimento de magnitude gigantesca) são mais sérios e quais as melhores estratégias para preveni-los. Pela mesma razão, conclui a objeção, temos uma vantagem em termos de conhecimento se focarmos no presente.

Uma possível resposta a essa objeção é observar que não é garantido que as gerações futuras saberão como resolver tais problemas. Por exemplo, se deixarmos para as gerações futuras investigarem esses problemas, pode ser tarde demais para impedir os piores cenários⁴². Em

⁴⁰ Para uma discussão sobre esses pontos, ver Baumann (2022, p. 22-28).

⁴¹ Sobre riscos-s, ver Tomasik (2019b) e Baumann (2022).

⁴² Isso vem sendo conhecido como *time sensitive risks* (riscos sensíveis ao tempo), ou seja, riscos de sofrimento futuro que devem ser tratados em um momento concreto, do contrário poderá ser tarde demais.

resumo, essa resposta defende que o quanto antes começarmos a trabalhar nesses problemas, antes surgirão soluções para eles, e que isso tornará melhor a história dali para frente.

Além disso, mesmo se as gerações futuras estiverem em melhores condições de resolver tais problemas, isso não significa que desejarão fazê-lo (pois isso dependerá do quanto eles considerarão os seres sencientes). Então, devemos tentar fazer com que venha a existir tanto a *capacidade* quanto a *vontade* de prevenir o sofrimento no futuro.

Por vezes é alegado que o futuro já será melhor devido ao progresso moral e que, portanto, não precisamos nos preocupar. Porém, isso não é garantido, pois depende crucialmente do que faremos agora para divulgar a [consideração por todos os seres sencientes](#) e do que continuará sendo feito ao longo do tempo.

4.5.2. Focar no presente tem mais influência?

Alguém poderia aceitar que o bem dos seres sencientes futuros conta igualmente mas rejeitar o foco prático no longo prazo por acreditar que vivemos em uma época crucial para determinar tudo o que acontecerá daqui para frente. Por exemplo, certos eventos que provavelmente ocorrerão no século XXI (como o surgimento de inteligências artificiais super inteligentes e autônomas) poderiam ter uma influência desproporcional dali para frente. Com base nisso, poderia ser defendido que, para termos o melhor impacto na história de mundo daqui para frente, devemos focar no presente (ou, pelo menos, no futuro próximo).

Uma possível resposta aqui é apontar que não sabemos qual será o grau de influência que cada um desses possíveis eventos terá na história dali para frente. Por exemplo, não sabemos se esses é que serão os eventos cruciais, se serão outros ainda desconhecidos, ou se as mudanças serão graduais, sem eventos cruciais. Se focarmos em determinados eventos e eles acabarem não tendo muita influência no futuro, teremos desperdiçado esforços⁴³. Assim, parece melhor focar em investigar como nossas decisões podem influenciar o futuro positivamente independentemente do que vier a ocorrer. Isso pode ser feito, por exemplo, por meio da investigação sobre [fatores de risco para os riscos-s](#) e planejando [estratégias amplas](#) para lidar com sua prevenção.

⁴³ Isso vem sendo conhecido como *wasted years* (anos perdidos), que são os anos desperdiçados, que poderiam ter sido empregues para adiantar uma causa (no caso, a causa que visa prevenir sofrimento).

4.5.3. A objeção de que o grau de certeza quanto ao presente é maior

Outra objeção ao foco prático no longo prazo aponta que, quanto mais longo o prazo, mais difícil prever a probabilidade de um evento ocorrer. Por essa razão, defende a objeção, devemos focar no curto prazo, pois nesse caso nosso grau de certeza é maior.

Entretanto, o *grau de certeza* não deveria determinar sozinho o quanto devemos focar em um cenário. Outro fator crucial é a *magnitude do cenário* (isto é, o quão bom ou ruim é). Dependendo do quão ruim é um cenário, ainda vale a pena priorizar preveni-lo, mesmo que estejamos mais incertos sobre se ele ocorrerá ou não. Uma maneira de levar em conta a *magnitude* e o *grau de incerteza* é multiplicar um fator pelo outro, e o resultado é chamado de *valor esperado* (ou *desvalor esperado*, se o resultado for negativo⁴⁴).

Vejamos um exemplo. Imaginemos que temos de escolher, ou evitar um evento negativo que poderia ocorrer no futuro próximo, ou um evento negativo que poderia ocorrer no futuro distante. Imaginemos que conseguimos estimar o quão negativo cada evento provavelmente seria, e que o evento do futuro próximo seria de -100 e do futuro distante seria de -1000. Entretanto, imaginemos que a probabilidade de o evento do futuro próximo ocorrer seja de 80% e que, devido à incerteza quanto ao futuro, a probabilidade de o evento do futuro distante ocorrer seja de apenas 10%.

O desvalor esperado do evento do futuro próximo seria de $-100 \times 0.8 = -80$. Já o desvalor esperado do evento do futuro distante seria de $-1000 \times 0.1 = -100$. Assim, de acordo com o cálculo do desvalor esperado, ainda teríamos razões para priorizar evitar o evento do futuro distante, mesmo que a probabilidade de ele ocorrer seja mais baixa.

Em resumo, o que essa resposta aponta é que a magnitude do futuro em longo prazo é tão vasta que, mesmo que haja grande incerteza quanto ao futuro, ainda valeria a pena priorizar tentar influenciá-lo.

⁴⁴ Sobre essa forma de medir, ver Tomasik (2016 [2007]), Baumann (2022, p. 20-1).

Nesse ponto poderia ser objetado que o cálculo do desvalor esperado poderia nos conduzir a priorizar evitar cenários que, caso ocorressem, seriam desastrosos, mas cuja probabilidade de ocorrência é remotíssima.

Há no mínimo duas respostas possíveis a essa objeção. A primeira é reconhecer que ela aponta um problema com a fórmula do cálculo do desvalor esperado, mas defender que é possível adaptar a fórmula do cálculo para corrigir esse problema. Por exemplo, em vez de os fatores *magnitude* do dano e *probabilidade* de ocorrência terem o mesmo peso na multiplicação, o fator probabilidade poderia ter um peso maior.

Já a segunda resposta aponta que há estratégias que tendem a influenciar positivamente o futuro sem que para isso seja necessário estimarmos a probabilidade de o futuro ser dessa ou daquela maneira. As estratégias longoprazistas são divididas em dois grandes grupos: [direcionadas e amplas](#). As direcionadas são focadas em prevenir cenários catastróficos específicos. Já as amplas são planejadas de modo a influenciar de modo positivo o futuro independentemente de quais cenários ocorrerem. Assim, a objeção em questão poderia fazer sentido apenas em relação às estratégias direcionadas, mas não atingiria as estratégias amplas.

Um exemplo de estratégia ampla é identificar [fatores de risco para os riscos-s](#) e tentar preveni-los. Veremos mais sobre isso a seguir.

4.5.4. A objeção de que o futuro é tão incerto que não temos como decidir

Uma objeção similar defende que o futuro em longo prazo é tão incerto que não temos a mínima ideia de como nossas decisões atuais o afetarão. Por exemplo, nossa influência será diluída pelas decisões dos muitos agentes futuros⁴⁵. Quanto mais longo o futuro, mais está em jogo, mas também menor nossa influência. Assim, conclui a objeção, o fato de o futuro ser longo não é suficiente para embasar a conclusão de que devemos focar no longo prazo.

Entretanto, há coisas que podemos fazer agora que possuem a tendência de influenciar positivamente o futuro em longo prazo mesmo que tenhamos uma grande incerteza em relação ao futuro. Por exemplo, podemos identificar [fatores de risco](#)⁴⁶ para os riscos-s e tentar

⁴⁵ Essa questão é discutida em Baumann (2022, p. 25-6).

⁴⁶ Sobre vários fatores de risco para os riscos-s, ver Baumann (2022, p. 49-56).

fazer coisas que diminuam esses fatores de risco. Fatores de risco não são eles próprios riscos-s, mas aumentam muito a probabilidade de que venham a ocorrer.

O conceito de fatores de risco já é amplamente utilizado na medicina. Por exemplo, fumar, alimentar-se mal e não fazer exercícios não são, em si, doenças, mas aumentam muito a probabilidade de várias doenças, ainda que não as impliquem necessariamente. Para saber que é algo bom evitar esses fatores de risco não é necessário saber como será a trajetória de saúde de cada indivíduo. Similarmente, podemos tentar identificar fatores de risco para os riscos-s e tentar identificar as ações que contribuiriam para evitá-los.

Dentre alguns fatores de risco para os riscos-s estão:

- Desconsideração [por seres sencientes não humanos](#).
- Desconsideração [por possíveis seres sencientes não biológicos futuros](#)⁴⁷.
- Demanda por [produtos e serviços cuja produção prejudica seres sencientes](#).
- Prevalência de [valores ambientalistas em vez da preocupação com seres sencientes](#).
- Expansão humana e [aumento do poder tecnológico](#).
- O progresso tecnológico ser muito mais rápido do que o progresso moral⁴⁸.

Cada um desses fatores de risco será abordado em mais detalhes no [Capítulo 8](#).

4.5.5. A objeção de que o foco no longo prazo implicaria negligenciar o presente

Outra objeção comum ao foco prático no longo prazo é apontar que ele parece ter a implicação de negligenciar o sofrimento presente ou do futuro próximo, pois este é muitíssimo menor em magnitude, em comparação ao possível sofrimento em longo prazo.

Uma possível resposta aqui é apontar que, novamente, há ações que podemos tomar que têm a tendência de influenciar positivamente toda a história daqui para frente (por exemplo, promover a [consideração moral de todos os seres sencientes](#)) e que, então, não há necessariamente um dilema entre, ou abordar o futuro em longo prazo, ou abordar o presente.

⁴⁷ Sobre essa possibilidade, ver Tomasik (2015).

⁴⁸ Isso vem sendo conhecido como *progresso diferencial*.

À primeira vista, isso pode soar contraditório. Alguém poderia, por exemplo, perguntar: "não se está a defender então o foco prático no longo prazo?". A resposta para isso é que algumas das estratégias mais promissoras para o foco prático no longo prazo (como defender a consideração moral de todos os seres sencientes) também ajudam a melhorar o curto prazo.

4.6. Conclusão

Vimos que o foco prático no longo prazo é uma possível resposta à pergunta "como ter o melhor impacto na história do mundo daqui para frente?". Abordamos também algumas objeções a esse foco e as respostas que têm sido dadas a elas.

Parece haver boas razões a favor do foco prático no longo prazo. Entretanto, outra conclusão importante aqui é que, mesmo quem rejeita esse foco (e escolhe dar prioridade, por exemplo, ao presente ou ao futuro próximo), ainda tem fortes razões aceitar a *meta* longoprazista, mesmo que não aceite o *foco prático* longoprazista.

5. Devemos focar em prevenir riscos-s ou riscos-x?

5.1. Riscos-s e riscos-x

Como vimos no [Capítulo 1](#), riscos de sofrimento futuro, ou *riscos-s*, são os riscos de que no futuro ocorram eventos que resultem em sofrimento de magnitude gigantesca, que excede o sofrimento existente na Terra até agora⁴⁹. Exemplos são o fato de a tecnologia no futuro ter o potencial de [aumentar vastamente a exploração animal](#), os [danos que os animais padecem em decorrência de processos naturais](#)⁵⁰ e de [criar novos tipos de seres sencientes, por exemplo, em meios digitais](#)⁵¹.

Por sua vez, [riscos existenciais, também conhecidos como riscos-x](#), são os riscos de aniquilação da humanidade (ou, pelo menos, de um colapso da civilização). Exemplos são aquecimento global, armas nucleares, pandemias etc.

Para termos o melhor impacto na história daqui para frente devemos focar em tentar prevenir riscos-s ou riscos-x? É o que discutiremos neste capítulo.

5.2. Discutindo uma tentativa especista de defender o foco nos riscos-x

Uma maneira de defender o foco nos riscos-x é [defender que os humanos importam muito mais](#). Entretanto, há dois problemas com esse argumento.

O primeiro é que [não parece haver como justificar dar um peso maior aos humanos](#). De um ponto de vista não tendencioso, iguais quantidades de prejuízo e benefício importam igualmente, independentemente de fatores que dependem da sorte, como a espécie a qual alguém pertence.

O segundo problema é que, [mesmo que fosse dado um peso muito menor aos seres sencientes](#)

⁴⁹ Para uma análise detalhada das questões relacionadas aos riscos-s, ver Baumann (2022). Ver também Vinding (2020).

⁵⁰ Sobre como os animais são tipicamente afetados por processos naturais e as implicações éticas disso, ver Cunha (2018, 2022) e *Ética Animal* (2023 [2020]). Sobre como isso está relacionado a riscos-s, ver Baumann (2022, p. 50-2, 56, 84) e Tomasik (2017, 2022).

⁵¹ Sobre isso, ver Tomasik (2015).

[não humanos](#), a quantidade de seres potencialmente afetados pelos riscos-s [é tão astronomicamente maior](#) que ainda teríamos que concluir por investir mais recursos em prevenir riscos-s do que riscos-x.

5.3. A alegação de que a humanidade é essencial para prevenir sofrimento

Por vezes é defendido que devemos priorizar evitar riscos-x não porque humanos importam mais, mas porque fazê-lo seria necessário para prevenir riscos-s. Na ausência de agentes com tecnologia à disposição, não haverá ninguém para diminuir o sofrimento no mundo. Com base nisso, poderia ser dito que, enquanto houver riscos-x não devemos nos preocupar com riscos-s. Em resumo, o que esse argumento defende é que o mais importante é prevenir riscos-s, mas que, para isso, é necessário focar em prevenir riscos-x e esquecer por enquanto os riscos-s.

A força desse argumento depende de quão positivo ou negativo será o impacto da humanidade na história daqui para frente. No melhor cenário, a humanidade continuaria existindo e tentando prevenir o sofrimento. Mas, outra possibilidade é continuar a existir e não se importar em reduzir o sofrimento que já existiria naturalmente ou, pior ainda, produzir muito mais sofrimento do que já existiria naturalmente. Comparemos três possíveis cenários:

- (1) A humanidade continuar e haver menos sofrimento do que se fosse extinta.
- (2) A humanidade ser extinta.
- (3) A humanidade continuar e haver mais sofrimento do que se fosse extinta.

Parece que 1 é o melhor dos três cenários, e que 3 é pior do que 2. A ideia na base do foco em prevenir riscos-s é que é mais importante evitar o pior cenário de todos (no caso, o cenário 3). Além disso, uma estratégia essencial para evitar o pior cenário (o cenário 3) também é essencial para se tentar alcançar o melhor cenário (o cenário 1): divulgar da maneira mais eficiente possível a [consideração por todos os seres sencientes](#). Isso é crucial para garantir que, se a humanidade continuar a existir, tentará prevenir sofrimento em vez de aumentá-lo.

5.4. A alegação de que conseguiremos mais recursos se priorizarmos humanos

Por vezes é defendido que, como as pessoas são [especistas](#), as organizações que têm como meta beneficiar todos os seres sencientes conseguiriam mais adeptos e recursos se focassem

em causas humanas, em vez de focarem na preocupação com todos os seres sencientes. Em resumo, o que esse argumento quer dizer é que nossa meta deve ser prevenir danos para todos os seres sencientes mas que, curiosamente, a maneira mais eficiente para alcançar essa meta é focar nos humanos.

Um problema central com esse argumento é que ele parece não levar em conta que uma das principais razões pelas quais existe uma quantidade astronômica de sofrimento acontecendo e que faz haver um grande risco de que seja vastamente multiplicado no futuro é justamente a predominância de uma visão antropocêntrica.

Essa é uma razão fortíssima para priorizar defender a [consideração moral por todos os seres sencientes](#), e o quanto antes, já que a não aceitação dessa ideia é um dos principais obstáculos à meta de evitar o sofrimento massivo no mundo, tanto o sofrimento atual quanto o futuro. Por exemplo, imagine que a consideração por todos os seres sencientes tivesse começado a ser difundida em larga escala há dois mil anos atrás. Provavelmente haveria muito menos sofrimento do que há hoje.

Se defendemos priorizar os humanos, além de não estarmos divulgando a consideração por todos os seres sencientes, isso provavelmente terá o efeito de reforçar o especismo (ou, pelo menos, por não questioná-lo, atrasar as mudanças em relação às atitudes especistas) e ser um impedimento a prevenir o sofrimento que ocorreria daqui para frente.

Em resumo, parece que o quanto antes (e o quanto mais) for divulgada a consideração pelos seres sencientes, provavelmente melhor a história do mundo daqui para frente. Uma das vantagens dessa estratégia é que, [se feita de modo cuidadoso para não gerar rejeição, ela tende a influenciar de modo positivo o futuro, independentemente do que poderia vir a ocorrer](#).

5.5. Razões para focarmos mais nos riscos-s

Algumas razões para focarmos mais em prevenir riscos-s do que riscos-x são:

(1) [Severidade](#). Os riscos de sofrimento futuro têm o potencial de ter um impacto astronomicamente maior do que os riscos existenciais, seja em termos de *severidade* (pois representam a possibilidade de sofrimento extremo durante vidas inteiras de futuros seres

sencientes), seja em *escopo* (pois afetariam todos os seres sencientes no universo daqui até o final dos tempos).

(2) [Impacto esperado](#). A probabilidade dos riscos-s não é menor do que a dos riscos-x.

(3) [Tratabilidade](#). Há também [muito que poderia ser feito para tentar minimizar os riscos-s](#).

(4) [Grau de negligência](#): Há já muito mais pessoas tentando prevenir riscos-x do que riscos-s.

Portanto, todos os [critérios de prioridade](#) apontam para darmos uma grande importância aos riscos de sofrimento futuro.

Entretanto, também é importante lembrar que o foco em riscos-s ou riscos-x [pode ser uma questão de grau](#). Isto é, uma meta não necessariamente exclui a outra. Assim, acreditar que prevenir riscos-x é mais importante não justifica pensar que prevenir riscos-s não é muito importante. Da mesma maneira, se alguém prioriza riscos-s isso não significa que pense que prevenir riscos-x não seja muito importante, e assim por diante.

6. Quais metas priorizar em longo prazo?

6.1. Diferentes metas que alguém poderia querer alcançar em longo prazo

Duas pessoas que concordam que [devemos tentar ter o melhor impacto na história daqui para frente](#) poderiam discordar quanto ao que significa "ter o melhor impacto" dependendo daquilo que priorizassem em termos de valores.

Por exemplo, algumas pessoas poderiam ter em mente impedir a extinção da espécie humana. Já outras pessoas poderiam visar prevenir que o futuro contenha quantidades astronômicas de sofrimento para os seres sencientes.

Estes são apenas dois exemplos de metas que alguém poderia querer alcançar no longo prazo. Mas, há muito mais metas possíveis. A seguir estão alguns exemplos:

- (1) Prevenir sofrimento.
- (2) Prevenir mortes prematuras.
- (3) Proporcionar experiências positivas aos seres que existirão.
- (4) Fazer com que exista o máximo de seres com vidas positivas ao longo do tempo.
- (5) Prevenir a extinção da humanidade.
- (6) Maximizar o potencial humano.
- (7) Prevenir a extinção da vida senciente.

É possível que alguém considere que todas essas metas devem ser buscadas. Entretanto, também é possível pensar que apenas algumas delas deveriam serem buscadas (ou mesmo que apenas uma delas).

Além disso, alguém pode acreditar que várias dessas metas (ou mesmo todas) devem ser almeçadas, mas com diferentes graus de importância. A seguir veremos alguns argumentos para priorizarmos as duas primeiras (prevenir sofrimento e prevenir mortes prematuras). Como deve estar claro, isso não implica necessariamente descartar as outras metas, pois o foco em uma meta e não em outra pode ser uma questão de *grau*.

De que depende então a escolha pelo foco nessa ou naquela meta? A seguir veremos essa

discussão em relação ao foco em evitar sofrimento e, na sequência, falaremos do foco em evitar mortes prematuras.

6.2. Do que depende o foco em evitar sofrimento?

6.2.1. Calculando o quanto focar em evitar sofrimento

Considere as seguintes perguntas:

- (1) Devemos ter um foco maior em prevenir sofrimento?
- (2) Se sim, em que medida?

A resposta para essas perguntas depende das respostas que damos a outras duas perguntas:

- (1) *Peso*: qual peso dar à meta de prevenir sofrimento, em comparação a outras metas?
- (2) *Expectativa*: o quão otimistas/pessimistas devemos ser em relação ao futuro?

A relação entre esses dois fatores (*peso* e *expectativa*) se dá da seguinte maneira:

- Quanto mais otimista alguém é em relação ao futuro, mais peso tem que dar à meta de reduzir sofrimento para concluir que deve priorizar evitar sofrimento.
- Analogamente, quanto mais alguém pensa que o futuro tem potencial de conter vastas quantidades de sofrimento, menos precisa ter como meta principal a redução do sofrimento para concluir que deve priorizá-la.

Uma maneira de medir isso é com a seguinte fórmula⁵²:

- *Grau de foco no sofrimento* (GFS): $PS \times ES$.
- *PS* (*Peso da meta de evitar sofrimento*): quanto mais valorizamos evitar sofrimento

⁵² Para esse cálculo, ver Althaus (2018) e Baumann (2022, p. 29-35). No original, essas siglas são NSR (*normative suffering-to-happiness trade ratio*) e ESR (*expected suffering-to-happiness-ratio*). Entretanto, aqui essas siglas foram adaptadas para que não enfatizassem que necessariamente se trata de uma comparação entre sofrimento e felicidade, pois, apesar de isso ser certamente possível, essa equação também permite comparar a meta centrada em evitar sofrimento com qualquer outra meta.

frente a outras metas, maior o PS.

- ES (*Expectativa do sofrimento*): quanto mais achamos que o futuro poderá ser cheio de sofrimento, maior o ES.

Quanto maior o resultado de GFS, seja porque damos um peso maior à evitar sofrimento (PS alto) e/ou somos pessimistas sobre o futuro (ES alto), mais focaremos em evitar sofrimento.

6.2.2. Aplicando o mesmo raciocínio a outras metas

Apesar de termos falado acima apenas do foco em evitar sofrimento, o mesmo raciocínio é aplicável a qualquer outra meta. Sempre é possível multiplicar o peso que damos a uma meta pelo quanto esperamos que aquilo que ela visa evitar/buscar ocorrerá.

Por exemplo, para saber o quanto focar em evitar mortes prematuras, poderíamos multiplicar o peso que damos a essa meta em comparação a outras metas, pelo quanto esperamos que o futuro provavelmente conterà de mortes prematuras.

Ambos os exemplos acima foram sobre focos em evitar coisas negativas (sofrimento e morte). Quando o foco é em buscar coisas positivas (por exemplo, proporcionar experiências positivas aos seres sencientes), apesar de o eixo do peso permanecer igual (isto é, quanto mais peso dermos à meta de proporcionar vidas positivas, mais focaremos em tal meta), o eixo da expectativa se dará de modo inverso (por exemplo, quanto menos esperamos que o futuro já conterà de experiências positivas, mais focaremos em tal meta).

6.3. Quem poderia aceitar o foco em prevenir sofrimento?

Poder-se-ia pensar que, para se aceitar um [foco em prevenir sofrimento](#)⁵³, é necessário ter como única preocupação a prevenção do sofrimento (ou, pelo menos, considerar a prevenção do sofrimento como um *trunfo* sobre qualquer outra meta). Entretanto, como fica evidente a partir do cálculo acima, isso não é assim. O foco em prevenir sofrimento pode ser aceito por um número muito maior de visões. A seguir estão listadas as visões que podem aceitar esse

⁵³ Para uma introdução às éticas focadas no sofrimento, ver *Ética Animal* (2021). Para uma defesa de uma ética focada no sofrimento, ver Vinding (2020a).

foco.

(1) Pessoas cuja *única meta* é evitar sofrimento.

(2) Pessoas que buscam também outras metas, mas para as quais evitar sofrimento é um *trunfo*. Para essas pessoas não importa o tamanho do ganho em outras metas com o uso de certo recurso, utilizá-lo para evitar sofrimento sempre teria prioridade.

(3) Pessoas que aceitam também outras metas, mas para as quais evitar sofrimento tem um *peso maior* (ainda que não seja um trunfo). Diferentemente das pessoas do item 2, para essas pessoas a balança poderá pender para focar em outras metas se o ganho nelas for suficientemente grande com o uso de certo recurso. Entretanto, na maioria das situações essas pessoas tenderiam a focar em evitar sofrimento (especialmente se forem pessimistas quanto ao futuro).

(4) Pessoas que dão *peso igual* a outras metas podem priorizar prevenir sofrimento caso forem pessimistas em relação ao futuro.

(5) Pessoas que dão *peso maior a outras metas* podem ainda reconhecer que reduzir sofrimento é uma meta importante (e podem até mesmo priorizá-la, dependendo do quão pessimistas forem em relação ao futuro).

6.4. Alguns argumentos para dar um peso maior à meta de evitar sofrimento

A seguir veremos quatro argumentos que tem sido oferecidos para se dar um peso maior à meta de evitar sofrimento em comparação à meta de proporcionar experiências positivas⁵⁴. É importante observar que esses argumentos não comparam a meta de evitar sofrimento com outras metas que também dizem respeito a evitar algo negativo (como a meta de evitar a morte prematura, algo que abordaremos no [item 6.6](#)). A seguir estão os quatro argumentos.

6.4.1. O exemplo da garantia (primeira versão)

⁵⁴ Para uma introdução a esses argumentos, ver *Ética Animal* (2021). Para uma análise mais detalhada, ver Vinding (2020b).

Imagine que podemos garantir uma dessas duas coisas, mas não ambas:

- Se estivermos em sofrimento extremo, passaremos para um sofrimento moderado.
- Se estivermos em prazer moderado, passaremos para um prazer extremo.

Parece mais importante garantir a primeira coisa. Isso sugere que *diminuir o sofrimento* é mais importante do que *aumentar o prazer*.

6.4.2. O exemplo da garantia (segunda versão)

Imagine que podemos garantir uma dessas duas coisas, mas não ambas:

- Se estivermos em sofrimento moderado, não passaremos para um sofrimento extremo.
- Se estivermos em prazer extremo, não passaremos para um prazer moderado.

Novamente, parece mais importante garantir a primeira coisa. Isso sugere que *evitar aumentos no sofrimento* é mais importante do que *evitar diminuições de prazer*.

6.4.3. O exemplo da tortura

Quando alguém é submetido à tortura, pode chegar a se voltar contra seus entes queridos ou outros inocentes, trair causas nas quais acredita, desistir de sua liberdade ou mesmo de sua vida. Porém, muitas dessas pessoas não fariam essas mesmas coisas em troca de um prazer gigantesco. Isso sugere que o sofrimento é muito mais insuportável do que a falta de prazer.

6.4.4. O argumento de que evitar sofrimento melhor maximiza o saldo positivo

Esse último argumento não é um argumento para se dar maior peso a prevenir sofrimento, mas sugere que priorizar prevenir sofrimento é mais eficiente para alcançar a meta de maximizar o saldo total positivo (isto é, a [soma total agregada de prazer menos sofrimento](#)).

Há visões para as quais uma unidade adicional de bem-estar possui o mesmo grau de importância, seja lá se for um aumento no bem-estar de quem está sofrendo ou de quem já

está bem⁵⁵. Segundo essas visões, o que devemos fazer é tentar maximizar o saldo total positivo.

Entretanto, normalmente utilizar determinada quantia de recurso para melhorar a situação de quem está sofrendo é mais eficiente para maximizar o saldo total positivo⁵⁶. Por exemplo, se alguém só tem cinco quilos de arroz, dar-lhe um quilo adicional fará uma diferença mais positiva no seu bem-estar do que faria dá-lo a alguém que já tem, por exemplo, vinte quilos de arroz.

Assim, quanto pior a situação de alguém, mais uma unidade adicional de recurso faz uma diferença positiva para o seu bem-estar. Portanto, mesmo alguém que dá peso igual a produzir o que é positivo (em comparação a prevenir sofrimento) tem ainda razões para priorizar prevenir sofrimento, pois isso seria mais eficiente para maximizar o saldo total.

6.5. O quão pessimistas precisamos ser sobre o futuro para focarmos no sofrimento?

Agora discutiremos alguns argumentos que defendem que devemos ser otimistas em relação ao futuro⁵⁷. Veremos também que, para priorizarmos evitar sofrimento, não é necessário que sejamos altamente pessimistas em relação ao futuro (é necessário somente que reconheçamos que a possibilidade de o futuro conter vastas quantias de sofrimento não é insignificante).

6.5.1. O argumento de que a tecnologia tornará desnecessário causar sofrimento

Por vezes é alegado que a tecnologia tornará fácil alcançar o que as pessoas querem sem precisar causar sofrimento. A ideia é a de que, se as pessoas se preocupam pelo menos um pouco em evitar causar sofrimento, e o custo de evitá-lo for baixo, o evitarão. Um exemplo é a crença de que a [carne celular](#) tornará a exploração animal obsoleta, mesmo que as pessoas não se preocupem muito com os animais.

Uma primeira maneira possível de questionar esse argumento é apontar que talvez a consideração dada pela maioria dessas pessoas aos animais seja tão baixa que elas podem não

⁵⁵ Esse é o caso, por exemplo, do [utilitarismo](#). Para uma introdução ao utilitarismo, ver *Ética Animal* (2015)

⁵⁶ Isso é chamado de *princípio da utilidade marginal decrescente*.

⁵⁷ Esses argumentos são discutidos em mais detalhes em Baumann (2022, p. 32-4).

estar dispostas a pagar o preço de evitar o sofrimento dos animais, nem mesmo se esse preço for mínimo. Por exemplo, imaginemos que chegue um ponto em que a carne celular venha a ser apenas levemente mais cara do que a carne convencional. Talvez muitas pessoas não estejam dispostas a pagar alguns centavos a mais pela carne cultivada. E, mesmo que a carne cultivada venha a ser mais barata do que a carne convencional, talvez várias pessoas insistam que preferem o "produto original". Em resumo, o fato de alguém não almejar o sofrimento por si não garante que tentará prevenir sofrimento, pois o grau de consideração moral que dá aos afetados por suas decisões pode ser muito baixo, mesmo que não almeje o sofrimento dessas vítimas.

Outra maneira de responder a esse argumento é apontar que, mesmo se ele fizer sentido em relação a práticas que produzem sofrimento, mas o sofrimento não é almejado por si (como o consumo de animais), a tecnologia também pode aumentar o poder de indivíduos cuja meta é causar sofrimento aos outros. Portanto, a possibilidade de a tecnologia vir a reduzir os riscos de sofrimento não almejado não é suficiente para sermos otimistas em relação ao futuro, especialmente porque indivíduos com traços malevolentes possuem uma tendência a buscar e alcançar posições de poder⁵⁸.

6.5.2. O argumento de que as coisas tendem a melhorar

Outro argumento a favor do otimismo em relação ao futuro é a alegação de que as coisas tenderam a melhorar nos últimos séculos: declínio da violência, melhorias na saúde como curas de doenças, aumento da expectativa de vida etc.

Entretanto, esse julgamento só faz sentido de um ponto de vista antropocêntrico. Por exemplo, houve um aumento gigantesco do número de animais explorados desde a revolução industrial. Esse número continua aumentando muito, [sobretudo sobre animais aquáticos e invertebrados](#).

Já em relação ao sofrimento dos [animais selvagens](#), é incerto se ele aumentou ou diminuiu ao longo do tempo. Por exemplo, a substituição de áreas verdes por urbanização normalmente causa sofrimento e mortes aos animais que ali vivem mas, dada a [maneira como os processos naturais tipicamente afetam os animais](#)⁵⁹, a [urbanização também previne que uma quantidade](#)

⁵⁸ Sobre isso, ver Baumann (2022, p. 54-6).

⁵⁹ Para um relato detalhado sobre isso, ver Ética Animal (2023[2020]).

[gigantesca nasça apenas para sofrer em tais locais](#)⁶⁰.

O ponto é: levando em conta todos os seres sencientes afetados, não sabemos se as coisas estão piorando ou melhorando no total.

6.5.3. A probabilidade dos riscos-s não é insignificante, e isso é suficiente

Para focarmos fortemente em evitar sofrimento não é necessário termos uma visão pessimista do futuro. É suficiente acreditarmos que a probabilidade de o futuro conter vastas quantias de sofrimento não é insignificante. Essa probabilidade não é muito insignificante por três razões⁶¹:

(1) [O sofrimento em escala astronômica no futuro pode surgir de muitas maneiras](#), e é muito difícil prever o futuro. A probabilidade de algumas dessas maneiras ocorrerem (inclusive algumas das quais sequer vislumbramos atualmente) não é insignificante.

(2) Exceto se houver uma desestabilidade em nível global, é provável que a tecnologia continue a se desenvolver. Os indivíduos que detêm o poder normalmente têm uma consideração insuficiente (ou mesmo nula) pelos afetados por suas decisões.

(3) Até o momento as tecnologias proporcionaram desde cura de doenças até armas químicas, bombas nucleares e a pecuária industrial. Então, não é garantido que os desenvolvimentos futuros serão utilizados de maneira benéfica.

Este foi um breve resumo do debate sobre o foco na meta de prevenir sofrimento. A seguir discutiremos a meta de evitar mortes prematuras.

6.6. A meta de evitar mortes prematuras

Normalmente, a discussão sobre evitar danos para os seres sencientes futuros gira em torno da meta de evitar sofrimento. Isso ocorre porque vários dos principais autores sobre essa questão

⁶⁰ Para uma análise detalhada dessa questão, ver os capítulos 36 e 37 do [Volume VII](#) desta coleção. Ver também Tomasik (2022).

⁶¹ Sobre essas razões, ver Baumann (2022, p. 32-4).

são também adeptos de [teorias éticas focadas em prevenir sofrimento](#)⁶². Entretanto, outra possível meta é [evitar mortes prematuras](#). Que razões existem a favor dessa meta? Como pesá-la em comparação à meta de evitar sofrimento? Isso é o que discutiremos a seguir.

6.6.1. O quão afortunado ou desafortunado alguém foi com a vida que teve?

Uma das razões para se pensar que evitar mortes prematuras é uma meta importante tem a ver com a avaliação sobre o quão afortunado ou desafortunado alguém foi com a vida que teve⁶³. Em que fatores deveríamos nos basear para fazer tal avaliação?

Um primeiro fator que logo vem à mente é investigar o quanto de sofrimento a vida em questão conteve. Certamente que esse é um fator relevante. Entretanto, o exemplo a seguir sugere que não é o único fator relevante:

Suponhamos que pudéssemos medir a quantidade de sofrimento que alguém teve durante sua vida. Isso seria obtido somando-se os instantes de sofrimento e multiplicando-os pela intensidade do sofrimento em cada momento (sendo "s" a unidade para medir sofrimento). Imaginemos que avaliamos as vidas de Ana e Bia e que obtivemos o seguinte resultado:

- Ana teve 200.000s
- Bia teve 400.000s.

Se olharmos apenas para o sofrimento, diremos que Bia foi mais desafortunada com a vida que teve do que Ana. Entretanto, imaginemos que o sofrimento de Ana representou mais de 95% das experiências que teve durante toda a vida, enquanto que a vida de Bia, apesar de ter o dobro de sofrimento, teve muito mais experiências positivas, a ponto de o sofrimento de Bia não chegar nem a 50% do total das experiências que teve durante a vida.

Esse exemplo sugere que, para se avaliar o quão afortunado ou desafortunado alguém foi com a vida que teve, é importante não apenas levar em conta a quantidade de sofrimento que experimentou, mas também a quantidade de experiências positivas. Em outras palavras, se o

⁶² Ver, por exemplo, Pearce (2010), Tomasik (2016b; 2018 [2015]); Gloor (2017); Vinding, (2020a, 2020b) Baumann (2022).

⁶³ Para uma análise sobre essa relação, ver Cunha (2022, p. 61-92).

objetivo é avaliar o *quão boa ou ruim* foi uma vida para quem a viveu, tem-se que levar em conta os eventos negativos e os positivos, e não só os negativos.

Entretanto, pode ser enganoso nos basearmos na *proporção* entre esses dois fatores. O que importa é a *quantidade* desses eventos (algo que depende de *quanto tempo* alguém viveu). Para esse ponto ficar mais claro, considere o exemplo a seguir.

Imaginemos que, ao avaliarmos as experiências que Clara e Dora tiveram durante suas vidas, temos o seguinte, em termos de proporção:

- Clara: 70% experiências positivas e 30% experiências negativas
- Dora: 60% experiências positivas e 40% experiências negativas

Se nos basearmos apenas na proporção, diremos que Clara foi mais afortunada com a vida que teve do que Dora. Contudo, imaginemos que Clara viveu 20 anos e que Dora viveu 80. Assim, 70% das experiências positivas de Clara são uma quantidade muito menor do que 60% das experiências positivas de Dora. Isso sugere que é relevante a *quantidade* de experiências positivas e negativas (algo que depende do *quanto de tempo* alguém viveu), e não somente a proporção entre eventos positivos e negativos.

Agora estamos em posição de entender por que razão mortes prematuras são eventos que temos fortes razões para prevenir, pois quanto mais prematura a morte, menor a oportunidade para a ocorrência de experiências positivas. É claro, só faz sentido querer que alguém tenha mais tempo de vida se houver a possibilidade de essa vida ser minimamente significativa. Por essa razão, a meta de prevenir o sofrimento é sempre uma meta importantíssima. Entretanto, também faz sentido dizer que, se há possibilidade de uma vida ser significativa, a morte prematura é um fator que contribui para que alguém seja altamente desafortunado com a vida que teve⁶⁴.

6.6.2. Pesando a meta de evitar sofrimento e a meta de evitar a morte

Vimos que a meta de evitar mortes está relacionada diretamente com a meta de proporcionar

⁶⁴ A questão do dano da morte é analisada em detalhes em todo o [Volume III desta coleção](#).

eventos positivos. No [item 6.4](#) vimos alguns exemplos que sugerem que evitar sofrimento tem peso maior do que obter experiências positivas. Entretanto, é importante observar que aqueles exemplos não sugerem que a meta de evitar sofrimento é um *trunfo* pois, dependendo do quão menor é o sofrimento e do quão maior é a experiência positiva, poderíamos achar que vale a pena passar pelo sofrimento para alcançar a experiência positiva (aprender a tocar um instrumento musical é um exemplo).

Além disso, os exemplos do item 6.4 pesaram essas duas metas em situações que referem-se apenas a um dado momento, pedindo-nos para imaginar se preferiríamos garantir evitar sofrimento ou obter prazer. Uma vez que inserimos o fator tempo na equação (que está diretamente relacionado a evitar a morte), o peso das metas de evitar sofrimento e de obter experiências positivas já é mais incerto. Vejamos dois exemplos nesse sentido.

- Há situações onde o sofrimento que experimentaríamos se continuássemos vivos é tão grande que acreditamos que não vale a pena continuar a viver. Esse é o caso de muitos pacientes terminais que pedem para morrer para terem o seu sofrimento aliviado, por exemplo⁶⁵.
- Por outro lado, há situações onde acreditamos que vale a pena enfrentar sofrimentos consideráveis (por vezes, até muito grandes) se isso for necessário para salvar nossa vida (se houver, é claro, possibilidade de essa vida ser minimamente significativa dali para frente).

Esses casos sugerem que nenhuma dessas duas metas (evitar sofrimento e evitar a morte) tem, em todas as situações, prioridade sobre a outra. Porém, sugerem que ambas as metas são muito importantes.

6.7. Conclusão

Há várias metas que alguém poderia querer alcançar em termos de ter o melhor impacto em longo prazo. Se a argumentação que vimos faz sentido, ainda que possa haver várias metas dignas de ser buscadas, há razões para darmos um peso extra às metas de prevenir sofrimento e de prevenir mortes prematuras dos seres sencientes.

⁶⁵ Para uma discussão ampla dessa questão, ver Rachels (1987).

7. De que consiste o foco nos riscos-s?

7.1. Introdução

Neste capítulo abordaremos o que Baumann (2022, p. 36-40) denomina de *foco nos riscos-s*. Discutiremos a relação desse foco com a maneira como o sofrimento pode estar distribuído ao longo do futuro, e qual a diferença entre *foco nos riscos-s* e *foco estreito*.

Como vimos, *riscos-s* são os riscos de que no futuro ocorram eventos que resultem em sofrimento de magnitude gigantesca, que excede o sofrimento existente na Terra até agora. Por vezes é defendido que a maneira mais eficiente de evitar sofrimento na história do mundo daqui para frente é focar em evitar riscos-s⁶⁶, pois a magnitude do sofrimento nesses casos pode ser tão astronômica, que representaria a maior parte do sofrimento futuro. Esse é o chamado *foco nos riscos-s*.

Entretanto, alguém poderia ter a meta de reduzir o sofrimento futuro da maneira mais eficiente possível, mas rejeitar o foco nos riscos-s por acreditar que a maior parte do sofrimento futuro ocorrerá somando-se cenários que são ruins, mas não a ponto de serem riscos-s. Por essa razão, a seguir investigaremos a probabilidade de o sofrimento futuro estar distribuído dessa ou daquela maneira.

7.2. Como será provavelmente a distribuição do sofrimento ao longo do futuro?

Baumann (2022, p. 37-8) observa que muitos fenômenos possuem o que é chamado de *distribuição de cauda pesada* (em referência à curva formada no gráfico). Por exemplo, se somarmos todas as mortes por guerras ou terremotos ao longo da história, a maioria ocorreu em um pequeno número dos piores casos. O mesmo pode ocorrer quanto ao sofrimento futuro: uma boa porcentagem dele poderá estar concentrada nos riscos-s mais extremos.

Uma distribuição pode ser de cauda pesada em maior ou menor grau. Uma razão para se pensar que o sofrimento futuro será de cauda pesada em alto grau é que a escala do sofrimento futuro pode variar em muitas ordens de magnitude (por exemplo, devido ao potencial de

⁶⁶ Um exemplo é a posição defendida por Baumann (2022, p. 36-40).

[colonização espacial⁶⁷ ou de senciência digital⁶⁸](#)). Então, poderia ter picos acentuadíssimos.

7.3. O foco nos riscos-s não implica um foco estreito

O foco nos piores casos não implica focar em apenas alguns poucos riscos-s que alguém considera os piores de todos. Isso se dá pelos seguintes motivos:

- Mesmo se o sofrimento futuro tiver uma distribuição de cauda pesada, isso não significa que a maior parte do sofrimento futuro esperável surja a partir de poucos casos específicos de riscos-s. Pode ser que surja a partir da soma de todos ou vários dos riscos-s.
- Nos fenômenos com distribuição de cauda pesada raramente 0,1% dos casos mais extremos contém 99% da distribuição total. Assim, faz sentido focar, por exemplo, nos 10% piores resultados, em vez de focar nos piores 0,1%.
- Mesmo 1% dos riscos-s mais severos podem ainda ocorrer em cenários muito diversos, com fontes de sofrimento muito diversas.
- Mesmo se a maior parte do sofrimento futuro ocorrer em um número limitado de piores cenários bem específicos, podemos estar enganados sobre quais serão esses cenários.
- As intervenções contra os piores riscos podem não estar disponíveis, ou não serem mais eficientes do que [intervenções que poderiam ajudar em um amplo leque de riscos](#).
- Também poderá haver uma cauda positiva no futuro, que viria da oportunidade de reduzir, por exemplo, os [riscos-s naturais](#)⁶⁹. Assim, devemos tentar reduzir a cauda negativa e aumentar a positiva e, por isso, preferir intervenções que cubram muitos tipos de cenários.

Baumann (2022, p. 39) conclui que todas essas observações dizem respeito ao que deveríamos fazer enquanto grupo. Individualmente, pode fazer sentido se especializar em um leque estreito de riscos, desde que nossos esforços coletivos cubram um leque amplo de riscos.

⁶⁷ Sobre por que isso é um risco-s, ver O'Brien (2022).

⁶⁸ Sobre por que isso é um risco-s, ver Tomasik (2015) e Baumann (2022, p. 11-16, 19, 50, 52, 58-61, 83-4).

⁶⁹ Sobre a maneira como os processos naturais tipicamente prejudicam em larga escala os animais não humanos, ver Cunha (2022) e Ética Animal (2023[2020]).

8. Identificando fatores de risco para os riscos-s

8.1. O que são fatores de risco e qual a importância de identificá-los

Uma das objeções mais comuns à [preocupação com o futuro em longo prazo](#)⁷⁰ é a dificuldade em estimar as consequências de longo prazo de cada decisão. Por exemplo, é difícil avaliar como determinada intervenção afetaria os [riscos-s](#) (isto é, riscos de sofrimento de magnitude astronômica no futuro⁷¹), pois há inúmeros riscos-s possíveis e o futuro é bastante incerto. Uma saída possível para essa dificuldade é tentar investigar *fatores de risco*⁷², que não são eles mesmos riscos-s, mas aumentam muito as chances ou a severidade dos mesmos.

O conceito de *fator de risco* já é amplamente utilizado em medicina. Por exemplo, fumar, falta de exercício e má alimentação não são problemas de saúde em si, mas podem ocasionar muitas doenças. Para saber que é algo bom prevenir esses fatores não é necessário analisar doenças específicas nem saber como será trajetória de saúde de cada pessoa. Analogamente, se descobrirmos quais são os fatores de risco para os riscos-s, para saber que é bom preveni-los não é necessário saber como será o futuro.

Assim como ocorre com os fatores de risco na medicina, não quer dizer que os fatores de risco para os riscos-s necessariamente fariam um ou mais riscos-s se materializarem. Quer dizer apenas que aumentariam muito as suas chances. Assim, se identificarmos tais fatores de risco, poderemos planejar intervenções eficazes para reduzir um amplo leque de riscos-s, sem que para isso seja necessário saber como será o futuro..

Baumann (2002.p. 49-56) sugere vários exemplos de fatores de riscos para os riscos-s. Nos itens a seguir discutiremos cada um deles separadamente, e no [item 8.9](#) falaremos da interação entre esses vários fatores de risco.

8.2. Tecnologia avançada

Muitos riscos-s só são possíveis por conta de novas tecnologias. Porém, cada progresso

⁷⁰ Para uma introdução à preocupação com o futuro em longo prazo, ver *Ética Animal* (2018). Para um artigo mais detalhado, ver O'Brien (2023).

⁷¹ Sobre riscos-s, ver Tomasik (2019b) e Baumann (2022).

⁷² Para uma discussão sobre fatores de risco para os riscos-s, ver Baumann (2022, p. 49-56).

tecnológico é preocupante em maior ou menor grau. Dentre as mais preocupantes estão as tecnologias que poderiam tornar muito fácil criar grandes quantidades de sofrimento. A seguir estão dois exemplos.

- A capacidade de criar [seres sencientes digitais](#)⁷³ poderia resultar em quantidades enormes de sofrimento por conta da desconsideração por seres sencientes não biológicos, algo que abordamos no [item 1.8.3](#).
- A colonização espacial pode multiplicar vastamente a população de seres sencientes, que estariam sujeitos tanto às decisões dos agentes [quanto aos processos naturais](#)⁷⁴. Há entre 100 e 400 bilhões de estrelas em nossa galáxia, e entre 100 e 200 bilhões de galáxias no universo⁷⁵. Sem colonização espacial, o sofrimento ficaria limitado ao da Terra (que já é enorme, mas minúsculo comparado ao que poderia surgir).

8.3. Aversão à tecnologia

A tecnologia também oferece oportunidades para redução de riscos-s. Por exemplo, se fosse interrompido o progresso tecnológico, isso impediria o surgimento de riscos-s causados por humanos, mas não impediria os [riscos-s naturais](#) (na Terra ou fora dela) nem os causados por outras civilizações, caso estas existam (e também faria com que não houvesse tecnologia para impedir esses outros riscos-s).

A tecnologia é uma ferramenta. Como tal, ela será utilizada para alcançar os fins de quem a utiliza. Assim, se uma tecnologia aumentará ou reduzirá o sofrimento é algo que depende das metas daqueles que farão uso dela. Por exemplo, a colonização espacial pode multiplicar os riscos-s para fora da Terra, mas também pode proporcionar a redução de riscos-s, se houver riscos-s fora da Terra.

É claro, poderia ser dito que, em relação a certas tecnologias, como a colonização espacial, o risco que elas representam de causar riscos-s é tão grande, que ainda poderia valer a pena nunca chegar a utilizá-las, mesmo que isso implique em deixar de prevenir sofrimento

⁷³ Sobre essa possibilidade, ver Tomasik (2015).

⁷⁴ Sobre isso, ver O'Brien (2022). Sobre a maneira como os processos naturais tipicamente prejudicam os animais em larga escala, ver Cunha (2022) e Ética Animal (2023 [2022]).

⁷⁵ Para esses dados, ver Baumann (2022, p. 8, n.12).

também. Entretanto, mesmo que tivesse sido demonstrado que, por conta desse risco, é melhor nunca chegar a desenvolver certas tecnologias, isso não fundamentaria que é melhor interromper o progresso tecnológico como um todo (pois não se aplicaria a outras tecnologias), muito menos abandonar a tecnologia já existente.

Além disso, é preciso levar em conta que muito da aversão ao uso da tecnologia surge de uma visão irrealisticamente positiva da natureza. Por exemplo, predomina a crença de que, se os humanos pararem de prejudicar os animais selvagens, estes normalmente terão vidas minimamente positivas em decorrência dos processos naturais. Essa visão é o oposto da realidade. Os processos naturais [tendem a maximizar a quantidade de animais que nasce para experimentar predominantemente sofrimento e morrer prematuramente](#). Entretanto, a visão romantizada da natureza é amplamente difundida, e é uma das crenças que mais contribui para a ideia equivocada de que, abandonando-se a tecnologia, o sofrimento diminuirá.

8.4. Falta de consideração por seres sencientes não humanos

A maioria dos riscos-s, e também a pouca atenção dada à prevenção dos riscos-s, só existem porque é baixo o nível de consideração moral dado aos seres sencientes não humanos. Vimos no [item 1.6.1](#) que a falta de consideração pelos indivíduos afetados pelas decisões é suficiente para haver um risco-s (não é necessário que os agentes almejem o sofrimento por si). A esmagadora maioria das vítimas potenciais dos riscos-s são não humanos (sejam animais não humanos ou possíveis seres sencientes não orgânicos futuros). Assim, a falta de consideração por seres sencientes não humanos é um dos principais fatores de risco para os riscos-s. Além disso, tal falta de consideração, além de ser ela própria um fator de risco, também causa outro fator de risco: a falta de esforços para reduzir riscos-s, que abordaremos a seguir.

8.5. Falta de esforços para reduzir riscos-s.

Só é possível fazer progresso em termos de prevenir riscos-s se houver pessoas o suficiente se importando com essa questão. Por exemplo, pode ser que as futuras gerações venham a ter tecnologia que poderia ser utilizada para prevenir ou minimizar riscos-s, mas escolham não fazê-lo por não terem consideração moral o suficiente por todos os seres sencientes.

Isso não quer dizer que, para haver esforços para reduzir riscos-s, tenha de haver necessariamente um número muito grande de pessoas focando nisso. Mesmo que poucas pessoas foquem na prevenção dos riscos-s, elas podem tentar compromissos com pessoas que possuem outros focos (mas que não são contrárias a prevenir riscos-s), para implementar medidas de baixo custo para preveni-los. Além disso, pode-se focar em tentar fazer com que pessoas que possuem mais recursos, poder ou influência passem a querer prevenir riscos-s. O impacto positivo dessas pessoas pode ser muito maior do que o impacto positivo em conjunto da soma de pessoas que possuem poucos recursos, poder ou influência.

8.6. Esforços equivocados ou ineficazes para reduzir riscos-s

Ter a vontade de reduzir os riscos-s não é o bastante. É preciso que os esforços sejam bem planejados para que não sejam pouco eficazes, ineficazes, ou mesmo contraproducentes.

Alguns riscos relacionados a essas possibilidades são:

- Se a causa pela redução dos riscos-s ficar associada a ideias muito controversas, isso pode gerar uma forte oposição à proposta de prevenir riscos-s.
- É possível que os decisores relevantes queiram prevenir riscos-s, mas as instituições políticas sejam ineficazes ou haja problemas de cooperação⁷⁶.
- Pode ser também que os decisores não percebam certos riscos-s em estágios iniciais e, quando perceberem, já seja tarde demais.

A questão dos esforços pouco eficazes, ineficazes ou contraproducentes será abordada em detalhes no [Capítulo 13](#).

8.7. Polarização, conflito e hostilidade

Há maior probabilidade de riscos-s ocorrerem se houver um alto grau de hostilidade entre os agentes futuros. A polarização em larga escala deixa pouco espaço para reflexão (sobre riscos-s ou qualquer outra coisa) e para compromissos mútuos. Ela também tem o potencial de resultar em conflitos e até mesmo em guerras, o que aumenta as chances de [riscos-s agenciais](#).

⁷⁶ Esse ponto é discutido em detalhes em Baumann (2022, p. 65-76).

A polarização, e como diminuí-la, será o tema do [Capítulo 11](#).

8.8. Falta de segurança contra agentes que almejam causar sofrimento

Outro fator de risco é a segurança insuficiente contra agentes que possuem como meta causar sofrimento. Atualmente alguns desses agentes são contidos em alguma medida pelas normas morais e pelas leis, mas há possíveis cenários futuros onde tais formas de contenção poderiam ser ineficazes ou insuficientes (por exemplo, em um futuro com IA autônomas e poderosas, e/ou com a colonização espacial).

Indivíduos que possuem traços de personalidade como psicopatia, sadismo, narcisismo e maquiavelismo aumentam a probabilidade de materialização de riscos-s quando alcançam posições de poder⁷⁷. E não é incomum que estejam em tais posições, pois geralmente possuem um desejo forte por poder e sua personalidade dá muitas vantagens nessa busca (e esse desejo e essa vantagem é maior quanto maior for o número desses traços em um mesmo indivíduo). Esses riscos são aumentados se esses agentes malévolos tiverem acesso à tecnologia avançada (o que exemplifica que, quanto mais fatores de risco estiverem combinados, maiores as chances de um risco-s se materializar, ponto que discutiremos no item a seguir).

8.9. Interação entre vários fatores de risco e entre várias formas de prevení-los

Os diversos fatores de risco interagem entre si. Por exemplo, a polarização aumenta as chances de indivíduos com traços malignos chegarem ao poder. Se isso acontecer, é provável que impeçam os esforços para se prevenir os riscos-s. Por sua vez, a tecnologia avançada poderia multiplicar os danos causados por agentes malignos, e assim por diante. Assim como no contexto médico, as catástrofes têm maior probabilidade de ocorrerem se vários fatores de risco coincidirem.

Analogamente, um fator de risco pode ser mitigado por um conjunto de circunstâncias favoráveis. Por exemplo, tecnologia avançada é muito menos preocupante se a consideração

⁷⁷ Esses traços em conjunto são chamados de *Dark Tetrad*. Sobre esses traços de personalidade e sua relação entre si, ver Paulhus (2014) e Moshagen et al. (2018). Sobre como indivíduos com esses traços potencializam a materialização de riscos-s quando assumem posições de poder, ver Baumann (2022, p. 54-56).

por todos os seres sencientes está mais difundida e existem esforços adequados para prevenir riscos-s. Da mesma maneira, sem colonização espacial, o sofrimento causado por um ditador maligno estaria limitado à Terra, e assim por diante.

8.10. Conclusão

Nesse capítulo vimos o que são fatores de risco e também alguns exemplos de fatores de risco para os riscos-s. Vimos também que a probabilidade de um risco-s se materializar é maior quando vários fatores de risco coincidem, e que as chances de preveni-lo também são maiores se várias formas de prevenção coincidem.

No [próximo capítulo](#) veremos uma classificação dos tipos de estratégias para prevenir os fatores de risco para os riscos-s.

9. Estratégias longoprazistas: amplas e direcionadas

9.1. O que são estratégias amplas e estratégias direcionadas

Para alcançarmos o melhor impacto para todos os seres sencientes, [precisamos levar em conta o futuro em longo prazo](#). Em relação a isso, existem dois grupos principais de estratégias⁷⁸:

- *Amplas*: tentam ter o melhor impacto possível em uma grande diversidade de cenários.
- *Direcionadas*: tentam ter o melhor impacto possível em cenários específicos.

9.2. Vantagens e desvantagens de cada tipo de estratégia

Cada estratégia direcionada, por ter um foco muito específico, pode ter um impacto muito grande se ocorrer o cenário para o qual ela foi planejada. Entretanto, estratégias desse tipo também podem ter um impacto muito reduzido ou mesmo nulo se ocorrerem outros cenários.

Já as estratégias amplas terão um impacto positivo em muitíssimos cenários, talvez em quase todos que ocorrerem. Porém, esse impacto será mais reduzido do que o impacto que possuem as estratégias direcionadas quando acontece o cenário para o qual elas são planejadas.

A seguir, veremos alguns exemplos de estratégias amplas e direcionadas.

9.3. Exemplos de estratégias amplas

9.3.1. Aumentar a consideração pelos seres sencientes

Um exemplo de estratégia ampla consiste em conseguir mudanças de atitudes a nível social. Para isso, é fundamental divulgar o [anti especismo](#) e a [consideração por todas as formas de senciência](#). Adicionalmente, podem ser promovidas mudanças institucionais que reforcem as mudanças de atitude conseguidas e dificultem futuras regressões. A ideia é que as sociedades aceitem progressivamente a consideração por todos os seres sencientes.

⁷⁸ Mais sobre estratégias amplas e direcionadas pode ser encontrado em Horta (2023).

É importante também enfatizar que a consideração pelos seres sencientes envolve: (1) realmente considerar todos os seres sencientes (e não apenas alguns) e (2) se preocupar com todas as formas de dano que podem sofrer os seres sencientes (e não apenas de algumas). Assim sendo, a consideração pelos seres sencientes inclui:

- Defender a consideração moral por todos os seres sencientes (incluindo aqueles normalmente desconsiderados, como os [animais aquáticos e os invertebrados](#)⁷⁹, e as [novas formas de senciência que podem vir a existir no futuro](#)⁸⁰).
- Abordar todas as causas de dano que podem afetar os seres sencientes (isto é, não apenas os danos que [decorrem de práticas humanas](#), mas também os danos que [decorrem de processos naturais](#) e outras causas de dano que possam vir a surgir no futuro).

Essa é uma estratégia ampla pois, quanto mais estiver difundida a consideração por todos os seres sencientes, maiores as chances de prevenir/minimizar riscos-s, independentemente de quais cenários ocorrerem no futuro.

9.3.2. Aumentar nossa capacidade de ação no futuro

Outro exemplo de estratégia ampla consiste em agir agora visando tentar aumentar a nossa capacidade de ação no futuro. A seguir estão alguns exemplos de como isso pode ser feito:

- Difundir a preocupação com o [futuro em longo prazo](#) e com os [riscos de sofrimento futuro](#), pois isso fará com que mais pessoas venham a trabalhar nesse tema.
- Tentar aumentar os recursos das pessoas interessadas em prevenir sofrimento no futuro.
- Aumentar os nossos conhecimentos sobre o longo prazo por meio da realização de pesquisas, pois isso nos permitirá:

(1) Conhecer melhor como planejar as estratégias amplas.

⁷⁹ Para uma defesa da consideração moral por insetos, ver Cunha (2023).

⁸⁰ Sobre essa possibilidade, ver Tomasik (2015) e Baumann (2022, p. 11-16, 19, 50, 52, 58-61, 83-4).

- (2) Identificar novas estratégias direcionadas não consideradas até o momento.
- (3) Elucidar, dentre as estratégias disponíveis, quais têm maior potencial.

Novamente, esse é um exemplo de estratégia ampla porque, seja lá quais forem os cenários futuros, quanto maior for o nosso conhecimento e os nossos recursos, maiores as chances de prevenirmos/minimizarmos riscos-s.

9.4. Exemplos de estratégias direcionadas

As estratégias direcionadas tratam de cenários específicos. Assim, elas podem ser classificadas em função do cenário negativo que tratam. A seguir estão alguns exemplos.

9.4.1 Algumas estratégias focadas em evitar a exploração animal

- Prevenção de novas formas de exploração animal (por exemplo, mediante a proibição do desenvolvimento de novas formas de exploração de invertebrados para consumo⁸¹).
- Desenvolvimento de proteínas e de materiais de origem não animal para que substituam os produtos de origem animal.
- Tentar prevenir que a inteligência artificial seja utilizada para melhorar a eficiência da exploração animal.

9.4.2. Algumas estratégias focadas em evitar o sofrimento dos animais selvagens

- Tentar criar e consolidar o campo da [biologia do bem-estar](#)⁸². Essa área estudaria os animais em seus ecossistemas do ponto de vista do que poderia afetá-los positiva ou negativamente enquanto indivíduos que possuem um bem-estar (e não, enquanto exemplares de espécies ou componentes de ecossistemas). As pesquisas em biologia do bem-estar poderiam orientar os programas para reduzir o [sofrimento dos animais selvagens](#).

⁸¹ Sobre isso, ver *Ética Animal* (2022).

⁸² Sobre biologia do bem-estar, ver *Ética Animal* (2019), Faria e Horta (2020) e Soryl et. al. (2021).

- Estabelecer regulamentação da exploração espacial de maneira que [evite a expansão intencional ou acidental de vida para fora do planeta Terra](#) (mesmo da vida não senciente, pois [esta poderia após muito tempo evoluir gerando seres sencientes](#)⁸³).

9.4.3. Algumas estratégias focadas na consideração por novas formas de senciência

- Tentar impedir a [engenharia de novas formas de senciência](#), tanto biológica como não biológica.
- Tentar garantir direitos legais para entidades sencientes não biológicas.
- Buscar um alinhamento não antropocêntrico da inteligência artificial (isto é, fazer com que a inteligência artificial não tenha valores antropocêntricos).

9.5. Precauções ao se escolher estratégias longoprazistas

Acima, vimos alguns exemplos de estratégias para prevenir o sofrimento em longo prazo, tanto amplas quanto direcionadas. A seguir, estão listadas algumas precauções que devemos tomar ao decidir sobre estratégias:

- (1) Não devemos subestimar a complexidade da questão sobre quais as melhores estratégias. Dada a incerteza sobre o futuro, provavelmente não há uma resposta única e conclusiva. Devemos nos manter sempre abertos a revisar nossas crenças sobre quais as melhores estratégias, e estarmos preparados para mudar de estratégia caso necessário.
- (2) [Vieses cognitivos](#) podem nos levar a confiar demais em certas abordagens e a descartar prematuramente outras. Por isso é importante sempre lembrar que podemos estar enviesados em nossas avaliações, cultivar a humildade epistêmica e buscar sempre novas informações.
- (3) É importante evitar abordagens que tenham alto risco de fazer com que pessoas que têm outras prioridades rejeitem a proposta de reduzir os riscos-s. [Podemos diminuir esse risco defendendo metas que podem ser aceitas por um leque amplo de perspectivas](#)⁸⁴.

⁸³ Sobre por que a expansão da vida para fora da Terra representa um grande risco de gerar sofrimento em escala astronômica, ver O'Brien (2022) e Tomasik (2022)..

⁸⁴ Mais sobre isso pode ser visto no capítulo 5 do [Volume VIII desta coleção](#).

10. Por que focar na consideração pelos seres sencientes e no futuro?

10.1. Por que a maneira como afetaremos os seres futuros é pouco discutida?

A reflexão sobre [como nossas decisões podem afetar os seres sencientes futuros](#) é relativamente recente, e ainda pouco discutida. Isso se deve em parte aos dois fatores a seguir.

- *Desconsideração por quem não é humano.* Dada a vigência do [especismo](#)⁸⁵ antropocêntrico, a discussão sobre como nossas decisões podem afetar o futuro em longo prazo geralmente é limitada ao modo como os humanos serão afetados.
- *Negligência quanto ao futuro.* Quando as pessoas pensam sobre quais problemas priorizar e quais estratégias escolher para lidar com esses problemas, tendem a pensar nos seres que estão vivos agora (ou, no máximo, que viverão em um futuro próximo).

Esses dois fatores resultam em uma *negligência dupla*.

- Dado o primeiro fator, algumas pessoas que se preocupam com a maneira como nossas decisões afetam o futuro não levam em conta o impacto das mesmas sobre quem não pertence à espécie humana.
- Dado o segundo fator, a maioria das pessoas que já considera todos os seres sencientes costuma negligenciar o impacto de suas decisões sobre os seres sencientes que existirão no futuro.

Uma maneira de combater essa negligência dupla é, obviamente, [defender a importância da consideração por todos os seres sencientes](#) e também [a importância da preocupação com o futuro em longo prazo](#)⁸⁶. Neste capítulo veremos mais sobre essas duas estratégias.

Estas são ambas [estratégias amplas](#). Uma das vantagens das estratégias amplas é que sua eficácia não depende de sabermos como será o futuro. Por exemplo, aumentar a consideração

⁸⁵ Sobre o conceito de especismo, ver Horta (2022).

⁸⁶ Para uma introdução à esse tópico, ver Ética Animal (2018). Para uma defesa desses dois pontos, ver O'Brien (2023).

por todos os seres sencientes e a preocupação com os [riscos-s](#) provavelmente têm a tendência de influenciar positivamente o futuro, independentemente de como for o futuro.

10.2. Por que é importante promover a consideração por todos os seres sencientes

[Riscos-s](#) são riscos de surgimento de sofrimento de magnitude astronômica no futuro⁸⁷. Muitos riscos-s (talvez a vasta maioria) se relacionam à desconsideração por seres não humanos. Por isso, promover a consideração moral de todos os seres sencientes (independentemente de espécie, de se são vítimas de práticas humanas ou de [danos naturais](#)⁸⁸, do seu grau de inteligência, do seu tamanho, da época em que existirão, de se serão ou não orgânicos etc.) é uma importante estratégia ampla para reduzir um dos maiores [fatores de risco](#) para os riscos-s.

10.3. Riscos ao se defender a consideração pelos seres sencientes

Como acontece com toda estratégia, também há riscos relacionados à defesa da consideração por todos os seres sencientes. Dois exemplos estão listados a seguir. Entretanto, essa estratégia tem o potencial de ser vastamente positiva em prevenir riscos-s se esses riscos forem evitados.

10.3.1. Risco de rejeição e antagonismo

Um risco é a defesa da consideração pelos seres sencientes gerar rejeição e antagonismo. Isso pode ocorrer principalmente se ela estiver associada a ideias controversas. No [Capítulo 11](#) veremos algumas sugestões para evitar esse risco.

10.3.2. Risco de promover os valores opostos sem querer

Frequentemente, ativistas da causa animal utilizam argumentos antropocêntricos ou ambientalistas com o objetivo de convencer as pessoas a pararem de consumir os animais ou explorá-los de outras maneiras. O raciocínio por trás desse tipo de estratégia é o de que, como

⁸⁷ Sobre riscos-s, ver Tomasik (2019) e Baumann (2022).

⁸⁸ Sobre a maneira como os processos naturais tipicamente prejudicam os animais em larga escala, ver Cunha (2022) e Ética Animal (2023 [2022]).

as pessoas são especistas, será mais fácil convencê-las a parar de explorar os animais com argumentos que não são centrados na consideração pelos animais.

Essa estratégia por vezes é defendida apontando-se que muitas pessoas defendem o especismo não porque acreditam que ele está correto, e sim, simplesmente porque gostam de consumir os produtos da exploração animal. Assim, se as pessoas pararem de consumir animais (mesmo que não seja por consideração aos animais), elas não têm mais uma razão autointeressada para defender o especismo, e então poderão aceitar mais facilmente a consideração por todos os seres sencientes.

Apesar de ser importante levar essa possibilidade em conta, há também riscos grandes em relação ao uso dessa estratégia⁸⁹. Alguns dos principais são os seguintes:

- Ela não muda a visão que as pessoas têm em relação aos animais, que é exatamente a causa de os animais se encontrarem na situação em que estão, e um dos fatores de risco para os riscos-s.
- Ela reforça [valores ambientalistas](#) e antropocêntricos. Isso, por sua vez, é outro fator de risco para os riscos-s, pois poderá influenciar as pessoas a: (1) não terem vontade de prevenir riscos-s (ou mesmo serem contra sua prevenção), (2) aumentarem a natureza sem levar em conta o vastíssimo sofrimento que seria gerado⁹⁰, (3) colonizarem o espaço (4) gerarem seres sencientes digitais etc⁹¹.

Assim, parece mais seguro focar a argumentação na própria consideração pelos seres sencientes, e não nessas razões indiretas.

10.4. Promovendo a preocupação com os riscos-s e com o futuro

O que vimos acima parece mostrar que é de importância crucial promover a consideração por todos os seres sencientes. Entretanto, outra coisa essencial é promover a preocupação com o futuro em longo prazo e com evitar riscos-s. Isso envolveria aumentar o grau com que as

⁸⁹ Os riscos associados a essa estratégia são discutidos em mais detalhes no Capítulo 4 do [Volume VIII desta coleção](#).

⁹⁰ Este tema é discutido em detalhes nos capítulos 36 e 37 do [Volume VII desta coleção](#).

⁹¹ Para uma explicação do porquê todos esses cenários são riscos-s, veja o [item 1.8](#).

pessoas e os movimentos sociais são *motivados* a reduzir os riscos-s e são *capazes* de fazê-lo. Ou seja, não basta ter a vontade de reduzir riscos-s: é necessário saber como fazê-lo, para que os esforços não sejam pouco eficazes, ineficazes, ou mesmo contraproducentes.

Por essas razões, é essencial que os ativistas mantenham a mente aberta e queiram sempre aprender mais. É importante sempre lembrar que todos nós podemos estar enganados quanto a muitas coisas. Por exemplo, a maioria dos ativistas da causa animal até agora deu pouca atenção ao [sofrimento dos animais selvagens](#), à [vasta quantidade de invertebrados](#), ao [futuro em longo prazo](#) e à [possibilidade de senciência não orgânica](#)⁹². É bastante provável que existam muitas outras coisas importantes que ninguém percebeu ainda. Por isso, é sempre importante a revisão constante de nossas visões (não só sobre estratégias, mas sobre prioridades, valores etc.).

10.5. Conclusão

O que vimos acima sugere que buscar aumentar a consideração pelos seres sencientes e a preocupação com o futuro em longo prazo tem um grande potencial para reduzir riscos-s, se feita com cuidado.

Isso não significa, contudo, que não possam existir outras estratégias tão importantes quanto ou até mesmo mais importantes. Para descobrir se esse é ou não o caso, temos que comparar o tempo que seria necessário para esses valores serem assimilados em larga escala com o grau de eficácia de outras intervenções durante o mesmo período de tempo.

Infelizmente, atualmente não temos esses dados. O fato é: simplesmente não sabemos, no estágio atual, qual a maneira mais eficiente de prevenir riscos-s. Por isso a importância crucial de mantermos a mente aberta e estarmos prontos para mudar de posição diante de novas evidências.

⁹² Sobre isso, ver Tomasik (2015).

11. Mudando o debate público, as formas de ativismo e as instituições políticas

11.1. Política e riscos-s

[Riscos-s](#) são riscos de no futuro o sofrimento vir a ser multiplicado enormemente, a ponto de exceder várias ordens de magnitude o sofrimento existente atualmente.

No capítulo 9 de sua obra *Avoiding the Worst Final*⁹³, Tobias Baumann fala da importância de mudanças na política se nossa meta é a prevenção de riscos-s. Por sua vez, a obra *Reasoned Politics*⁹⁴, de Magnus Vinding é dedicada inteiramente a discutir essa questão. Neste capítulo veremos um resumo das ideias que esses autores apresentam. Além disso, discutiremos alguns pontos adicionais sobre como incorporar as mudanças necessárias ao debate público no contexto do ativismo nas diferentes causas, em especial no ativismo em defesa dos animais.

O termo [política](#) é normalmente associado apenas às instituições, mas, em termos mais gerais, diz respeito a todas as atividades feitas publicamente que dizem respeito ao modo como a sociedade deveria estar organizada, seja em termos de quais metas deveriam ser buscadas pela sociedade, seja em termos de como alcançar essas metas. Os resultados da política dependem não apenas das instituições, mas também de como acontece a discussão pública, o que inclui a forma como os movimentos sociais fazem ativismo. É nesse sentido amplo que o termo política será utilizado aqui.

A falta de uma discussão pública bem informada (seja em termos descritivos, seja em termos normativos) corre grande risco de aumentar a polarização, impedir esforços para reduzir riscos-s, aumentar o risco de agentes com traços malevolentes chegarem ao poder e até mesmo impedir a discussão sobre qualquer questão ética ou política. Então, tentar melhorar a política é crucial para evitar os riscos-s. A seguir veremos algumas sugestões de como isso pode ser feito.

11.2. O ideal de dois passos

Um dos problemas apontados por Vinding e Baumann em relação ao debate público atual é a

⁹³ Ver Baumann (2022, p. 65-76).

⁹⁴ Vinding (2022).

confusão entre questões que são normativas e questões que são empíricas. Para melhorar a discussão pública, ambos os autores sugerem o *ideal de dois passos*⁹⁵, que consiste em:

Passo normativo: clarificar as metas que deveriam guiar as decisões políticas (debater para refinar os valores que formariam os pilares das decisões coletivas),

Passo empírico: perguntar quais políticas melhor alcançariam essas metas.

Pensaríamos como *filósofos* em nível normativo e como *cientistas* em nível empírico. A forma como se dá a discussão pública atualmente confunde aspectos empíricos e normativos, o que impede o pensamento claro. A estrutura sugerida por Vinding e Baumann permite que percebamos em quais pontos discordamos e onde há concordância, o que pode resultar em compromissos mútuos e até mesmo progresso moral.

Para alcançar tal ideal, é preciso perceber os [vieses](#) que nos impedem de abordar questões políticas com uma mente aberta, como [o viés de confirmação e o raciocínio motivado](#)⁹⁶. Se buscarmos discutir argumentos morais e evidências empíricas honestamente, podemos reduzir o excesso de confiança em visões políticas. Por exemplo, isso nos inclinaria a tentar entender como uma certa política funciona antes de apoiá-la ou rejeitá-la. Também permitiria que pesássemos os pontos positivos e negativos de cada proposta, em vez de enxergar as coisas em termos de "tudo positivo" ou "tudo negativo".

Um debate político mais bem embasado reduziria a probabilidade de polarização, pois permitiria que as pessoas analisassem os pontos positivos e negativos de cada proposta, em vez de endeusarem o próprio lado e demonizarem o lado oposto. Essa abertura às nuances, por diminuir a polarização, por sua vez diminuiria as chances de demagogos com traços malévolos ascenderem ao poder. Por todas essas razões, o ideal de dois passos aumentaria a probabilidade de evitar riscos-s.

O objetivo central na base do ideal de dois passos é melhorar não apenas as instituições políticas, mas a forma como as pessoas em geral conduzem o debate público.

⁹⁵ Vinding (2022, p. 9-17); Baumann (2022, p. 65-7).

⁹⁶ Sobre como esses vieses afetam o ativismo na causa animal, ver *Ética Animal* (2019).

11.3. Natureza tribal e polarização

O desejo de pertencer a um grupo está entre os fatores que mais determinam nossos julgamentos políticos⁹⁷. Isso faz com que o interesse da maioria das pessoas não seja analisar criteriosamente os prós e contras de diferentes propostas políticas, mas *sinalizar lealdade* (a um partido, a um movimento social etc.).

Nossos cérebros tendem a processar as questões políticas e os indivíduos de maneira emocionalmente carregada e em termos de "zero ou um". Instintivamente, tendemos a ver nossa tribo política e líderes de maneira excessivamente positiva e a demonizar o outro lado.

Isso nos conduz a uma confiança excessiva nos ideais de nosso grupo e hostilidade aos grupos rivais. Nos conduz também a enxergar somente os aspectos positivos do nosso próprio lado e somente os aspectos negativos do lado oposto. Quando exacerbada, essa tendência nos conduz inclusive a esconder propositadamente os aspectos negativos do próprio lado e os aspectos positivos do lado oposto. Incerteza e nuances não se encaixam nessa mentalidade, muito menos o reconhecimento da possibilidade de, apesar das discordâncias, adotarmos compromissos mútuos. Segundo essa mentalidade, qualquer argumento, e mesmo os fatos, precisam favorecer o "nosso lado" (do contrário, não serão levados em conta ou poderão até mesmo ser distorcidos para favorecer o próprio lado). O próprio lado é endeusado e visto como exemplos máximos de bondade e justiça. O outro lado é visto como inimigo, como o mal encarnado. A possibilidade de estarmos enganados e de termos que aprimorar nossa visão (seja quanto aos fatos, seja quanto aos valores) não tem lugar nessa mentalidade.

Tentar limitar a influência dessa tendência evitaria a polarização excessiva (que é um [fator de risco para os riscos-s](#)). Assim, aumentar os padrões do discurso público é uma maneira promissora de reduzir os riscos-s, pois incentivaria uma mentalidade baseada em nuances.

Reduzir o tribalismo abre as portas não somente para a análise séria dos argumentos éticos e dos fatos, mas também para a cooperação e compromissos mútuos, apesar das discordâncias. Todos os lados têm a ganhar se pensarmos em termos de resultados, em vez de "acabar com o outro lado". A sinalização de lealdade cria uma aparência de grande discordância mesmo

⁹⁷ Para um estudo sobre isso, ver Simler e Hanson (2017). Para uma discussão sobre a relação disso com riscos-s, ver Baumann (67-70), Vinding (2022, p. 1-2, 47, 50-4, 69-70)..

quando a discordância é limitada, uma vez que cria a vontade de "acabar com o outro lado". Essa é também uma razão para focarmos o discurso mais em políticas do que em partidos ou indivíduos (especialmente em políticas mutuamente benéficas).

O risco de polarização existe não apenas em relação à política em termos de partidos e vertentes como esquerda e direita. Existe também dentro das causas sociais. Por exemplo, dentro do movimento de defesa animal a polarização entre grupos que buscam diferentes estratégias de ativismo pode dar a entender equivocadamente que há uma diferença de objetivos mesmo quando a divergência for somente estratégica⁹⁸. Isso, por sua vez, pode impedir a adoção de compromissos mútuos.

11.4. Aumentando o padrão do debate público

Baumann (2022, p. 67-70) sugere as seguintes estratégias para aumentar os padrões do debate público:

- 1) Pensar em termos de nuance. Consiste em analisar cuidadosamente os argumentos de cada lado, estar pronto para identificar os acertos e erros de cada perspectiva, e pensar em termos de graus de confiança em vez de certezas rígidas. Isso evitaria pensamentos do tipo "zero ou um", "nós x eles" etc. Evitaria também a tendência de se demonizar quem pensa diferente. Além disso, criaria uma abertura a pensar sobre novas questões e ponderar com cuidado os argumentos, em vez de fazer um julgamento apressado baseado nas primeiras impressões.
- 2) Discutir os argumentos de maneira séria e intelectualmente honesta, sem distorcer a posição e os argumentos de quem discorda, e reconhecendo que podemos estar enganados quanto a muitas coisas.
- 3) Conversas mais respeitadas também diminuem a probabilidade dos piores cenários. Isso não implica "amaciar" a mensagem (dizer, por exemplo, que o [especismo](#) é menos grave do que realmente é). Implica apenas discutir os argumentos de forma honesta e aberta.

Como acréscimo a essas sugestões, sugerimos aqui outras quatro estratégias:

⁹⁸ Uma análise de um exemplo dentro da causa animal quanto a esse aspecto pode ser encontrada no capítulo 9 do [Volume VIII desta coleção](#).

4) Focar em discutir a plausibilidade do argumento independentemente de quem o pronunciou. Como consequência da polarização, no discurso público atual (incluindo dentro dos movimentos sociais) tudo o que parece importar é *quem* deu o argumento. Se a pessoa pertence ao "nosso lado" ou ao grupo que queremos defender, o seu argumento é aceito, por pior que seja. Se pertence ao "outro lado", o seu argumento é rejeitado, mesmo que seja sólido e aponte um problema sério com nossa visão. Essa tendência tem impedido o debate sério sobre qualquer questão, e infelizmente tem crescido muito até mesmo nos meios acadêmicos.

5) Aplicar um método similar ao do [véu da ignorância](#) à discussão de argumentos e de propostas políticas. Uma maneira de tentar contornar o problema mencionado no item anterior é discutir os argumentos e as propostas políticas sem saber quem são seus proponentes. Mesmo quando isso não é possível, ainda podemos fazer perguntas como "se não soubéssemos quem deu o argumento ou quem fez a proposta, manteríamos a mesma visão?", ou "se o argumento ou a proposta em questão tivessem sido apresentados pelo lado oposto, manteríamos a mesma posição?".

6) Seja lá se estivermos a pensar em questões descritivas ou normativas, pensarmos nelas não com o objetivo de provar o que já pensávamos antes, mas suspender o juízo e estarmos dispostos a aceitar os melhores argumentos e seguir suas conclusões, mesmo que estas nos levem a pensar o oposto do que pensávamos antes de refletir.

7) Adotar a *estratégia da abordagem de leque amplo*, que será explicada no item a seguir.

11.5. A estratégia da abordagem de leque amplo

Evitar confrontos desnecessários aumenta as chances de que as metas que almejamos sejam metas comuns, e não, questões controversas. Podemos diminuir a probabilidade de rejeição e antagonismo adotando uma *abordagem de leque amplo*. Veremos mais sobre ela a seguir.

A abordagem de leque amplo consiste em tentar buscar com que a meta que queremos alcançar seja aceita pelo maior número de pessoas, independentemente de elas concordarem ou discordarem de nós em relação a outras questões. Se concordar com determinada ideia adicional não é necessário para que alguém aceite o que estamos propondo, então pode ser

bastante positivo enfatizar que, mesmo que haja discordância sobre essa outra ideia, ainda poderia haver concordância em relação ao que estamos propondo.

Isso tem a vantagem de diminuir a polarização (pois mostra-se que, apesar das muitas divergências, pode haver uma meta comum) e também de aumentar a probabilidade de um número muito maior de pessoas aceitar o que estamos propondo.

Considere metas como:

- [Consideração por todos os seres sencientes](#).
- [Prevenção dos riscos-s](#).
- [Longoprazismo](#)⁹⁹.
- [Redução do sofrimento dos animais selvagens](#)¹⁰⁰.
- Rejeição do [especismo](#).
- Rejeição do [substratismo](#)¹⁰¹.

Essas metas podem ser aceitas sem necessariamente nos comprometermos com uma visão específica, seja em ética ou política. Assim, em vez de defender que devemos adotar uma visão específica em ética ou política e que uma implicação dessa visão é aceitar aquelas metas, o potencial de aceitação daquelas metas é maior se mostrarmos que elas deveriam ser aceitas por todos, independentemente de qual visão em ética ou política considerarem mais plausíveis.

Defender posições específicas sem salientar esse ponto pode passar a impressão errada de que, para se aceitar tais metas, é necessário aceitar tais visões (e, então, o resultado ser quem não aceita tais visões rejeitar essas metas). Observe que isso não implica deixar de defender uma vertente específica em ética ou política. Implica apenas que, mesmo nesse caso, ainda vale a pena enfatizar que quem discorda de tal vertente pode ainda aceitar aquelas metas¹⁰².

⁹⁹ Para uma introdução ao longoprazismo, ver *Ética Animal* (2018) e Horta

¹⁰⁰ Para uma discussão detalhada sobre esse tópico, ver Cunha (2022) e *Ética Animal* (2023 [2020]).

¹⁰¹ Assim como o *antropocentrismo* é uma forma de *especismo*, que discrimina contra quem não pertence à espécie humana, o *carbonismo* é uma forma de *substratismo*, que discrimina contra quem não é orgânico. Se no futuro for possível a existência de seres sencientes não orgânicos, é possível que sejam prejudicados devido ao carbonismo. Para uma discussão sobre esse tópico, ver Tomasik (2015).

¹⁰² Essa estratégia é explicada em mais detalhes, e aplicada a vários contextos, no capítulo 5 do [Volume VIII desta coleção](#).

11.6. Melhorando as instituições

Considere os seguintes [fatores de risco para os riscos-s](#):

- (1) Polarização excessiva
- (2) Atos de agentes malevolentes
- (3) Totalitarismo.

As instituições políticas influenciam tanto quanto a cultura política em aumentar ou diminuir a probabilidade desses fatores de risco. Portanto, vale a pena investigar o que poderia ser feito institucionalmente para preveni-los. Dentre as sugestões que Baumann (2022, p.73-74) e Vinding (2022, p. 214-220) dão nesse sentido, estão:

Proteger a democracia

A democracia previne que um único indivíduo consiga muito poder, e então, reduz a influência de agentes malevolentes. Inversamente, sistemas onde o poder é mais concentrado aumentam a probabilidade de agentes malevolentes e estratégicos conseguirem poder. Nem sempre isso é garantido, mas funciona melhor do que em outros sistemas. Assim, fortalecer as instituições democráticas pode ser promissor em termos de reduzir os riscos-s.

Poderia ser objetado que a presença de instituições democráticas não garante que o resultado será melhor, em termos de prevenção de riscos-s. Por exemplo, uma instituição democrática na qual a vasta maioria dos votantes é especista provavelmente tem resultados piores, levando em conta todos os seres sencientes afetados, do que um regime totalitário comandado por um ditador que tem como meta reduzir o sofrimento de todos os seres sencientes.

Há duas maneiras de responder a essa objeção. A primeira é negar que um ditador benevolente seja melhor em termos de prevenir riscos-s do que uma democracia. Por exemplo, como em uma democracia é mais fácil levantar questionamentos, e isso não seria possível em um regime ditatorial, mesmo de um ditador benevolente, não haveria como questionar as crenças normativas e descritivas do ditador quando ele estivesse equivocado. Um sistema onde o poder está concentrado nas mãos de um único indivíduo tem grandes chances de ser guiado pelas limitações epistêmicas deste indivíduo. Se, por outro lado, ocorre

um debate aberto de ideias envolvendo muitos indivíduos, a probabilidade de erro é menor.

A segunda maneira de responder é apontar que, mesmo que um regime de um ditador benevolente tivesse melhores chances de prevenir riscos-s, a probabilidade de regimes totalitários serem comandados por agentes malevolentes é muito maior do que a de serem comandados por agentes que têm como meta reduzir o sofrimento. Isso porque, como vimos no [item 8.8](#), os traços malevolentes de personalidade dão muitas vantagens na busca pelo poder.

Assim, se compararmos os seguintes cenários: (1) um ditador benevolente; (2) uma democracia falha e (3) um ditador malevolente, o terceiro cenário tem muito maiores chances de resultar em riscos-s do que o segundo, mesmo se o segundo cenário tiver maiores chances de resultar em riscos-s do que o primeiro. Além disso, vimos que o cenário 3 é muito mais provável de ocorrer do que o cenário 1. Em termos de riscos-s, é mais importante evitar catástrofes institucionais do que tentar alcançar as melhores instituições possíveis. Por exemplo, em termos de riscos-s, a diferença entre uma democracia falha e um regime totalitário comandado por um agente malevolente é muito maior do que entre uma democracia funcional e uma democracia falha¹⁰³.

As democracias liberais modernas oferecem proteção aos direitos humanos e liberdades civis, como a liberdade de expressão, que são uma pré-condição para se levantar preocupações morais. Por isso, a sua supressão é um fator de risco para os riscos-s.

Como melhor promover a democracia? Segundo Baumann (2022, p.74) não está claro se o melhor é tentar instalar democracias liberais em nações não democráticas, salvaguardar as democracias existentes contra retrocessos, ou fortalecer a democracia em estados semi democráticos. Entretanto, ele enfatiza que é essencial garantir que a promoção da democracia não seja utilizada como pretexto para buscar interesses econômicos, pois isso pode desacreditar a ideia de instalar democracias e até mesmo contribuir para um conflito maior.

¹⁰³ Isso não significa que não se deva buscar melhorias no sistema democrático, ou que não possam existir ou ser criados outros sistemas políticos melhores do que a democracia. Por exemplo, Vinding (2022, p. 220-8) discute as vantagens e desvantagens de quatro alternativas à democracia: *futarquia*, *epistocracia*, *sortição* e *governância algorítmica*.

Outra maneira de melhorar as instituições é tentar instituir representantes para seres sencientes que não podem representar a si próprios (como os animais não humanos e os seres futuros). Essa proposta é conhecida como *senciocracia*, ou *democracia sencientista*¹⁰⁴.

11.7. Por que uma pequena melhora já faria uma grande diferença

Em relação às sugestões que fez para melhorar as instituições e a cultura política, Baumann (2022, p. 76) apresenta as seguintes conclusões:

É difícil saber quais são as instituições ideais ou a cultura política ideal, mas, o *status quo* político (seja em termos de instituições, seja em termos do debate público) é tão ruim que, para melhorá-lo, não é preciso saber essas respostas. Embora muitas pessoas tentem exercer influência política, poucas estão trabalhando para melhorar a cultura política e as instituições. Além disso, aspectos relacionados a riscos-s, especialmente relacionados aos seres sencientes não humanos, são ainda mais negligenciados. Então, mesmo uma melhora marginal na cultura política ou nas instituições pode ser altamente benéfica.

É realista esperar sermos menos enviesados e menos tribais, esperar que as instituições possam funcionar melhor etc. Podemos aumentar o grau com que a política seja baseada em valores refletidos e em evidências empíricas, mesmo que não consigamos mudá-la majoritariamente.

Outra vantagem dessas propostas é que elas são benéficas não apenas para reduzir os riscos-s, mas para várias outras metas (o que aumenta a probabilidade de cooperação).

É importante buscar tais ideais mesmo que sua adoção em larga escala não seja possível em curto prazo. Melhoras modestas e contínuas podem, depois de um tempo longo o suficiente, contribuir para uma mudança transformadora. Um bom ponto de partida é seguir as diretrizes que vimos no [item 11.4](#) no nosso próprio pensamento e comunicação, e dar o exemplo, seguindo os princípios do raciocínio intelectualmente honesto.

¹⁰⁴ Sobre essa proposta, ver Cochrane (2018, cap. 3), Vinding (2022, p. 229-230) e Baumann (2022, p. 74-5).

12. Moldando as tecnologias emergentes para prevenir sofrimento futuro

12.1. Introdução

[Riscos-s](#) são riscos de que no futuro surjam práticas que gerem sofrimento de tamanho astronômico, muitas ordens de magnitude maior do que o sofrimento existente atualmente¹⁰⁵. Vários desses riscos dizem respeito ao aumento do poder tecnológico e à alta probabilidade de quem detiver essas tecnologias não ter consideração moral pelos indivíduos afetados por elas.

Diante disso, poder-se-ia pensar que uma solução para isso é tentar impedir o desenvolvimento tecnológico. Entretanto, há várias razões pelas quais essa estratégia não seria muito promissora. Baumann (2022, p. 77) lista as seguintes razões:

- A tecnologia também poderia ser utilizada para reduzir sofrimento. Na ausência de tecnologia, não haveria como prevenir o [sofrimento decorrente de causas naturais](#)¹⁰⁶, por exemplo (e talvez nem mesmo o sofrimento causado por humanos que não decorre do uso da tecnologia avançada). Discutimos já em mais detalhes essa questão no [item 8.3](#).
- Não é realista supor que, mesmo que se obtivesse sucesso em impedir o desenvolvimento tecnológico, isso estaria garantido para sempre.
- Uma campanha contra o desenvolvimento tecnológico poderia gerar conflito com quem almeja colher os benefícios da tecnologia.
- Não é realista esperar que conseguiremos prevenir a tempo o desenvolvimento de certas tecnologias danosas.

Essas razões parecem indicar que tentar moldar o desenvolvimento e uso de tecnologias é uma estratégia mais promissora para tentar reduzir os riscos-s. Nessa discussão geralmente o foco tem sido sobre como moldar a IA (inteligência artificial). Entretanto, como veremos, há outros riscos-s relacionados ao avanço de outros tipos de tecnologia (como a possibilidade de

¹⁰⁵ Sobre riscos-s, ver Baumann (2017, 2022) e Tomasik (2019).

¹⁰⁶ Para uma explicação sobre como os processos naturais tendem a maximizar a quantidade de animais que nasce para vidas repletas de sofrimento, ver Horta (2010) e Ética Animal (2015). Para uma análise das implicações éticas dessa situação, ver o [Volume VII desta coleção](#) e também Cunha (2022).

colonização espacial e do surgimento de novas formas de senciência), que podem ser mais preocupantes do que a IA.

A seguir discutiremos algumas sugestões dadas por Baumann (2022, p.77-84) em termos de moldar tecnologias emergentes. Adicionamos também uma discussão sobre tecnologias que poderiam gerar outras formas de senciência no futuro.

12.2. Argumentos prós e contra focar em moldar a inteligência artificial (IA)

Começemos por discutir os pontos favoráveis e contrários ao foco em tentar moldar a IA¹⁰⁷.

12.2.1. Por que tentar moldar a IA

A principal razão para se tentar moldar a IA, se nosso objetivo é prevenir riscos-s, é a seguinte: se a IA vier a ter inteligência super humana e se tornar autônoma, ela poderia moldar tudo o que acontecesse dali para diante de acordo com seus valores. Assim, influenciar esse processo poderia ser central para influenciar o futuro em longo prazo. Uma IA avançada tem o potencial para causar riscos-s, mas também poderia vir a prevenir riscos-s decorrentes de outras fontes. Tudo dependerá de quais valores essa IA terá.

O trabalho para reduzir os riscos-s por conta da IA é altamente negligenciado. Poucas pessoas trabalham em garantir que as metas da IA autônomas estejam alinhadas com as dos seus criadores (o que é chamado de *AI safety*). Entretanto, mesmo o alinhamento com as metas de seus criadores não é suficiente para prevenir riscos-s, pois seus criadores podem ser indiferentes ao sofrimento dos seres sencientes não humanos (ou podem até mesmo almejar causar-lhes sofrimento). Por exemplo, as poucas pessoas que trabalham com *AI safety* geralmente levam em conta apenas os riscos para humanos. Esse grau de negligência alto nos permite ter bastante influência¹⁰⁸.

12.2.2. Riscos do foco em moldar a IA

¹⁰⁷ Para uma discussão sobre isso, ver Mannino et. al. (2015) e Baumann (2022, p. 2022, p. 77-84).

¹⁰⁸ Para uma explicação sobre por que, quando um problema é altamente negligenciado, nosso impacto tende a ser maior, ver o item 1.7 do [Volume VIII desta coleção](#).

Um risco envolvido ao se focar em tentar moldar a IA é o seguinte: como não sabemos como serão as tecnologias futuras, é alto o risco de que as tentativas de moldar a IA sejam ineficazes, ou mesmo uma perda de tempo. Podemos estar enganados quanto a quais tecnologias futuras terão mais influência. Pode ser que foquemos na IA e as tecnologias mais influentes sejam outras que ainda surgirão. Da mesma maneira que no passado não houve apenas uma tecnologia que determinou o curso da história, é provável que não haja apenas uma alavanca para moldar o futuro e reduzir riscos-s.

12.2.3. Qual o tamanho da influência das tecnologias?

Mesmo que houvesse uma única tecnologia que tivesse a maior influência em determinar como será o futuro, e mesmo que soubéssemos qual é, ainda poderia ser que [melhorar os valores, a cultura política e as instituições](#) fosse a maneira mais eficaz de moldar o futuro (em vez de tentar moldar a tecnologia diretamente), pois o desenvolvimento tecnológico nunca é divorciado do contexto político e sociocultural (é este que determinará quais metas serão almejadas com o uso da tecnologia).

12.3. Um exemplo de alinhamento de IA focada nos riscos-s

Uma vez que sistemas de IA avançadas seriam agentes muito poderosos, é bastante possível que conflitos entre esses tipos de sistemas tivessem consequências desastrosas. Então, esforços para alcançar IA cooperativas são promissores para reduzir riscos-s.

Por exemplo, pode-se pesquisar como mitigar os riscos se surgir nas IAs algo análogo a traços como psicopatia, sadismo, narcisismo e maquiavelismo¹⁰⁹. Esses traços surgiram nos humanos durante a trajetória evolutiva. Então, poderia surgir algo equivalente nos ambientes de treinamento das IAs. Estudando os incentivos reforçados nesses ambientes, poderíamos tentar garantir que tais tendências não surgissem.

Também podemos criar medidas de segurança que entrariam em ação se ocorrer uma falha no alinhamento da IA com os valores de seus criadores. Entretanto, como já vimos, os valores de seus criadores são cruciais para determinar qual será o resultado. Falaremos disso a seguir.

¹⁰⁹ Um exemplo de organização focada nisso é a [Center on Long-Term Risk](#).

12.4. Evitando riscos indiretos relacionados à IA

Baumann (2022, p. 80-4) sugere as seguintes maneiras de evitar riscos indiretos relacionados à IA:

Tratados para garantir um desenvolvimento cooperativo da IA poderiam prevenir uma corrida armamentista entre as nações pelo controle da IA. Órgãos internacionais poderiam vistoriar o desenvolvimento da IA, e poderiam ser adotadas regras sobre como proceder se uma IA chegar a ter certas capacidades. É claro, não há razões para sermos excessivamente otimistas em relação a isso, pois qualquer acordo assim poderia ser muito difícil de ser implementado.

O surgimento de IA avançada poderia colocar em risco o estado de direito e as instituições democráticas. Então, é necessário investigar como evitar a turbulência política em um período de transição para a IA avançada, e como garantir que as leis ainda se apliquem nesse contexto.

Também é vital limitar a habilidade de agentes malevolentes fazerem uso da IA. Uma possível maneira seria tentar distribuir as capacidades tecnológicas futuras de maneira a tornar difícil que um único agente cause grandes danos.

Além disso, podemos estabelecer padrões sobre como proceder caso percebamos que uma IA cumpriu os critérios para a sentiência¹¹⁰.

12.5. Administração do espaço

Como mencionado antes, os riscos devido à tecnologia não se limitam à IA. [Muitos estão relacionados à colonização do espaço](#)¹¹¹, pois com tal atividade o sofrimento poderia ser vastamente multiplicado pelo universo, a ponto de fazer o sofrimento existente na Terra "um grão de areia" em comparação.

Quando discutem esse risco, geralmente os defensores dos animais têm em mente a possibilidade de os humanos viverem em outros planetas e reproduzirem lá a exploração

¹¹⁰ Sobre como testar se uma IA é ou não consciente, ver Butlin et al. (2023).

¹¹¹ Sobre esse risco, ver Tomasik (2022) e O'Brien (2022).

animal (como, por exemplo, o uso de animais para fins alimentícios). Entretanto, provavelmente o risco relacionado à possibilidade de colonização espacial está muito mais ligado à possibilidade de isso vir a expandir pelo universo o [sofrimento e as mortes causados pelos processos naturais](#), pois quando (e se) a colonização espacial se tornar praticável, talvez a exploração animal já esteja obsoleta. E, mesmo que não estiver, [os processos naturais tendem a ser mais eficientes do que a exploração animal em maximizar sofrimento](#)¹¹². Veremos algo sobre isso a seguir.

A colonização espacial pode multiplicar o sofrimento causado por processos naturais simplesmente por expandir a vida para outras localidades (mesmo se for vida não senciente pois esta pode, depois de muito tempo, gerar seres sencientes). Isso é assim porque, [dado o modo como ocorre a seleção natural](#), os processos naturais [tendem a maximizar a quantidade de seres sencientes que nascem apenas para ter uma vida repleta de sofrimento e morrerem prematuramente](#). Por exemplo, a característica de se reproduzir tendo uma ninhada gigantesca (com milhares ou milhões de filhotes por ninhada) é um traço que tem muitas chances de prevalecer, pois é alta a probabilidade de pelo menos alguns filhotes sobreviverem e se reproduzirem, passando esse traço adiante, mesmo que todos os outros nasçam apenas para sofrer e morrer. De fato, é isso o que se pode deduzir que ocorre em populações estáveis (se a população permanece estável durante algumas gerações, isso é um sinal de que sobreviveu em média apenas um descendente por progenitor). Essa é uma das razões pelas quais [a quantidade de animais que sofrem em morrem em decorrência dos processos naturais é tão gigantesca que faz até mesmo os números da exploração animal quase desaparecerem em comparação](#).

Atualmente não há regulamentações sobre exploração espacial. Assim, vale a pena criar regulamentações para se obter resultados positivos, quando (e se) a colonização espacial for praticável, tanto em termos de evitar conflitos quanto em termos de não expandir o sofrimento indiretamente.

Poder-se-ia pensar que a maneira mais fácil de evitar esses riscos-s seria se opor à colonização do espaço. Essa é, certamente, uma estratégia possível. Entretanto, se a colonização espacial for inevitável, é também importante enfatizar que devemos fazê-la apenas depois que

¹¹² Isso ocorre principalmente por conta do vasto potencial reprodutivo da maioria das espécies de animais (que possuem ninhadas com muitos milhares ou mesmo muitos milhões de filhotes, dependendo da espécie). Em populações estáveis, a taxa média de sobrevivência é de apenas dois filhotes por ninhada. Para uma explicação detalhada sobre esse ponto, ver Horta (2010b).

tivermos feito de tudo para garantir que o resultado seja positivo.

12.6. Possibilidade da criação de outras formas de senciência

Assim como a colonização espacial, uma possível criação de novas formas de senciência no futuro tem potencial de multiplicar o sofrimento enormemente. Isso poderia ocorrer por meio de modificações genéticas em animais não humanos e também por meio da criação [de seres sencientes não orgânicos](#) (por exemplo, em meios digitais¹¹³).

Em especial nesse segundo caso, esses seres poderiam ser muito diferentes dos seres sencientes que já conhecemos (poderiam não ter rostos, não demonstrar que estão sofrendo etc.) e então provavelmente a maioria das pessoas não teria empatia por eles. Os animais não humanos já são muito similares aos humanos em termos de expressar sofrimento e, ainda assim, [diariamente são feitos todos os tipos de atrocidades a eles](#). Além disso, pode vir a ser muito barato criar seres sencientes digitais em larga escala, e isso pode ser útil para vários propósitos, como a criação de um universo dentro de um computador.

Assim como acontece no caso da colonização espacial, também não há nenhuma regulamentação sobre isso, e nenhuma discussão ampla acontecendo. Portanto, é importante começar a defender a necessidade de haver discussão sobre regulamentação dessa prática, antes que ela surja.

Também há a opção de se tentar fazer campanha para que essas formas de senciência nunca cheguem a ser criadas. Entretanto, assim como no caso da colonização espacial, talvez seja impossível impedir o seu surgimento, dado que o progresso tecnológico geralmente é muito mais rápido do que o progresso do debate ético na sociedade sobre a prática em questão (o que é chamado de *progresso diferencial*). Entretanto, o progresso diferencial é um problema não apenas para as tentativas de impedir o surgimento de práticas como a colonização espacial, a criação de novas formas de senciência ou outros usos da tecnologia que poderiam gerar riscos: também é um problema para as tentativas de regulamentar o uso dessas tecnologias (pois muito provavelmente começarão a ser utilizadas antes de haver regulamentação).

¹¹³ Sobre esse risco, ver Tomasik (2015).

De qualquer maneira, há uma estratégia que podemos adotar que ajudaria tanto a aumentar as chances de que tais tecnologias nunca venham a ser criadas quanto as chances de que, caso venham a ser criadas, que o dano resultante seja menor: [divulgar da maneira mais eficiente possível a consideração moral por todas as formas de senciência](#). Essa parece ser uma estratégia bastante promissora (e essencial) para aumentar as chances de que os esforços para moldar as tecnologias sejam em direção a prevenir sofrimento, em vez de aumentá-lo.

13. A tríade de influência e o sofrimento futuro

13.1. Introdução

O surgimento de novas tecnologias pode multiplicar enormemente o potencial para se gerar sofrimento¹¹⁴. Isso é assim porque elas podem proporcionar um poder enorme a indivíduos que não se importam com aqueles que seriam afetados negativamente por tais tecnologias, ou mesmo a indivíduos que almejam prejudicá-los. Entretanto, novas tecnologias também podem ser ferramentas para minimizarmos o sofrimento¹¹⁵, desde que haja uma motivação para fazê-lo e o conhecimento adequado.

Esse é um exemplo de como um aumento de poder tem resultados muito diferentes dependendo da meta almejada pelo agente. Mas, como veremos a seguir, a *meta* dos agentes e o seu *grau de poder* não determinam sozinhos se o resultado será este ou aquele. Há pelo menos outro fator crucial: o *grau de conhecimento* que os agentes possuem para alcançar a meta almejada.

Neste capítulo, exploraremos a relação entre esses três fatores (*meta almejada*, *conhecimento* e *poder*), imaginando várias possibilidades de combinações entre eles, e investigando como essas combinações influenciam a probabilidade de o resultado ser mais negativo ou positivo para os afetados pelas decisões dos agentes.

13.2. A tríade de influência

Como saber se uma decisão terá resultados com saldo positivo ou negativo para os afetados por ela? Como estimar o tamanho desse saldo? De quais fatores isso depende? Embora haja muitos fatores, neste capítulo exploraremos a relação entre três fatores que parecem exercer grande influência: a *meta almejada* pelos agentes, o seu grau de *conhecimento* para alcançar essa meta e o seu grau de *poder* para obter os meios necessários para alcançá-la. Chamaremos esses fatores de *tríade de influência*.

No item 3, esses três fatores estão relacionados em uma tabela, da seguinte forma:

¹¹⁴ Para uma introdução a esse tema, ver Baumann (2017, 2022) e Tomasik (2019).

¹¹⁵ Para exemplos, ver Ética Animal, 2024[2022], 2022b, 2022d.

- *Intenção*: diz respeito à *meta* que o agente pretende alcançar e à relação desta com o grau de consideração que o agente dá a quem será afetado. Está dividida em:
 - *Prejudicar* os afetados.
 - *Indiferente* aos afetados. Nesse caso, o agente não almeja prejudicar, mas não se importaria em evitar o prejuízo caso este seja um efeito colateral da busca por sua meta, e prejudicaria caso fazê-lo for um bom meio para alcançar sua meta. Da mesma maneira, não almeja beneficiar, mas não evitaria o benefício caso este seja um efeito colateral da busca por sua meta e beneficiaria caso fazê-lo for um bom meio para alcançar sua meta. Em resumo, nesse tipo de intenção, se o agente causará mais prejuízo ou mais benefício, e em que medida, é algo que depende do que for mais eficiente para alcançar sua meta.
 - *Beneficiar* os afetados.
 - *Agente inexistente* (processos naturais que ocorrem sem um decisor racional).
- *Conhecimento*: diz respeito ao grau com que o agente sabe como usar os meios existentes para alcançar a meta que busca. Está dividido em pouco ou muito.
- *Poder*: diz respeito ao grau com que o agente possui os meios para alcançar a meta que busca. Está dividido em pouco ou muito. Isso inclui, por exemplo, a quantidade de recursos de que dispõe e o grau de influência que exerce sobre as decisões de outras pessoas ou nas instituições.

Obviamente, essas classificações são simplificações grosseiras. Por exemplo, os graus de poder e de conhecimento, bem como os tipos de intenção, não possuem apenas dois ou três estágios. Em vez disso, variam em um espectro gradual, com muitas possibilidades. Entretanto, ainda assim, as simplificações grosseiras podem nos dar alguns insights bastante úteis, pelo menos como pontapé inicial para investigarmos essa questão.

Importante: no que se segue, quando falarmos do quão longe ou perto alguém estaria da meta que almeja, isso aplica-se tanto a metas que têm um limite quanto às que são ilimitadas. Por exemplo, uma meta como "assistir à Copa do Mundo de 2026" tem um limite, pois, terminada

a copa, a meta está finalizada. Já metas diversas como "maximizar os lucros com a exploração animal" e "beneficiar os seres sencientes" são metas ilimitadas, pois sempre há como aumentar os resultados. Assim, quando dizemos "o meio A é mais eficiente do que o meio B para alcançar a meta X", podemos estar a dizer tanto que tal meio alcança um mesmo resultado gastando menos recursos (dinheiro ou tempo, por exemplo) quanto que tal meio proporciona resultados maiores gastando a mesma quantidade de recursos.

13.3. Relacionando os fatores da tríade de influência

A tabela a seguir explora as possibilidades de combinações dos fatores da tríade de influência. Os resultados dizem respeito ao grau de probabilidade de as consequências serem positivas ou negativas para os afetados. Os motivos pelos quais os resultados são estes para cada possibilidade serão explicados nos itens 13.4, 13.5, 13.6 e 13.7.

Possibilidade	Intenção	Conhecimento	Poder	Probabilidade de um resultado...
1	Prejudicar	Pouco	Pouco	Pouco negativo (ou até mesmo positivo, mas pouco positivo)
2	Prejudicar	Pouco	Muito	Pouco negativo (ou até mesmo positivo, mesmo muito positivo)
3	Prejudicar	Muito	Pouco	Pouco negativo (mas, não positivo)
4	Prejudicar	Muito	Muito	Muito negativo
5	Indiferente	Pouco	Pouco	Pouco negativo
6	Indiferente	Pouco	Muito	Mais negativo do que em 5 e menos do que em 8.
7	Indiferente	Muito	Pouco	Mais negativo do que em 5 e menos do que em 8.
8	Indiferente	Muito	Muito	Muito negativo
9	Beneficiar	Pouco	Pouco	Pouco positiva (ou até mesmo negativa, mas pouco negativa)
10	Beneficiar	Pouco	Muito	Pouco positivo (ou até mesmo negativo, mesmo muito negativo)
11	Beneficiar	Muito	Pouco	Pouco positiva (mas não negativa)
12	Beneficiar	Muito	Muito	Muito positivo
13	Agente inexistente*	_____	_____	Muito negativo (dada a maneira como ocorre a seleção natural)

* Agentes inexistentes são os processos que ocorrem sem um agente deliberador como, por exemplo, processos naturais. Essa categoria foi adicionada para mostrar que a tabela em questão permite avaliar o quão mais negativas/positivas seriam as decisões dos agentes em comparação a resultados de processos naturais.

Nos itens 13.4, 13.5, 13.6 e 13.7 veremos as explicações sobre cada resultado e também exemplos.

Importante: em todas as explicações e exemplos, falaremos de "prejudicar/beneficiar muito/pouco", "dano/benefício pequeno/grande", "resultado pouco/muito negativo/positivo" etc. Isso deve ser entendido sempre proporcionalmente ao tamanho da meta. Por exemplo, se um agente pretende afetar (seja lá se for para beneficiar ou prejudicar) um quintilhão de seres, mas consegue afetar apenas um milhão, isso é pouco (em comparação à sua meta), mas ainda assim é um número grande de indivíduos afetados.

13.4. Quando a intenção é prejudicar

Na tabela inicial, tínhamos as seguintes possibilidades:

Possibilidade	Intenção	Conhecimento	Poder	Probabilidade de um resultado...
1	Prejudicar	Pouco	Pouco	Pouco negativo (ou até mesmo positivo, mas pouco positivo)
2	Prejudicar	Pouco	Muito	Pouco negativo (ou até mesmo positivo, mesmo muito positivo)
3	Prejudicar	Muito	Pouco	Pouco negativo (mas, não positivo)
4	Prejudicar	Muito	Muito	Muito negativo

Essas possibilidades são explicadas e exemplificadas a seguir:

(1) Suponhamos um agente que almeja prejudicar, mas que tem pouco conhecimento sobre como alcançar sua meta e pouco poder para alcançá-la. É provável que não consiga causar um dano muito grande. Dado que tem pouco conhecimento sobre como alcançar sua meta, pode

até mesmo sem querer produzir um benefício tentando causar um malefício. Entretanto, se isso ocorrer, como tem pouco poder, provavelmente também será um benefício pequeno.

(2) Suponhamos um agente que almeja prejudicar, tem muito poder para fazê-lo, mas tem pouco conhecimento sobre como fazê-lo. É provável que não consiga causar um dano muito grande. Como na possibilidade 1, como tem pouco conhecimento sobre como alcançar sua meta pode até mesmo sem querer produzir um benefício tentando causar um malefício. Entretanto, desta vez, se isso ocorrer, como tem muito poder, é possível até mesmo que cause um benefício grande sem querer.

Vejamos um exemplo que ilustra as possibilidades 1 e 2:

Suponhamos um agente que tenha o seguinte objetivo: toda vez que for possível um animal nascer para uma vida predominantemente positiva, tentar impedir que esse animal nasça. Imaginemos também que esse agente acredita equivocadamente que a maioria dos animais que nasce na natureza têm vidas predominantemente positivas [\(na realidade, ocorre exatamente o oposto¹¹⁶\)](#). Tal agente decide então tentar fazer com que nasçam cada vez menos animais nessa situação. Dada a sua falta de conhecimento sobre como alcançar sua meta, quanto mais poder esse agente tiver de evitar nascimentos de animais na natureza, maior o efeito positivo que causará (pois, na verdade, estará impedindo que os animais nasçam para uma vida repleta de sofrimento).

Vejamos agora as possibilidades 3 e 4:

(3) Suponhamos um agente que almeja prejudicar, tem muito conhecimento para alcançar sua meta, mas pouco poder para fazê-lo. Dada a falta de poder, é provável que não consiga causar um prejuízo muito grande. Entretanto, como possui bastante conhecimento para alcançar sua meta, provavelmente não causará um benefício sem querer, haja vista que sua meta é causar prejuízos.

¹¹⁶ Para uma descrição do sofrimento dos animais selvagens, ver *Ética Animal* (2023 [2020]). Para uma discussão das implicações éticas dessa situação, ver Cunha (2022).

(4) Suponhamos um agente que almeja prejudicar, tem muito conhecimento sobre como alcançar sua meta e muito poder para fazê-lo. A probabilidade de o resultado ser muito negativo para os afetados é altíssima.

Vejamos um exemplo que ilustra as possibilidades 3 e 4:

Suponhamos um agente que tenha o seguinte objetivo: maximizar o sofrimento por todo o universo. Imaginemos também que esse agente sabe que, [quanto maior a taxa reprodutiva de um animal, maiores as chances de a maioria dos filhotes nascerem para vidas repletas de sofrimento](#)¹¹⁷. Tal agente decide então tentar fazer com que os animais que maximizam a quantidade de filhotes se reproduzam em taxas cada vez mais elevadas. Como tal agente sabe muito bem quais são os meios para alcançar sua meta, quanto mais poder tiver, maior o efeito negativo que causará. Por exemplo, se na época em que viver já for possível [colonizar outros planetas ou mesmo galáxias](#)¹¹⁸, e tiver poder para fazer isso e enviar tais animais para se reproduzirem nesses outros locais, o efeito negativo será astronomicamente maior do que se tiver poder para fazer o mesmo apenas no planeta Terra.

13.5. O agente indiferente

Agora abordaremos as possibilidades relacionadas ao que chamaremos de *agente indiferente*. Esse tipo de agente possui as seguintes características:

- A meta que busca não é causar prejuízos, mas se a busca por sua meta tiver como efeito colateral causar prejuízos, não se refreará de buscá-la por isso.
- A meta que busca não é causar prejuízos, mas se causar prejuízos for instrumental para alcançar sua meta, buscará causar esses prejuízos.
- A meta que busca não é causar benefícios aos seres sencientes em geral, mas se a busca por sua meta tiver como efeito colateral beneficiá-los, não se refreará de buscá-la por isso.
- A meta que busca não é causar benefícios aos seres sencientes em geral, mas se beneficiá-los for instrumental para alcançar sua meta, buscará causar esse benefício.

¹¹⁷ Sobre isso, ver Horta (2010).

¹¹⁸ Sobre por que isso implicaria o risco de maximizar o sofrimento, ver O'brien (2022).

No caso de decisões de agentes indiferentes, para analisarmos a probabilidade de o resultado ser positivo ou negativo (e o quanto), é crucial saber o quanto a maneira usual de o agente buscar sua meta causa sofrimento (instrumental ou colateral), e se há outra maneira mais eficiente de alcançar sua meta que cause menos sofrimento (ou mesmo não cause sofrimento, ou até mesmo previna sofrimento). Para efeito de simplificação, estamos supondo aqui agentes indiferentes *racionais*, isto é, que buscam alcançar sua meta do modo mais eficiente possível. Na vida real, nem sempre as pessoas escolhem o meio mais eficiente¹¹⁹.

Um exemplo típico de agente indiferente são as pessoas que [exploram os animais](#)¹²⁰. Na vasta maioria dos casos, essas pessoas não almejam o prejuízo para os animais *por si*: o que almejam é maximizar os lucros com sua exploração. Entretanto, a maneira que consideram mais eficiente de maximizarem esse lucro [tem como efeito colateral maximizar o prejuízo para os animais](#). Em algumas vezes, o sofrimento dos animais é também instrumental às metas que visam alcançar (e não apenas colateral). Por exemplo, por vezes causar sofrimento aos animais é instrumental para o ganho de informações (em determinadas pesquisas sobre dor, por exemplo).

Isso se aplica também aos consumidores de produtos e serviços decorrentes da exploração animal. Por exemplo, a maioria das pessoas que consome produtos de origem animal não o faz porque almeja o prejuízo para os animais *por si*, e sim, porque gosta de um sabor específico. O que acontece é que, no caso dessas pessoas, o prejuízo que isso acarreta para os animais não é considerado suficiente para que mudem sua prática. Nesse caso, pelo menos, são também agentes indiferentes.

Seja lá se estivermos a falar de produtores ou consumidores, como estamos falando de agentes indiferentes, para que mudem sua conduta não é suficiente mostrar que já estão disponíveis ou que podem ser desenvolvidos métodos substitutivos ao uso de animais (como a carne celular ou os métodos de pesquisa que não usam animais, por exemplo). Para que o agente indiferente mude sua prática, é necessário que ele acredite que o método que não prejudica os animais é mais eficiente para alcançar a sua meta.

¹¹⁹ Sobre isso, ver Kahneman (2011).

¹²⁰ Para descrições detalhadas de como os animais são prejudicados em cada forma de exploração, ver *Ética Animal* (2016c).

Para efeito de simplificação, nas explicações e exemplos a seguir estão casos onde a maneira que o agente indiferente busca sua meta causa sofrimento (colateral e/ou instrumental). Vejamos como isso se relaciona com o grau de conhecimento e de poder que o agente indiferente possui para buscar sua meta:

Na tabela inicial tínhamos:

Possibilidade	Intenção	Conhecimento	Poder	Probabilidade de um resultado...
5	Indiferente	Pouco	Pouco	Pouco negativo
6	Indiferente	Pouco	Muito	Mais negativo do que em 5 e menos do que em 8.
7	Indiferente	Muito	Pouco	Mais negativo do que em 5 e menos do que em 8.
8	Indiferente	Muito	Muito	Muito negativo

Vejamos as explicações de cada possibilidade e exemplos:

(5) Suponhamos um agente indiferente com pouco poder para alcançar suas metas e pouco conhecimento sobre como fazê-lo.

Se a maneira usual de o agente indiferente buscar sua meta causa sofrimento (colateral ou instrumental), como tem pouco conhecimento sobre como alcançá-la e pouco poder para fazê-lo, a probabilidade é de o efeito ser menos negativo do que nas possibilidades seguintes (pois, provavelmente, aqui ele alcançaria essas metas em um grau menor do que nas próximas possibilidades).

(6) Suponhamos um agente indiferente com pouco conhecimento sobre como alcançar suas metas, mas com muito poder para fazê-lo.

Se a maneira usual de o agente indiferente buscar sua meta causa sofrimento (colateral ou instrumental), apesar do muito poder para fazê-lo, como tem pouco conhecimento sobre como alcançá-la, a probabilidade é de o efeito negativo não ser maximizado (pois, provavelmente, ele alcançaria essas metas em um grau menor do que se tivesse mais conhecimento).

Entretanto, dado o grau alto de poder, é provável que seja um efeito mais negativo do que na possibilidade 5.

(7) Suponhamos um agente indiferente com muito conhecimento sobre como alcançar suas metas, mas pouco poder para fazê-lo.

Nesse caso, se a maneira escolhida pelo agente indiferente para buscar sua meta causa sofrimento (colateral ou instrumental), é porque ele sabe que essa é uma maneira eficiente de alcançá-la (já que possui muito conhecimento sobre como alcançá-la). Entretanto, apesar do muito conhecimento, como tem pouco poder, a probabilidade é de o efeito negativo também não ser maximizado (pois, provavelmente, ele alcançaria sua meta em um grau menor do que se tivesse mais poder). Mas, novamente, dado o grau alto de conhecimento, é provável que seja um efeito mais negativo do que na possibilidade 5 (pois, em ambas as possibilidades, tem pouco poder, mas na possibilidade 7 tem mais conhecimento).

Agora, é incerto se o efeito negativo tenderia a ser maior ou menor do que na possibilidade 6, pois isso dependeria: (1) de se o que pesa mais na produção de sofrimento é o grau de poder ou o grau de conhecimento do agente indiferente e, (2) de qual seria a relação entre grau de conhecimento e grau de poder em cada exemplo de casos do tipo 6 e 7.

(8) Suponhamos um agente indiferente com muito conhecimento sobre como alcançar suas metas e muito poder para fazê-lo.

Nesse caso, como estamos falando de um agente com muito conhecimento, são altas as chances de ele descobrir a maneira mais eficiente de buscar sua meta. Como terá também muito poder para fazê-lo, o que é crucial aqui para determinar o quanto o resultado conterà de sofrimento é qual é a maneira mais eficiente de buscar sua meta, e o quanto ela tem como resultado o sofrimento.

É possível também que uma maneira eficiente de o agente indiferente alcançar sua meta também previna sofrimento (e talvez previna mais sofrimento do que causa). Por exemplo, quando os humanos constroem casas, prédios e rodovias em áreas selvagens, não almejam o sofrimento dos animais selvagens por si, mas normalmente também não se importam com o prejuízo causado aos animais selvagens que lá vivem (nessa situação tais agentes são,

portanto, agentes indiferentes). Provavelmente muitos animais morrerão por conta da urbanização. Entretanto, a urbanização, por diminuir também a biomassa vegetal disponível, também diminui drasticamente as taxas de reprodução, e por isso também previne que uma quantidade gigantesca de animais chegue a nascer apenas para sofrer. Apesar do dano que tal prática causa, devido ao dano gigantesco que ela também previne, é provável que ela resulte em menos mortes e sofrimento do que haver no mesmo local uma floresta. Não se está aqui a dizer que tal prática é necessariamente justificável¹²¹. O que se pretende mostrar é apenas que as práticas dos agentes indiferentes por vezes também previnem sofrimento devido aos efeitos colaterais da maneira como buscam sua meta.

13.6. Quando o objetivo é beneficiar

Na tabela inicial, tínhamos as seguintes possibilidades:

Possibilidade	Intenção	Conhecimento	Poder	Probabilidade de um resultado...
9	Beneficiar	Pouco	Pouco	Pouco positivo (ou até mesmo negativo, mas pouco negativo)
10	Beneficiar	Pouco	Muito	Pouco positivo (ou até mesmo negativo, mesmo muito negativo)
11	Beneficiar	Muito	Pouco	Pouco positivo (mas não negativo)
12	Beneficiar	Muito	Muito	Muito positivo

Essas possibilidades são explicadas e exemplificadas a seguir:

(9) Suponhamos um agente que visa beneficiar, mas tem pouco conhecimento sobre como alcançar sua meta e pouco poder para fazê-lo. Dado o pouco conhecimento e pouco poder, é provável que, se conseguir realizar algum resultado positivo, será pouco positivo. Dada a falta de conhecimento, é possível que cause até mesmo um resultado negativo sem querer mas, como tem pouco poder, provavelmente será menos negativo do que se tivesse mais poder.

¹²¹ O debate ético em torno desta prática é abordado no capítulo 36 do [Volume VII desta coleção](#).

(10) Suponhamos um agente que visa beneficiar, tem pouco conhecimento sobre como alcançar sua meta, mas muito poder para fazê-lo. Como tem pouco conhecimento, é provável que, se conseguir realizar algum resultado positivo, será pouco positivo (mas, como tem mais poder, provavelmente será mais positivo do que na possibilidade 9). Dada a falta de conhecimento, é possível que cause até mesmo um resultado negativo e, como tem muito poder, se isso acontecer, pode até mesmo causar um resultado muito negativo.

Vejamos um exemplo que ilustra as possibilidades 9 e 10:

Imaginemos que um grupo de pessoas queira beneficiar os animais selvagens. Imaginemos que essas pessoas decidem tentar fazer com que nasça o maior número possível de animais na natureza, por acreditarem equivocadamente que a maioria dos animais que nasce na natureza tem vidas predominantemente positivas (como vimos, [na verdade acontece exatamente o oposto](#)). O efeito negativo resultante será maior quanto mais poder de fazer nascer animais na natureza essas pessoas tiverem.

Vejamos agora as possibilidades 11 e 12:

(11) Suponhamos um agente que visa beneficiar, tem muito conhecimento sobre como alcançar sua meta, mas pouco poder para fazê-lo. Como tem pouco poder, é provável que, se conseguir realizar algum resultado positivo, será bem menos positivo do que se tivesse mais poder. Entretanto, como possui bastante conhecimento sobre como alcançar sua meta, as chances de causar um resultado negativo são baixas.

(12) Suponhamos um agente que visa beneficiar, tem muito conhecimento sobre como alcançar sua meta, e muito poder para fazê-lo. É provável que o resultado será muito positivo.

Vejamos um exemplo que ilustra as possibilidades 11 e 12:

Imaginemos que um grupo de pessoas queiram beneficiar os animais selvagens. Suponhamos também que essas pessoas tenham muito [conhecimento sobre quais tipos de intervenções na natureza tenderiam a ter saldo positivo e quais tenderiam a ter saldo negativo](#) ao longo do

tempo para os animais que lá vivem¹²². O efeito positivo resultante será maior quanto mais poder essas pessoas tiverem (e quanto mais aumentarem o seu conhecimento ao longo do tempo).

13.7. Comparando com situações onde não há um agente decisor

A estrutura desenvolvida aqui permite compararmos qualquer uma das 12 primeiras possibilidades (onde há um agente com uma intenção de alcançar uma meta) não apenas entre si, mas com a possibilidade 13, onde não há um agente decisor. Na possibilidade 13 estamos a falar de resultados que decorrem dos processos naturais.

Para compararmos qualquer uma das 12 primeiras possibilidades à possibilidade 13 (em termos de se o resultado seria pior ou melhor para os afetados, e o quanto), temos de pesar a magnitude dos danos naturais que aconteceriam em comparação ao que provavelmente ocorreria se os riscos associados a cada uma das 12 possibilidades se materializassem.

Por exemplo, [as vítimas da exploração animal são em número gigantesco: muitos trilhões ao ano](#). Entretanto, essa quantidade de vítimas, que já é enorme, [se torna pequena comparada às vítimas de processos naturais](#). Por sua vez, se no futuro os humanos tiverem acesso à tecnologia de colonização espacial ou de criação de seres sencientes em meios digitais, é bem possível que o sofrimento atual (somando-se aquele causado por humanos e por processos naturais) torne-se "um grão de areia" em comparação ao sofrimento que seria criado¹²³.

13.8. O que podemos tentar fazer?

A seguir estão algumas sugestões do que tentar fazer em termos de influenciar cada um dos tipos de decisores com o objetivo de que o resultado tenda para o positivo (ou, pelo menos, que seja menos negativo).

13.8.1. Em relação a quem já visa beneficiar

¹²² Esse tipo de pesquisa seria característico da biologia do bem-estar. Sobre biologia do bem-estar, ver Faria e Horta (2020) e Soryl et. al. (2021).

¹²³ Para uma discussão sobre isso, ver Baumann (2022).

Tentando ampliar a meta

Já há várias pessoas tentando causar benefícios, mas geralmente não a todos os seres sencientes. Por exemplo, a maioria das pessoas que se dedica a alguma causa o faz apenas por causas humanas, apesar de a vasta maioria do sofrimento no mundo ser padecido por animais não humanos.

Além disso, mesmo no ativismo animal, muitos animais são deixados de lado. Por exemplo, quando se fala sobre animais usados para consumo, [a vasta maioria que é usada \(crustáceos e outros invertebrados\)](#) é deixada em segundo plano ou sequer é mencionada. Há uma negligência maior ainda da [situação dos animais na natureza em decorrência dos processos naturais](#), mesmo que sejam [muito mais numerosos do que os animais explorados](#).

Então, vale a pena fornecer informações para essas pessoas, tanto sobre os fatos (por exemplo, informar sobre [quais são os animais mais usados](#), sobre a [situação dos animais na natureza](#), sobre [riscos-s](#) etc.) quanto sobre argumentos que explicam [por que devemos considerar todos os seres sencientes](#) e levar em conta [todas as formas de dano aos quais eles poderiam estar sujeitos](#).

Tentando aumentar o conhecimento

Podemos tentar fazer com que aqueles agentes que visam beneficiar obtenham mais conhecimento sobre como alcançar sua meta, especialmente se eles já têm mais poder (seja em termos de recursos, influência, poder de decisão etc.). Isso aumentaria a probabilidade de suas ações terem um saldo mais positivo mas, acima de tudo, preveniria que fossem contraproducentes.

Por exemplo, podemos tentar fornecer informações a esses agentes sobre [longoprazismo](#) e [riscos-s](#), sobre [como os processos naturais afetam os animais](#), sobre [quais os problemas que afetam as maiores quantidades de animais](#), sobre [critérios para decidir quais causas e problemas priorizar e para avaliar estratégias](#) e assim por diante.

Tentando aumentar o poder

Podemos sugerir que aqueles agentes que já têm mais conhecimento sobre como melhor alcançar a meta de beneficiar todos os seres sencientes continuem a aumentar esse conhecimento, e que também considerem fortemente tentarem aumentar o seu poder.

Por exemplo, podem tentar construir carreiras nas quais sejam bem remunerados, tentar algum cargo com poder de decisão ou aumentar o seu grau de influência (isso pode ser feito por meio da publicação de livros, artigos, ter canais em mídias sociais etc.).

13.8.2. Em relação a agentes indiferentes

Tentando fazer com que deixem de ser indiferentes

É possível tentar fazer com que os agentes indiferentes deixem de sê-lo. Muitos são indiferentes porque nunca pararam para pensar sobre essa questão. Por exemplo, a vasta maioria dos defensores dos animais, até algum ponto de suas vidas, foi indiferente em relação aos animais usados para consumo, e a maioria dos ativistas da causa animal ainda é indiferente à [situação dos animais selvagens](#) e ao [futuro em longo prazo](#)¹²⁴. É claro, muitas pessoas não deixarão de ser indiferentes mesmo depois de conhecerem os argumentos, mas pelo menos alguma parte dessas pessoas pode vir a mudar.

Vale a pena focar em pessoas que percebemos que têm potencial para mudar (sobretudo, se elas têm muitos recursos ou ocupam posições de poder, incluindo poder de influência). Por exemplo, podemos enviar a essas pessoas materiais que não apenas mostrem as [razões para se considerar todos os seres sencientes](#), mas também que ofereçam [conhecimento sobre como melhor beneficiá-los](#).

Tentando fazer com que a maneira mais eficiente de alcançarem sua meta seja benéfica

Vimos que, se os agentes indiferentes prejudicarão ou beneficiarão outros seres sencientes, é algo que depende crucialmente de qual é o modo mais eficiente de alcançarem as suas metas. Assim sendo, podemos tentar fazer com que a maneira mais eficiente de alcançarem suas metas não envolva prejudicar seres sencientes. Por exemplo, podem ser pesquisadas maneiras

¹²⁴ Para uma introdução à preocupação com o futuro em longo prazo, ver *Ética Animal* (2018).

de se produzir produtos e serviços para substituir o uso de animais (como a [carne celular](#) e os métodos de pesquisa que não usam animais).

Entretanto, como deve estar claro, apenas a existência dessas outras possibilidades não é suficiente para que os agentes indiferentes deixem de prejudicar os seres sencientes: é preciso que essas outras possibilidades sejam mais eficientes para alcançar a mesma meta, ou permitam alcançá-la em maior medida.

Por exemplo, se a carne celular se tornar mais barata de ser produzida do que criar e matar animais para o mesmo fim, provavelmente os produtores optarão por utilizá-la. Entretanto, o grau de aceitação do público provavelmente dependerá de o produto oferecer vantagens em relação ao de origem animal (por exemplo, ser mais saboroso e/ou mais barato).

Em relação a isso, podemos traçar um paralelo histórico: as carroças só foram gradualmente substituídas por carros porque o carro apresentava ao público vantagens em termos de velocidade e comodidade. Entretanto, mesmo assim, como o especismo continuou a vigorar, isso não eliminou completamente a exploração de animais como meio de transporte. Analogamente, mesmo se a carne cultivada vier diminuir o uso de animais para consumo caso venha a oferecer vantagens tanto aos produtores quanto ao público, o ativismo em defesa da consideração por todos os seres sencientes continua necessário. Entretanto, se ambas as estratégias forem combinadas, há um bom potencial de mudança.

Tentando limitar o poder

Também é possível tentar limitar o poder que os agentes indiferentes têm de prejudicar outros seres sencientes. Por exemplo, pode-se tentar criar [legislações que garantam direitos legais para animais não humanos](#)¹²⁵ e para possíveis seres sencientes futuros.

13.8.3. Em relação a agentes que visam prejudicar

É possível tentar fazer com que visem beneficiar?

¹²⁵ É importante observar aqui que garantir [direitos legais](#) é diferente de criar [leis para regulamentar a exploração](#). Sobre por que o status jurídico atual dos animais não humanos não os permite ter direitos legais, ver Francione (1995).

Poder-se-ia pensar que não há como fazer com que agentes que visam prejudicar passem a ter a meta de beneficiar. É claro, isso é muito mais difícil (talvez impossível) se estamos a falar de agentes sádicos ou psicopatas por exemplo. Entretanto, é importante lembrar que nem todos os agentes que têm como objetivo prejudicar alguém o fazem porque possuem essas tendências. Vários deles simplesmente incorporaram e reproduzem o conjunto de valores predominante em sua cultura sem refletir sobre isso. Além disso, o prejuízo que almejam causar geralmente é direcionado a grupos ou indivíduos específicos, e os motivos pelos quais as pessoas tentam fazê-lo são variáveis. Vão desde sentimentos de justiça retributiva até ódio por conta de preconceito contra indivíduos específicos. Seja lá qual for a motivação, em uma boa parte dos casos os indivíduos que o fazem acreditam estar fazendo a coisa certa. Assim, se passarem a acreditar, em determinado caso, que o que fazem não está certo, isso seria uma motivação para mudarem sua conduta.

Entretanto, normalmente os agentes que visam prejudicar possuem maior resistência à mudança do que agentes indiferentes. Assim, o nosso impacto por unidade de esforço e tempo gasto é provavelmente melhor se focarmos nas pessoas que demonstram estarem mais abertas à pensar nessas questões.

Tentando limitar o poder

Também é possível tentar limitar o poder que os agentes têm de prejudicar outros seres sencientes. Novamente, pode-se tentar criar legislações que garantam direitos legais para animais não humanos e para possíveis seres sencientes futuros.

Outras medidas que poderiam contribuir para tal prevenção seriam: (1) [tentar diminuir a polarização na sociedade](#) (pois esta aumenta as chances de conflitos e diminui as chances de reflexão na sociedade) e (2) [fortalecer sistemas políticos onde o poder é menos concentrado](#)¹²⁶.

13.8.4. Em relação a acontecimentos sem agentes

¹²⁶ Para uma discussão sobre esses pontos, ver Baumann (2022, p. 65-76).

No caso de acontecimentos sem agentes, podemos sempre tentar fazer com que o resultado dos processos naturais seja menos danoso para os animais. Por exemplo, por meio do desenvolvimento da área da [biologia do bem-estar](#), podemos pesquisar a fundo sobre como mitigar os efeitos negativos dos processos naturais sobre os animais que vivem na natureza.

Podemos também tentar aumentar a preocupação com essa questão na sociedade. Por exemplo, podemos informar, tanto sobre como [os processos naturais tipicamente prejudicam os animais](#), quanto sobre os [argumentos que fundamentam a proposta de ajudá-los e as respostas às objeções a essa proposta](#).

13.9. Limites da análise feita aqui e como corrigi-los em análises posteriores

Obviamente, em nossa análise não foram contempladas todas as variáveis que influenciam nos resultados e, como já dito, as tabelas foram imaginadas a partir de simplificações grosseiras. A seguir está uma lista de simplificações que foram feitas e como elas poderiam ser aprimoradas em análises posteriores com vistas a aumentar a precisão.

(1) Foram estabelecidos os graus de conhecimento e poder em termos de "pouco" ou "muito". Há infinitos graus dessas variáveis. Outra possibilidade seria fazer uma análise em termos de "quanto menos" e "quanto mais".

(2) A análise supôs agentes totalmente indiferentes. A indiferença é geralmente uma questão de grau. Por exemplo, um agente indiferente em um grau moderado pode aceitar pagar o preço de não alcançar sua meta da maneira mais eficiente possível, caso haja uma alternativa para alcançá-la que cause menos sofrimento ou que previna sofrimento. Entretanto, em se tratando de prejuízos causados a animais não humanos, parece que a maioria das pessoas, pelo menos quanto ao consumo de animais, tende a ser agentes quase que totalmente indiferentes.

(3) A análise supôs agentes cuja intenção é somente prejudicar ou somente beneficiar. Há muitas situações onde os agentes têm intenção de prejudicar alguns indivíduos e beneficiar outros.

(4) A análise pressupôs que os agentes em questão são racionais, no sentido de que escolherão, dentre as várias alternativas, aquela que acreditam ser a mais eficiente para

alcançar sua meta. Entretanto, na realidade os agentes muitas vezes agem de maneira irracional¹²⁷. Há situações onde um agente, mesmo acreditando que determinada estratégia é mais eficiente para alcançar a sua meta, prefere continuar a aplicar a estratégia menos eficiente, não por considerar antiética a estratégia mais eficiente, mas por conta de algum viés (como, por exemplo, o simples fato de já estar acostumado a usar a estratégia menos eficiente). Uma possibilidade nesse sentido seria investigar [quais vieses frequentemente afetam as nossas decisões](#).

(5) Trabalhamos com resultados do tipo "pouco/muito positivo" e "pouco/muito negativo". Na realidade, a maior parte das nossas decisões tem efeitos tanto negativos quanto positivos. Outra possibilidade seria fazer uma análise em termos de *saldo* positivo/negativo e tentar quantificar o tamanho desse saldo.

(6) Não comparamos aqui os 13 cenários uns com os outros no sentido de quais tenderiam a ser piores ou melhores, e em que medida. Uma tabela hierarquizando-os dessa maneira poderia ser tentada como um desenvolvimento posterior. Uma maneira de fazer isso seria, primeiro, listar quais das 13 possibilidades têm tendência a terem saldo positivo ou negativo, e tentar estimar o quão positivo ou negativo seria o saldo em cada uma das possibilidades. Obviamente, isso pode ser muito difícil de ser comparado. Por exemplo, como vimos, uma mesma possibilidade tem riscos de ser pouco positiva ou mesmo negativa, e pode ser em certas circunstâncias muito negativa. Isso tudo teria de ser levado em conta em uma comparação nesse sentido.

Entretanto, apesar dessas limitações, como já mencionado antes, a análise feita aqui oferece alguns insights úteis para nossas decisões. Esses insights estão listados a seguir.

13.10. Conclusões

Para se produzir um dano gigantesco, não é necessária uma intenção de produzir o dano. Por exemplo, a indiferença é suficiente. Além disso, é possível produzir um dano gigantesco mesmo com a intenção de reduzir o dano. Esse é o caso se estivermos equivocados quanto ao que conduzirá a tal meta. Esse dano pode ser maior do que o dano resultante de quando há a

¹²⁷ Sobre isso, ver Kahneman (2011).

intenção de produzir o dano. Isso dependerá do quanto o grau de poder de um agente que visa beneficiar ultrapassa o seu grau de conhecimento para alcançar sua meta.

Isso tudo converge para a conclusão de que as pessoas que querem tornar o mundo um lugar menos ruim precisam focar em: (1) obter cada vez mais conhecimento sobre quais as maneiras mais eficientes para alcançar essa meta e (2) tentar ter cada vez mais poder (em termos de recursos, influência, ocupar cargos públicos etc.).

Na ausência de uma dessas duas coisas, já é grande a probabilidade de não se fazer uma mudança efetiva. A presença do conhecimento sem poder é, provavelmente, ineficiente para alcançar um resultado positivo. Já a presença do poder sem conhecimento corre o risco de causar grandes danos, mesmo com boas intenções. Podemos resumir essas duas ideias com a frase "conhecimento sem poder pode ser inútil, mas poder sem conhecimento pode ser desastroso".

REFERÊNCIAS

- ALTHAUS, D. [Descriptive Population Ethics and Its Relevance for Cause Prioritization](#). *Effective Altruism Forum*, 04 abr. 2018.
- BAUM, E. T.; MEISTER, A. L. Fecundity of Atlantic Salmon (*Salmo salar*) from two Maine rivers. *Journal of the Fisheries Research Board of Canada*, v. 28, p. 764-767, 1971.
- BAUMANN, T. [S-risks: An introduction](#). *Reducing Risks of Future Suffering: Toward a responsible use of new technologies*, 2017.
- BAUMANN, T. [Avoiding the worst final: how to prevent a moral catastrophe](#). Center for Reducing Suffering, 2022.
- BECKSTEAD, N. [On the overwhelming importance of shaping the far future](#). Tese (Doutorado em Filosofia). New Brunswick: Rutgers University, 2013.
- BOYLE, P.; RODHOUSE, P. *Cephalopods: Ecology and fisheries*. Oxford: Blackwell, 2005.
- BRUELAND, H. Highest lifetime fecundity. In: WALKER, T. J. (org.). *University of Florida book of insect records*. Gainesville: University of Florida, 1995, p. 41-43.
- BURTON, K. [NASA Presents Star-Studded Mars Debate](#). *NASA*, 25 mar. 2004.
- BUTLIN, P et al. Consciousness in Artificial Intelligence: Insights from the Science of Consciousness. *arXiv*: 2308.08708v3 [cs.AI], 22 Aug. 2023
- COCHRANE, A. *Sentientist Politics: A Theory of Global Inter-Species Justice*. Oxford University Press, 2018.
- COWEN, T.; PARFIT, D. Against the social discount rate. In: FISHKIN, J.S; LASLETT, P. *Justice between age groups and generations*. London: Yale University Press, 1992, p. 144-161.

CUNHA, L. C. [A situação dos insetos: o quão importante é essa questão?](#) *Revista de Filosofia Aurora*, v. 35, 2023, p. 1-16.

CUNHA, L. C. *Uma breve introdução à ética animal: desde as questões clássicas até o que vem sendo discutido atualmente*. Curitiba: Appris, 2021.

CUNHA, L. C. *Razões para ajudar: o sofrimento dos animais selvagens e suas implicações éticas*. Curitiba: Appris, 2022.

CUNHA, L. C. [Vítimas da natureza: implicações éticas dos danos que os animais não humanos padecem em decorrência dos processos naturais](#). 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2018.

DANIEL, M. [S-risks: Why they are the worst existential risks, and how to prevent them](#). *Foundational Research Institute*, [s.l.], 2017.

ÉTICA ANIMAL. [A importância do futuro](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 24 out. 2018.

ÉTICA ANIMAL. [Animais usados por humanos](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 26 abr. 2016c.

ÉTICA ANIMAL. [Biologia do bem-estar](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 8 jul. 2019.

ÉTICA ANIMAL. [Dinâmica de populações e o sofrimento dos animais](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 27 out. 2015.

ÉTICA ANIMAL. [Éticas focadas no sofrimento](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 10 jun. 2021.

ÉTICA ANIMAL. [Introdução ao sofrimento dos animais selvagens](#). Oakland: Ética Animal, 2023 [2020].

ÉTICA ANIMAL. [Justiça plena: o que o véu da ignorância nos mostra sobre uma sociedade justa](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 31 dez. 2016.

ÉTICA ANIMAL. [O argumento da imparcialidade](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 24 dez. 2015.

ÉTICA ANIMAL. [O potencial da imagem térmica para ajudar os animais: uma revisão da literatura](#). Oakland: Ética Animal, 2024 [2022].

ÉTICA ANIMAL. [O potencial para reduzir o sofrimento dos animais na natureza utilizando amostragem de eDNA](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 21 Set. 2022b.

ÉTICA ANIMAL. [O uso de insetos para alimentação](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 21 out. 2021.

ÉTICA ANIMAL. [Quais tecnologias podem ser utilizadas para ajudar os animais selvagens?](#) *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 28 Nov. 2022d.

ÉTICA ANIMAL. [Raciocínio motivado e viés de confirmação](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 12 mar. 2019.

ÉTICA ANIMAL. [Textos sobre a exploração de insetos](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 10 fev. 2022.

ÉTICA ANIMAL. [Utilitarismo](#). *Ética Animal: ativismo e investigação em defesa dos animais*, 22 out. 2015.

FARIA, C.; HORTA, O. Welfare biology. In: FISCHER, B. (org.). *The routledge handbook Of animal ethics*. New York/London: Routledge - Taylor & Francis group, 2020, p. 455-66.

FRANCIONE, G. L. *Animals, property and the Law*. Philadelphia: Temple University Press, 1995.

FROESE, R.; LUNA, S. No relationship between fecundity and annual reproductive rate in bony fish. *Acta Ichthyologica et Piscatoria*, v. 34, p. 11-20, 2004.

GLOOR, L. [Tranquilism](#). *Center on Long-Term Risk*, 18 Jul. 2017.

GREAVES, H. & MACASKILL, W. [The case for strong longtermism](#). *Global Priorities Institute*, v. 7, set. 2019.

HINCKLEY, S. The reproductive biology of walleye pollock, *Theragra chalcogramma*, in the Bering Sea, with reference to spawning stock structure. *Fishery Bulletin*, v. 85, p. 481-498, 1987.

HORTA, O. [A seleção de causas: longoprazismo e animais](#). *Youtube*, 27 mar. 2023.

HORTA, O. Debunking the Idyllic View of Natural Processes: Population Dynamics and Suffering in the Wild. *Télos*, v. 17, p. 73-88, 2010b.

HORTA. [O que é o especismo?](#) *Ethic@*, v. 21, n. 1, p. 162-193, 2022.

KAHNEMAN, D. *Thinking, fast and slow*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2011.

KUHN, S. [Prisoner's Dilemma](#). In: ZALTA, E. N. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2019.

LAW, S. *The Philosophy Gym: 25 Short Adventures in Thinking*. New York: Thomas Dunne Books, 2003.

MANNINO, A.; ALTHAUS, D.; ERHARDT, J.; GLOOR, L.; HUTTER, A.; METZINGER, T. [Artificial intelligence: Opportunities and risks - Policy paper by Effective Altruism Foundation](#). *Effective Altruism Foundation*, [s.l.], 2015.

MEOT-NER, M.; MATLOFF, G. L Directed Panspermia: a Technical and Ethical Evaluation of Seeding the Universe. *Journal of the British Interplanetary Society*, v. 32, p. 419-23, 1979.

MOSHAGEN, M., HILBIG, B. E., ZETTLER, I. The dark core of personality. *Psychological Review*, v. 125, n. 5, p. 656–688, 2018.

O'BRIEN, G. D. [Directed Panspermia, Wild Animal Suffering, and the Ethics of World-Creation](#). *Journal of Applied Philosophy*, v. 39, n. 1, 2022.

O'BRIEN, G. D. [The Case for Animal-Inclusive Longtermism](#). *Journal of Moral Philosophy*, [s.l.], p. 1–24, 2023.

PARFIT, D. *Reasons and persons*. Oxford: Oxford University Press, 1984.

PAULHUS, D. L. Toward a taxonomy of dark personalities. *Current Directions in Psychological Science*, v. 23, n. 6, 421-426, 2014.

PEARCE, D. [Why be Be Negative?](#) *The Hedonistic Imperative*, 2010.

RACHELS, J. *The End of Life: Euthanasia and Morality*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

RASTOGI, R. K. et al. Ovarian activity and reproduction in the frog, *Rana esculenta*. *Journal of Zoology*, v. 200, p. 233-247, 1983.

ROWLANDS, M. *Animal rights: Moral, theory and practice*. 2. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2009 [1998].

SIMLER, K., HANSON, R. *The Elephant in the Brain: Hidden Motives in Everyday Life*. Oxford University Press, 2017.

SINGER, P. *Ética Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1993].

SORYL, A. A.; MOORE, A. J.; SEDDON, P. J.; KING, M. R. [The Case for Welfare Biology](#). *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, v. 34, n. 7, 2021.

TOMASIK, B. [Applied Welfare Biology and Why Wild-Animal Advocates Should Focus on Not Spreading Nature](#). *Essays on Reducing Suffering*, 03 jun. 2022.

TOMASIK, B. [How Many Animals are There?](#) *Essays on Reducing Suffering*, 07 ago. 2019a.

TOMASIK, B. [Omelas and Space Colonization](#). *Essays on Reducing Suffering*, 23 mar. 2017.

TOMASIK, B. [Preventing Extreme Suffering Has Moral Priority](#). *Youtube*, 13 mar. 2016b.

TOMASIK, B. [Reasons to promote suffering-focused ethics](#). *Essays on Reducing Suffering*, 16 abr. 2018 [2015].

TOMASIK, B. [Risks of astronomical future suffering](#). *Foundational Research Institute*, 02 jul. 2019b.

TOMASIK, B. [Why digital sentience is relevant to animal activists](#). *Animal Charity Evaluators*. 03 fev. 2015.

TOMASIK, B. [Why Maximize Expected Value?](#) *Essays on Reducing Suffering*, 07 abr. 2016 [2007].

VINDING, M. [Reasoned Politics](#). Copenhagen: Ratio Ethica, 2022.

VINDING, M. [Suffering-focused ethics: Defense and implications](#), Copenhagen: Ratio Ethica, 2020a.

VINDING, M. [Suffering and happiness: Morally symmetric or orthogonal?](#), *Center for Reducing Suffering*, 2020b.

VIŠAK, T. *Killing Happy Animals: Explorations in Utilitarian Ethics*. The Palgrave Macmillan Animal Ethics Series, 2013.